
OS
SALESIANOS
NO BRASIL
à luz da História

Riolando Azzi

Ao meu caro
amigo e professor
Bar With ofereço
este livro com muito
carinho. Quanto deves
Roma, 25-01-99

OS SALESIANOS NO BRASIL à luz da História

CORTESIA

do

CENTRO SALES. DE DOC. E PESQUISA

Barbacena

CIP-Brasil. Catalogação-na-Publicação
Câmara Brasileira do Livro, SP

A997s Azzi, Riolando, 1928-
Os salesianos no Brasil : à luz da história / Riolando
Azzi. — São Paulo : Ed. Salesiana Dom Bosco, 1982.

Bibliografia.

1. Igreja e educação no Brasil 2. Salesianos —
Brasil 3. Salesianos — Missões I. Título.

83-0949

17. e 18. CDD-271.790981
17. -261.0981
18. -261.10981
17. e 18. -266.281

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Igreja e educação : Teologia social
261.0981 (17.) 261.10981 (18.)
2. Brasil : Missões salesianas 266.281 (17. e 18.)
3. Brasil : Salesianos : História da Igreja
271.790981 (17. e 18.)

Riolando Azzi

OS
SALESIANOS
NO BRASIL
à luz da História

EDITORA SALESIANA DOM BOSCO
SÃO PAULO
1983

(1883-1983: Centenário da chegada dos Salesianos ao Brasil.)

Editora Salesiana Dom Bosco
Rua da Mocca, 766 — C.P. 30.439
01051 — São Paulo, SP
Fone: (011) 279-1211 (PABX)

SUMÁRIO

Introdução	9
I — Os salesianos e os bispos reformadores	15
II — Dom Lacerda e os salesianos	18
III — A presença de Dom Bosco	21
IV — Lasagna e a reforma católica	24
V — Os salesianos e a romanização da Igreja	27
VI — As orientações da Santa Sé	33
VII — A implantação da obra salesiana	38
VIII — Os vicentinos e a obra salesiana	42
IX — Os primórdios da atividade missionária	47
X — A assistência aos imigrantes italianos	53
XI — Os salesianos e a política imperial	59
XII — A reação liberal à vinda dos salesianos	65
XIII — Os salesianos na ordem republicana	69
XIV — A modernidade da obra salesiana	73
XV — Os oratórios festivos e a juventude abandonada	78
XVI — As escolas profissionais e agrícolas	82
XVII — Os salesianos e a imprensa católica	87
XVIII — Os colégios e a oficialização do ensino	91
XIX — A influência militar nos colégios	96
XX — O Sistema Preventivo de Dom Bosco	101
XXI — A alegria salesiana: a música e o teatro	106
XXII — A prática sacramental	110
XXIII — A devoção mariana	115
XXIV — A devoção ao Coração de Jesus	119
XXV — Espiritualidade e santidade	124
XXVI — Amigos e Cooperadores Salesianos	129
XXVII — A organização dos Ex-alunos	135
XXVIII — A atuação dos Irmãos Coadjuutores	140
XXIX — O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora	144
XXX — A Instituição dos Filhos de Maria	150
XXXI — Vocações e formação sacerdotal	156
XXXII — A consolidação da obra salesiana	161
Conclusão	168
Indicações bibliográficas	179

*Aos meus
antigos mestres salesianos
com estima e gratidão.*

INTRODUÇÃO

Os salesianos completam, em 1983, cem anos de presença no Brasil. Uma instituição que atinge o centenário tem certamente relevância histórica, sobretudo num país como o nosso que ainda não completou cinco séculos de vida sob a influência da civilização européia.

A tarefa de definir os termos dessa relevância compete aos cientistas sociais, e em modo especial aos historiadores.

Não é de hoje, aliás, que a obra salesiana desperta o interesse de cronistas e estudiosos de história. Deixando de lado numerosos estudos monográficos sobre pessoas ou instituições salesianas, alguns de caráter bastante crítico, quero lembrar quatro autores que são, a meu ver, mercedores de um destaque especial.

O primeiro é Luís Marcigaglia, autor da importante obra em três volumes *Os Salesianos no Brasil*, por ele mesmo intitulada como um "ensaio de crônica"¹. Marcigaglia foi, de fato, por todos os colégios onde passou, um salesiano preocupado em preservar a memória histórica desses diversos institutos. Embora sem preocupação com a citação de fontes e documentos, Marcigaglia fez obra de cronista sério, preservando do esquecimento pessoas e fatos destacados dos primórdios da obra salesiana no Brasil. Tendo vivido sempre no Centro-Sul do país, o autor dá ênfase de modo particular à vida salesiana nessa região.

Para o conhecimento da obra salesiana no Norte e Nordeste do país, Carlos Leônico da Silva é um autor indispensável. É dele a obra *Sete Lustros da Inspetoria Salesiana do*

¹ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, v. I 1955; v. II 1956; v. III 1959.

Norte do Brasil (1895-1930), com características análogas à de Marcigaglia. Prevalece o tom de crônica, sem preocupação em citar ou anexar documentos².

Quanto à história das missões salesianas, dois nomes devem ser lembrados. O primeiro deles é Vítor Hugo, com estudo bastante amplo sobre as missões na região amazônica, sob o título *Desbravadores*. A obra, em dois volumes, ultrapassa os limites de uma crônica, e se apresenta com características de estudo histórico, com indicação expressa das fontes e documentos consultados³.

Obra análoga a essa foi escrita por João Baptista Durore, intitulada *Dom Bosco em Mato Grosso*, objetivando estudar a ação missionária salesiana em Mato Grosso. Também aqui os documentos são estudados e citados explicitamente. Apenas o primeiro volume, referente aos anos 1894-1904, foi publicado⁴.

Enquanto nas duas primeiras obras, os autores se circunscrevem aos limites precisos da atuação salesiana, fazendo apenas ocasionalmente alguma referência aos fatos da vida da Igreja e da sociedade brasileira, já nos dois estudos sobre as missões o quadro se amplia bastante, e a obra de Dom Bosco é apresentada de modo mais integrado no panorama da história do país. Todavia, esse contexto é utilizado geralmente apenas como pano de fundo, ou como moldura que deve servir para dar mais brilho ainda à figura principal do quadro, ou seja, a obra de Dom Bosco. Raras vezes se evidenciam os condicionamentos que o contexto histórico impõe ao projeto salesiano, quer na área missionária, quer na área educativa.

Existe, assim, um enfoque comum nos quatro autores aqui apresentados. Todos, ao se debruçarem sobre a história da Congregação Salesiana, procuram efetivamente evidenciar seus momentos de glória, seus heróis, as grandes empresas realizadas. Enfim, trata-se sempre de enaltecer os feitos sale-

² Silva, Carlos Leôncio da, *Sete Lustras da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*, Lorena, 1966.

³ Hugo, Vítor, *Desbravadores*, Edição da Missão Salesiana de Humaitá (Amazonas), 1959, 2 v.

⁴ Durore, João Baptista, *Dom Bosco em Mato Grosso*, Campo Grande, Missão Salesiana de Mato Grosso, 1977, v. I.

sianos no país, quer como desbravadores do território e civilizadores dos indígenas, quer como educadores da juventude e formadores da sociedade cristã brasileira.

Essa glorificação da obra de Dom Bosco provém do apreço que os salesianos sempre nutriram para com o seu fundador. Criou-se de fato quase um verdadeiro mito ao redor de sua figura. Desse modo a literatura sobre Dom Bosco e sua obra tem freqüentemente um caráter triunfalista e apoteótico.

Recentemente começaram a ser publicados estudos mais sérios que, sem negar o profundo significado da atuação desse padre turinês na história da Igreja Católica, procuram situar sua figura dentro do contexto histórico da época, fazendo ver assim também as suas limitações.

Essa reavaliação de Dom Bosco e de sua obra em termos históricos e científicos é muito importante para que efetivamente se possa medir o alcance de sua contribuição educativa em prol da juventude, e de sua colaboração na atividade pastoral da Igreja, e a partir daí definir novas metas e rumos no novo contexto eclesial e social em que vivemos.

Com razão, pois, ao prefaciар o volume em que se reeditavam os escritos publicados por Dom Bosco, Pietro Braido declarava a 8 de dezembro de 1976:

“Não se desejam certamente discursos triunfalistas, pagnégíricos estéreis, evocações comemorativas. Dom Bosco não pode nem suporta distorções historiográficas, que façam dele um homem de vanguarda ou com o primado nos setores mais díspares: oratórios, escoteirismo, formação profissional, literatura juvenil e popular, imprensa, esporte, trabalho educativo, sistema preventivo, música e canto dos meninos, teatro recreativo, coadjutores, ex-alunos etc. A pesquisa rigorosamente histórica deverá esclarecer um ou outro argumento, com suma atenção às particularidades e ao contexto”.

E prossegue a seguir:

“Mas o que poderá interessar e tornar-se mais vivo e historicamente válido para hoje e para amanhã será o empenho de aprofundar com seriedade e sem preconceitos o significado real da mensagem vivida, da herança espiritual, do potencial religioso e humano, da eventual novidade que Dom

Bosco e seus continuadores ofereceram e entregam continuamente ao mundo e à Igreja, juntamente com as razões e as condições de efetiva capacidade de expansão e dilatação vital”⁵.

É dentro dessa linha de orientação que aceitei o convite dos salesianos para realizar uma pesquisa histórica sobre a atuação dos discípulos de Dom Bosco nos Estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Goiás, incluindo o Distrito Federal, ou seja, dentro dos atuais limites da Inspeção de São João Bosco, com sede em Belo Horizonte.

Foi feito um primeiro projeto sobre a história dos salesianos no Rio de Janeiro, prevista em seis volumes. Desses, três já foram publicados e o quarto está em preparação⁶.

Embora sendo um dos números previstos para a comemoração do centenário, a publicação da obra deverá ser estendida ainda por vários anos.

Por essa razão, decidi preparar este pequeno volume, onde fossem indicados em forma condensada alguns elementos para essa avaliação da atuação salesiana no Brasil, pois nesse projeto tão amplo eles se apresentam dispersos, diluindo-se de certo modo o impacto do seu significado.

Minha preocupação básica é tentar oferecer dados que possam permitir um juízo crítico sobre a presença dos salesianos no país.

Para melhor concretizar o objetivo deste estudo, decidi escolher duas chaves para a interpretação da história salesiana: a relação com a Igreja institucional e a relação com a sociedade brasileira.

Sendo a congregação de Dom Bosco uma instituição fundada especificamente como uma expressão de serviço dentro da Igreja Católica, creio que uma das melhores formas de avaliar a contribuição histórica dos salesianos seja analisar

⁵ Stella, Pietro, *Gli Scritti a Stampa di San Giovanni Bosco*, Roma, LAS, 1977, p. 9-10.

⁶ Azzi, Riolando, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco: v. I *Os Primórdios da Obra Salesiana (1875-1884)*, 1982; v. II *A Implantação da Obra Salesiana (1884-1894)*, 1983; v. III *A Organização da Obra Salesiana (1894-1908)*, 1983.

a atuação desses religiosos no contexto da Igreja do Brasil, na qual eles se inseriram a partir de 1883.

Por outro lado, tendo a Congregação Salesiana como finalidade primordial a educação da juventude, outra possibilidade de avaliação consiste em verificar qual a influência e o impacto dessa atuação educativa sobre a própria sociedade brasileira.

Esta minha opção de abordagem histórica, evidentemente, não exclui outros enfoques possíveis sobre a obra salesiana.

Minha ótica, portanto, não é tanto a obra salesiana em si, mas sim a articulação da presença salesiana com a vida da Igreja e da sociedade.

Para realizar essa tarefa, privilegiei o estudo dos documentos dos primeiros cinquenta anos de atuação da Congregação Salesiana no Brasil, ou seja, as duas últimas décadas do século passado e as três primeiras deste século.

Tal opção seletiva foi motivada por diversas razões.

A principal delas proveio justamente da importância histórica desse período, seja para a Igreja do Brasil, seja para a própria sociedade brasileira.

De fato, quando a obra salesiana é aqui implantada, estava em plena fase de afirmação o movimento dos bispos reformadores, visando transformar a Igreja tradicional, constituída nos moldes de uma Cristandade, em força do regime de Padroado, num modelo de Igreja segundo os padrões tridentinos. É esta sem dúvida uma das fases mais importantes da Igreja do Brasil, cujos efeitos serão consolidados até os anos 60, já em pleno século XX.

Também a vida social no Brasil passa por uma fase de transição muito importante nesse período. Com o movimento pela abolição da escravatura, decretada em 1888, a tradicional sociedade patriarcal, latifundiária e escravocrata, dirigida em modo absoluto pela classe senhorial, começa a entrar em crise, e progressivamente abre espaço para uma burguesia urbana em ascensão, que vinha lutando por uma participação no poder político e econômico e por maior influência social. A revolução de 1930 permitiu ampliar o âmbito

de poder dessa classe burguesa, com seu projeto de industrialização do país em moldes capitalistas.

Desse modo, nas três décadas que se seguem à revolução de 30 tanto a Igreja hierárquica como a sociedade burguesa em ascensão consolidam suas posições, cuja conquista fora iniciada no período anterior.

Por conseguinte, os salesianos se estabelecem no Brasil dentro de uma Igreja e de uma sociedade em crise, onde novos valores religiosos e sociais se sobrepõem às antigas formas de vida católica e de organização social. Tais elementos são básicos para uma avaliação da atuação histórica dos salesianos.

Outra razão importante para enfatizar o estudo das cinco primeiras décadas de presença salesiana é a falta de memória histórica generalizada no país, e que afeta também a vida dos próprios institutos religiosos. Assim sendo, as novas gerações desconhecem praticamente suas origens históricas, religiosas e sociais. Espero, pois, que este estudo ajude a preservar e valorizar essa primeira etapa de implantação e consolidação da obra salesiana no Brasil.

Acresce ainda que tenho dedicado a esse período especial atenção, o que me dá melhores condições para expressar um juízo mais adequado sobre a presença histórica dos salesianos, em vista da multiplicidade de dados e documentos já consultados.

Por último, convém também assinalar que existem ainda muitas pessoas vivas que tiveram participação expressiva na vida da congregação nos últimos cinquenta anos, o que evidentemente dificulta uma avaliação mais serena sobre o valor efetivo de sua contribuição histórica.

É dentro desses critérios e dessas limitações que devem ser lidas as páginas que seguem.

OS SALESIANOS E OS BISPOS REFORMADORES

A vinda dos salesianos para o Brasil em 1883 resultou de amplos e longos entendimentos havidos anteriormente entre o bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, e os Superiores da Congregação em Turim. Os primeiros discípulos de Dom Bosco não se instalaram em nossa pátria espontaneamente, ou seja, a partir de uma decisão da Congregação, mas sim como resposta a uma solicitação de diversos membros do episcopado brasileiro, empenhados no movimento de reforma católica do Brasil. Uma avaliação do importante significado da presença dos salesianos neste país exige que se leve em consideração o contexto de história da Igreja naquele período. É o que pretendo ressaltar nestas linhas.

Desde meados do século XIX iniciou-se no Brasil um importante movimento do episcopado brasileiro, empenhado na substituição do antigo modelo eclesial de Cristandade, de origem medieval, implantado no período colonial, pelo modelo de Igreja considerado como sociedade hierárquica, preconizado pelo Concílio Tridentino. Na realidade a Igreja do Brasil nasceu como um departamento do Estado Lusitano, em vista dos direitos de Padroado conferidos pela Santa Sé à Coroa de Portugal. Durante todo o período colonial, e ainda nas primeiras décadas do século XIX, o chefe efetivo da Igreja aqui estabelecida era o monarca lusitano, sucedido posteriormente pelo Imperador do Brasil. D. Celso Queiroz, em sugestivo estudo sobre *A Igreja no Brasil*, refere-se a essa primeira etapa da história eclesiástica com estas significativas palavras:

“Lembremos... a época colonial, em que a Igreja era praticamente um departamento do Estado colonizador, situação fundamentalmente conservada, em termos de relacionamento com o Estado, durante a época imperial”¹.

A partir dos primórdios do Segundo Reinado, o bispo de Mariana, D. Antônio Ferreira Viçoso, iniciou o esforço para vincular a Igreja do Brasil à Santa Sé, desatando-a das malhas do Padroado imperial. Esse movimento assumiu o caráter de verdadeira luta pela liberdade da Igreja. O movimento encontrou logo apoio de outros bispos, que passaram a recusar sua função de altos funcionários da Coroa e a declarar-se abertamente como membros de uma hierarquia eclesiástica dependente diretamente do Sumo Pontífice. Os bispos queriam plena liberdade de ação religiosa, sem interferência do poder civil. Para implantar no Brasil essa nova concepção de Igreja, os preladados contaram desde o início com o apoio de alguns institutos religiosos vindos da Europa, entre os quais destacaram-se a Congregação dos Padres da Missão ou Lazaristas, a Companhia de Jesus, que reingressava no Brasil após a expulsão de 1759, e a Ordem dos Frades Capuchinhos. Na medida em que o movimento foi se afirmando, os bispos decidiram procurar na Europa novos institutos religiosos que viessem colaborar com a reforma católica.

Em 1872 um discípulo de D. Viçoso, o bispo do Rio de Janeiro D. Lacerda, sob a orientação da Santa Sé, iniciou uma campanha contra a maçonaria, com o apoio de D. Macedo Costa, bispo do Pará, e de D. Vital de Oliveira, de Pernambuco. Os dois últimos lançaram interdito às Irmandades religiosas que, contrariando as decisões episcopais, mantinham membros maçons. Essas confrarias religiosas, aproveitando-se do regime de Padroado ainda vigente, apelaram para D. Pedro II e o governo acabou decretando a prisão e a condenação dos dois bispos. Estes foram anistiados em 1875 pelo ministério presidido por Duque de Caxias.

Acabava o Brasil de sair dessa forte crise religiosa entre Estado e Igreja quando, a 7 de dezembro desse mesmo ano, aportaram no Rio de Janeiro os primeiros salesianos chega-

¹ Queiroz, D. Antônio Celso, *A Igreja no Brasil*, Rio de Janeiro, CRB, 1977, p. 11.

dos à América do Sul, em viagem com destino à Argentina. Seguindo uma sugestão de Dom Bosco, aproveitaram a oportunidade para visitar o prelado local.

A partir desse primeiro encontro, o bispo do Rio de Janeiro, que ainda não conhecia os salesianos, começou a vislumbrar na obra salesiana, fundada em Turim em 1841, um instrumento valioso para incrementar em sua diocese o movimento de reforma católica, mediante a educação da juventude pobre e desamparada.

II

DOM LACERDA E OS SALESIANOS

Foi graças ao interesse do bispo do Rio de Janeiro, D. Lacerda, que os salesianos decidiram implantar sua obra no Brasil. O nome de Pedro Maria de Lacerda merece um destaque especial na história dos salesianos do Brasil.

Formado em Mariana, na escola de D. Viçoso, manteve durante toda a sua vida grande afeição para com os institutos religiosos que estavam colaborando com o episcopado na tarefa de reforma da Igreja do Brasil.

Nutria, antes de tudo, um grande apreço para com os Padres da Missão, com os quais convivera desde os tempos de menino, pois D. Viçoso era membro dessa mesma Congregação. Ao assumir a diocese do Rio de Janeiro, D. Lacerda confiou aos lazaristas franceses a direção do seminário diocesano, a exemplo do que já fazia anteriormente o próprio bispo de Mariana. Estes religiosos se transformaram progressivamente nos formadores do novo clero brasileiro, dentro dos moldes da concepção tridentina de Igreja.

Ao ser nomeado bispo, D. Lacerda já encontrou no Rio de Janeiro os capuchinhos italianos, instalados então no morro do Castelo, e com eles manteve sempre um relacionamento de muita cordialidade.

Uma estima particular tinha o prelado pelos padres da Companhia de Jesus, visitando-os diversas vezes em seu colégio de Itu, nas proximidades de São Paulo. Abriu também as portas de sua diocese para que eles se instalassem em Nova Friburgo, já em fins da época imperial. Desde então, esse estabelecimento jesuítico tornou-se um local muito frequentado pelo bispo do Rio de Janeiro.

A partir do primeiro encontro com os filhos de Dom Bosco em 1875, os salesianos foram progressivamente conquistando um lugar muito expressivo no coração do bispo da Corte. Oito anos após, em carta pastoral datada de 22 de junho de 1883, ele destacava ainda a importância desse evento, escrevendo:

“Muito ainda folgamos ao pensar que somos o primeiro bispo de toda a América que viu, acolheu, festejou e abençoou os filhos espirituais do respeitável e sábio padre Dom João Bosco, famoso na Itália, celebrado na América do Sul e no mundo”.

Em 1877, juntamente com o bispo do Pará D. Macedo Costa, D. Lacerda esteve em Roma, à frente de uma peregrinação brasileira organizada por ocasião das festas cinquentenárias do episcopado de Pio IX. Foi exatamente nos salões do Vaticano que o prelado do Rio teve a oportunidade de encontrar-se pela primeira vez com Dom Bosco. Nessa ocasião, oficializou o pedido de que os salesianos viessem fundar uma obra em sua diocese. Na mesma carta pastoral já citada, D. Lacerda referia-se a esse significativo encontro com estas palavras:

“Foi pois aí, nesse palácio apostólico do Vaticano, e junto do sagrado túmulo de S. Pedro, que nós pedimos ao mesmo Dom Bosco que enviasse para o Rio de Janeiro alguns de seus salesianos, e tivemos a doce consolação e ventura de ouvir de sua própria boca palavras de boas e bem fundadas esperanças”¹.

Dias depois, o bispo teve oportunidade de conhecer a obra salesiana em Turim, onde renovou a solicitação dos discípulos de Dom Bosco para sua diocese.

Em vista dos compromissos assumidos na Argentina, e em seguida no Uruguai, os superiores de Turim procuraram contemporar o mais possível a realização dessa promessa.

Não obstante, mediante insistentes cartas, o bispo do Rio de Janeiro procurou pressionar Dom Bosco para que atendesse ao seu pedido. A 13 de abril de 1881, já meio desa-

¹ *Carta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Offícios, Artes e Letras em Niterói, Rio de Janeiro, 1883, p. 11.*

nimado, ele escrevia uma longa carta com um apelo dramático, encerrando com estas palavras:

“Oh! esperanças perdidas. E não serão filhos *meus* os filhos de Dom Bosco?... Adeus, pois, caríssimos salesianos *meus*. Meus?... Foi um sonho, um raio de esperança que se desfez, desvaneceu-se no largo espaço de quatro anos”.

A carta, de fato, comoveu Dom Bosco. E, ao publicar o texto desse apelo episcopal, a redação do *Bollettino Salesiano* acrescentava este tópico bem expressivo do fundador da obra salesiana:

“Quem teria coração para não atender a semelhantes desejos e a tais súplicas? Portanto, se bem que sejam previstas grandes dificuldades, depois de ler e reler esta carta, não nos sentimos com coragem para dar um *não* ao prelado brasileiro. Teremos de suportar enormes sacrifícios, mas, confiantes em Deus e na caridade dos fiéis, faremos com que o zelosíssimo D. Lacerda, nos primeiros meses do próximo ano letivo, possa finalmente exclamar: Os *filhos teus* também são *filhos meus*”².

Com sua persistência, o bispo do Rio de Janeiro havia vencido. Os salesianos se dispuseram a ingressar na diocese fluminense, e para oferecer também a sua colaboração ao plano de reforma pastoral que estava sendo promovido pelo episcopado brasileiro.

D. Lacerda ocupa, portanto, um lugar muito significativo na história dos primórdios da obra salesiana no Brasil, pois coube a ele ser o “segundo” Pai dos filhos de Dom Bosco.

² *Bollettino Salesiano*, ano V, 1881, agosto, p. 3-5.

III

A PRESENÇA DE DOM BOSCO

O grande promotor da vinda dos salesianos ao Brasil foi o bispo do Rio de Janeiro D. Pedro Maria de Lacerda. Nessa tarefa, porém, ele foi grandemente auxiliado por um fato muito significativo: a grande repercussão que o nome de Dom Bosco começava a ter no Brasil através da imprensa. Bem antes da chegada de seus discípulos a Niterói, o fundador da Congregação Salesiana já era assaz conhecido, especialmente nos meios católicos brasileiros, mediante a divulgação de seu nome e da sua obra.

Desde 1878 começaram a ser publicados no Rio alguns artigos referentes aos salesianos. Já em carta de 31 de agosto desse ano, endereçada a Dom Bosco, Lacerda ressaltava esse aspecto, afirmando:

“Não sei porque aqui começaram a publicar a tradução de artigos sobre Dom Bosco, louvando-o muito e a seus salesianos. Não fui eu quem publicou os artigos”¹.

De fato, já em data do dia 14 de agosto desse ano, o jornal *O Apóstolo* transcrevia um extenso artigo da autoria do português Antônio de Almeida intitulado *Dom Bosco*, com este tópico inicial bastante sugestivo:

“Há em Turim uma nova fundação católica que é um prodígio de solo.

Tal fundação é a Congregação e Oratório Salesiano; o fundador, o sacerdote Dom Bosco, do qual já temos falado com o devido elogio.

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

Começou aquela obra pia recolhendo o nomeado presbítero os rapazes abandonados e levando-os para a sua apertada residência.

Hoje é um grande estabelecimento em suas dimensões materiais e imensamente maior em suas condições morais.

Atualmente é seminário de missões, colégio de humanidades, casa de aprendizagem de mais de vinte e quatro ofícios e artes. O templo edificado pelo mesmo Dom Bosco é um dos mais belos e amplos daquela cidade”².

Pouco antes que os salesianos chegassem a Niterói, Dom Bosco fizera uma viagem à França, onde fora recebido triunfalmente pela população católica.

Os ecos da acolhida festiva ao fundador da Congregação Salesiana chegaram até o Brasil. Durante os meses de maio e junho de 1883, Dom Bosco tornara-se notícia.

Essa repercussão da visita do apóstolo turinês a Paris criou uma moldura que serviu para dar maior realce ao fato da vinda dos salesianos para o Brasil.

O próprio P. Lasagna observava que o nome de Dom Bosco era uma bandeira que facilitava o ingresso da nova congregação religiosa na diocese fluminense, e sua expansão pelo Brasil.

Em carta de 7 de agosto de 1883 ele comunicava ao P. Barbéris:

“Já faz 26 dias que estou no Rio de Janeiro. Se visse o entusiasmo por Dom Bosco e pelos salesianos! Aqui circulam muitos jornais parisienses, e bem pode imaginar a impressão que terá feito sobre o ânimo deles a narração das coisas estrepitosas que faz o nosso venerando Dom Bosco!”³.

Esses acontecimentos não eram conhecidos apenas através da leitura dos jornais franceses, muito comum na época, mas também pela transcrição de notícias e artigos feita pela imprensa local. Nesses artigos Dom Bosco é designado por vezes como o “apóstolo da Itália” e até mesmo como “o S. Vicente de Paulo da Itália”⁴.

² O *Apóstolo*, ano XIII, 14 de agosto de 1878.

³ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁴ O *Apóstolo*, ano XVIII, 13 de junho e 1.º de julho de 1883.

Também o bispo Lacerda, em sua carta sobre a fundação do colégio salesiano de Niterói, dirigida aos fiéis da diocese, fazia a seguinte referência à visita de Dom Bosco à França:

“No presente momento lá está Dom Bosco em Paris, procurado por imenso número de visitantes, de todas as classes, rodeado de avultado auditório, que ouve de seus lábios a história das maravilhosas fundações salesianas; e já comissões de senhoras e senhores das mais elevadas posições sociais tratam de reunir esmolas necessárias para levantar nas margens do Sena, em Paris, estabelecimentos como os que se admiram nas ribanceiras do Pó, em Turim”⁵.

A repercussão do nome de Dom Bosco foi tão grande que logo de início houve numerosas solicitações para a implantação da obra salesiana no Brasil.

Mesmo depois da morte, ocorrida a 31 de janeiro de 1888, a vida e a obra de Dom Bosco continuaram a despertar o interesse da imprensa católica brasileira. A partir de 18 de novembro desse ano, durante meses seguidos, a biografia de Dom Bosco escrita pelo Dr. Charles d’Espiney foi publicada em pequenos trechos pelo jornal *O Apóstolo*, numa tradução do texto francês feita por Emília B. da Silva Pontes.

Não obstante, se a imprensa católica enaltecia Dom Bosco e seus discípulos, não faltaram restrições à atuação desse apóstolo da juventude por parte da imprensa leiga de caráter liberal. Com agudo senso crítico, os liberais percebiam que a nova congregação fundada por Dom Bosco, e que agora se implantava no Rio de Janeiro, era mais um reforço à afirmação progressiva do movimento dos bispos reformadores, com sua marca ultramontana e clerical.

Se o nome de Dom Bosco facilitava a aceitação da obra salesiana entre os católicos, por outro lado despertava a hostilidade dos liberais, em vista da colaboração que os seus discípulos vinham dar ao movimento de reforma da Igreja do Brasil.

⁵ *Carta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Offícios, Artes e Letras em Niterói, Rio, 1883, p. 8.*

IV

LASAGNA E A REFORMA CATÓLICA

Discípulo de D. Viçoso, o bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, vislumbrava nos salesianos valiosos colaboradores para a consolidação do movimento de reforma católica em sua diocese. Por isso preconizava com urgência a vinda dos filhos de Dom Bosco para o Brasil.

A fim de examinar as possibilidades concretas da nova fundação, foi enviado ao Brasil o P. Luís Lasagna. Formado na escola de Dom Bosco, Lasagna concebia a obra salesiana como uma instituição destinada a integrar-se plenamente dentro da concepção de Igreja vigente naquela época. Por isso dispôs-se, desde o início, a colaborar generosamente com o movimento dos bispos reformadores brasileiros. Os filhos de Dom Bosco, portanto, se haviam de alinhar ao lado de outros institutos religiosos, como auxiliares do projeto pastoral do episcopado.

Em carta de 6 de maio de 1882, ao anunciar sua viagem ao Brasil, Lasagna escrevia ao fundador da Congregação.

“V. R. conhece as súplicas comovedoras com que nos pedem auxílio os zelosos bispos do Brasil, os quais, vendo-se tão sós numa região vasta e sem limites, desencorajados e tristes, imploram socorro, com vozes de cortar o coração. É tempo, pois, de voarmos em seu auxílio, assentarmos lá nossas tendas e banharmos com os nossos suores aquelas regiões imensas”¹.

Ao término dessa primeira visita, em carta escrita de Villa Colón a 24 de novembro de 1882, o Inspetor volta a insistir na necessidade da presença dos salesianos, a fim de

¹ *Bollettino Salesiano*, ano VI, 1882, julho, p. 118-119.

cooperarem com a atividade pastoral dos bispos. Eis suas palavras:

“Os bispos, estas sentinelas sempre vigilantes do santo rebanho de Deus, cercaram-me de cuidados verdadeiramente comovedores.

No Rio de Janeiro, Ceará, Maranhão e Pará fizeram questão que eu ficasse com eles, sob seus tetos, em suas mesas, não cessando de suplicar e pedir insistentemente que os socorrêssemos em sua angústia”².

No Brasil, portanto, o lugar dos salesianos estava bem definido na mente de Lasagna: seria ao lado dos bispos reformadores, onde aliás já se situavam os membros de outros institutos religiosos.

Sobre os religiosos que aqui atuavam, Lasagna tem palavras de grande entusiasmo e admiração. Referindo-se aos lazaristas, cuja obra fez questão de visitar no Rio, escrevia:

“Dirigem o Seminário Maior e Menor e aí ensinam com proveito; têm a direção espiritual das numerosas Filhas da Caridade, e de todos os estabelecimentos a elas filiados, catequizando e pregando com uma abnegação que os torna admiráveis. Avançam sempre, quer nas epidemias, quer nos perigos. Nunca recuam; não sabem o que seja medo. Alguns sucumbiram, mas vieram outros substituí-los, cobiçando à porfia a palma do martírio, quer dizer, do martírio da caridade cristã”³.

No convento dos capuchinhos, no morro do Castelo, o Inspetor encontrou antigos missionários italianos. E em carta a Dom Bosco de 24 de maio de 1882, ele se extravasa neste arruobo:

“Oh! eu me teria lançado cem vezes aos seus pés, tanto me comoveu e exaltou a vista daqueles venerandos anciãos, verdadeiros campeões da fé, que de própria mão batizaram milhares e milhares de infiéis. Oh! onde estão os novos missionários, os novos heróis que se sintam com coragem de descer à arena, onde estes recolheram tantas almas para Jesus Cristo e tantas coroas para si próprios?”⁴.

² *Bollettino Salesiano*, ano VII, 1883, fevereiro, p. 27s.

³ *Bollettino Salesiano*, ano VI, 1882, agosto, p. 132a.

⁴ *Bollettino Salesiano*, ano VI, 1882, agosto, p. 132s.

É evidente que, nessas palavras, Lasagna tinha em vista incentivar a próxima vinda dos salesianos, como os novos colaboradores do episcopado.

Também Teodoro Massano, companheiro de viagem do Inspetor, estava imbuído das mesmas idéias.

Em carta escrita a 26 de julho de 1882 ao P. Ricardi, assim se refere à atitude dos bispos diante da visita dos dois salesianos:

“Oh! se visse como nos abraçaram aqueles zelosos pastores. Como agradeceram ao Senhor pela nossa chegada, com quanto interesse nos expunham as necessidades de suas dioceses, abandonadas à deplorável ignorância e a todos os vícios. Pobrezinhos. Dioceses imensas pesam sobre os seus ombros, um povo imenso”.

Aliás, Massano observara com acuidade que, até então, apenas pequena parte do clero estava motivada pelo movimento reformador, embora esses poucos fossem bastante fervorosos. A função dos novos institutos religiosos seria, pois, tanto a de atuar junto a eles, para consolidá-los no novo espírito do catolicismo, como a de desdobrar-se em atividades pastorais destinadas a ampliar a esfera de influência da reforma. É nesse sentido que ele afirma a respeito do clero:

“Aqueles poucos, fiéis à sua missão, se concentram, se afervoram, e se multiplicam num trabalho intenso. Que fazer? É possível abandoná-los? Por que não ficamos também nós com eles?”⁵.

Em última análise, a crise observada no catolicismo brasileiro não havia esmorecido os dois salesianos que tinham vindo ao Brasil para uma primeira tomada de posição. Pelo contrário, diante das prementes necessidades, mais dispostos estavam eles a oferecer o auxílio de Dom Bosco à hierarquia eclesiástica do Brasil. Este era, de fato, o pensamento de Lasagna, a quem cabia efetivamente tomar decisões. Era nessa perspectiva que ele via o significado da vinda dos Salesianos para o Império Brasileiro: o fortalecimento do catolicismo romano.

⁵ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

OS SALESIANOS E A ROMANIZAÇÃO DA IGREJA

Uma das características principais da reforma implantada pelos bispos do Brasil em meados do século XIX foi o seu nítido caráter romano. Daí poder-se falar desse período como uma verdadeira fase de romanização da Igreja do Brasil.

Roger Bastide assinala quatro aspectos principais da romanização: a afirmação de uma Igreja institucional e hierárquica que se estende sobre todas as variações populares do catolicismo; a emergência reformista do episcopado, em meados do século XIX, para controlar a doutrina, a fé, as instituições e a educação do clero e do laicato; a dependência cada vez maior, por parte da Igreja brasileira, de padres estrangeiros, vindos da Europa, principalmente das congregações e ordens religiosas, para realizar a transição do catolicismo colonial ao catolicismo de caráter mais universalista, com absoluta rigidez doutrinária e moral; por último, a busca desses objetivos independentemente e mesmo contra os interesses políticos locais.

A esses tópicos, Ralph della Cava acrescenta ainda um quinto item: a integração sistemática da Igreja brasileira, quer no plano institucional, quer ideológico, nas estruturas altamente centralizadas da Igreja Católica, sob a direção da Cúria Romana¹.

Durante os séculos XVIII e XIX os católicos da Europa se cindiam em dois grupos: os chamados católicos regalistas,

¹ Della Cava, Ralph, *Milagre em Joazeiro*, Rio, Paz e Terra, 1977, p. 43.

galicanos ou jansenistas, que defendiam os interesses de uma Igreja mais vinculada à sua Nação, sob certa dependência do poder civil e com um cunho de ação marcadamente político, e os designados como católicos “romanos ou ultramontanos”, que apregoavam uma adesão incondicional ao Papa, dentro de uma Igreja de caráter universal, mas sob a orientação exclusiva da Santa Sé.

No Brasil, a vinculação com Roma fora muito débil no período colonial, pela forma que a Igreja assumiu dentro do regime de Padroado. Mas a partir do século passado, especialmente por influência do novo espírito trazido pelos lazarisistas, a Igreja do Brasil passa a proclamar sua adesão total ao Papa, tentando desvincular-se da dependência do Padroado Imperial. Esse cunho romanista que marca a renovação católica, representa uma opção consciente dos bispos reformadores. É para Roma que eles enviam seus melhores alunos e colaboradores, a fim de completar a formação sacerdotal, capacitando-se para a direção dos seminários e para o exercício da atividade pastoral.

Unindo suas forças em torno do ideal tridentino, os bispos procuram levar avante a reforma tanto a nível do clero como a nível do povo.

O ponto chave para a reforma do clero é a instituição dos seminários eclesiásticos, sob a orientação de congregações religiosas européias.

Na reforma do povo cristão, o enfoque básico é a necessidade de melhor instrução catequética, para afastá-lo, segundo os bispos, da ignornância religiosa, das práticas supersticiosas, e das manifestações de irreverência e de fanatismo no culto.

Para trazer o povo a uma vida religiosa mais consentânea com os padrões tridentinos, os bispos tomam uma série de medidas práticas, que podem ser sintetizadas em dois aspectos principais: em primeiro lugar, eliminar progressivamente os elementos considerados profanos no culto religioso, como meio de purificação da religião do povo; em segundo lugar, fazer com que o clero assuma a total direção das manifestações de culto e das associações religiosas, de modo a poder utilizá-las como instrumento de catequese popular.

A justificativa dos bispos para tirar do povo a tradicional autonomia na área religiosa era a crise por que estavam passando as confrarias e os centros de devoção administrados por pessoas ou entidades leigas. Em substituição dos leigos, a maioria dos centros de devoção foi confiada a ordens religiosas trazidas da Europa com essa finalidade específica.

Ao chegar à América do Sul no último quartel do século passado, os salesianos estavam plenamente imbuídos da mentalidade romanista, que se havia afirmado sobretudo a partir do pontificado de Pio IX, como consequência direta do acentuado ultramontanismo. Foi durante esse pontificado que Dom Bosco fundou a Congregação Salesiana, passando a considerar Pio IX como seu grande benfeitor. Mais ainda, deixava como norma aos salesianos uma fidelidade irrestrita às diretrizes romanas da Santa Sé.

Uma das expressões desse espírito romanista encontra-se no nome escolhido para o primeiro estabelecimento do Uruguai: Colégio Pio, exatamente em honra do pontífice então reinante, Pio IX.

Ao inaugurar solenemente a 2 de fevereiro de 1887 o Colégio Pio, de Montevidéu, o P. Luís Lasagna fazia essa declaração expressiva:

“Antes de empreender a viagem que nos trouxe a esta terra, fomos a Roma a prostrar-nos aos pés do Santo Padre, o imortal Pio IX, que teve para conosco palavras terníssimas de carinho e animação”.

E mais adiante acrescentava:

“Sim, senhores: vos trago da inclita Roma, a todos os cidadãos desta República, uma saudação, uma bênção de Pio IX, daquele que, queiram ou não queiram os seus inimigos, é a figura mais bela, mais simpática, a maior do século XIX”².

Essa era não apenas a mentalidade de Lasagna, mas também dos primeiros salesianos que se estabeleceram em nosso país, vindos diretamente do Uruguai. É sob a ótica romana que os discípulos de Dom Bosco procuram orientar sua atividade.

² Belza, Juan E., *Lasagna, el Obispo Misionero*, Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1970, p. 80-81.

Com o correr dos anos, alguns dos religiosos mais lúcidos começaram a perceber que esse espírito poderia provocar distorções, seja na atuação educativa, seja no trabalho pastoral.

Um exemplo típico dessa evolução encontra-se no próprio Lasagna. Na medida em que se integrava na realidade latino-americana, percebia mais claramente que uma concepção nitidamente européia de Igreja constituía um obstáculo para que a atividade religiosa dos salesianos produzisse os efeitos desejados.

Esses conceitos foram por ele expressos numa longa carta escrita ao superior geral da congregação, o P. Rua, em data de 10 de setembro de 1895, na cidade de Guaratinguetá, a respeito da pronúncia romana do latim. Nessa carta ele assinala tanto a sua intransigência romana inicial, como também evidencia o espírito bem mais aberto do próprio Dom Bosco. Afirma ele:

“Recordo-me de ter sido eu o primeiro entre nossos queridos missionários que no ano de 1881 provoquei do nosso venerando Dom Bosco uma decisão sobre o modo de pronunciar o latim.

Vinha eu do Uruguai, onde não havia nem seminário nem colégio onde se ensinasse o latim. Tal língua estava excluída da própria universidade.

Nós salesianos éramos os únicos que a fazíamos estudar naquela República, tanto em Colón como em Las Piedras; e portanto encorajei muito a Dom Bosco a querer recomendar a que nos ativéssemos à pronúncia romana, de preferência à espanhola. Parecia-me que assim poderíamos generalizar essa pronúncia em todo o país, e dar a todo o clero essa maior semelhança com os usos papais e romanos.

Dom Bosco louvou a minha proposta, e sem dar-me ordem, disse-me que *se não houvesse obstáculos* assim fosse feito... e preferíssemos em todas as nossas casas, escolas e funções, a pronúncia romana.

Continuei portanto com sumo empenho até o ano passado, mas via cada dia crescer os *obstáculos* previstos por Dom Bosco”.

Em seguida Lasagna passa a expor cinco razões principais para que se adotasse no latim a pronúncia típica de cada região. A primeira é a seguinte:

“Não sendo as nossas escolas oficializadas, os nossos alunos devem fazer seus exames também de latim nas universidades (de Montevideu, São Paulo e Rio de Janeiro), em cujo programa se exige o latim desde dez anos atrás. E se os nossos jovens se apresentassem com a pronúncia à romana, seriam *ipso facto* reprovados”.

Merece destaque especial o quarto motivo, assim expresso:

“Nós somos estrangeiros nesta terra, e devemos fazer de tudo para que nos perdoem essa condição; devemos evitar razões de antipatias e atritos que infelizmente são inevitáveis; por que portanto querer acentuar a nossa condição de *gringos*, como dizem, com ostentar uma pronúncia que não lhes agrada?”.

E prossegue com este tópico bastante expressivo:

“Dom Bosco não queria que nem sequer nos hábitos nos diferenciássemos dos sacerdotes do lugar, e o fez constar nas Santas Regras; permitiria agora que provocássemos antipatias obstinando-nos numa pronúncia que não traz nenhum bem real?”.

Ao final da carta, Lasagna chega à seguinte conclusão:

“Procuremos, portanto, ser romanos na piedade, no fervor herdado dos mártires, e aprendido pelos pontífices; sejamos romanos no amor ardente à fé de Pedro; romanos nos ritos, nas cerimônias, no corte dos sagrados paramentos; isto sim, se deve inculcar ainda mais. Na pronúncia do latim, porém, seremos romanos em Roma, na Itália, mas fora seria ridículo”.

E acrescenta:

“Vi o nosso sapientíssimo pontífice Leão mostrar-se muito condescendente com os *ritos orientais*, a fim de atrair aqueles povos a si; e nós, tratando-se de ganhar almas para Jesus, agiremos de modo diferente em coisa de nenhuma importância?”³.

³ Belza, Juan E., ob.cit., p. 420-422.

A pressão dos superiores de Turim, porém, continuou forte, enfatizando o caráter romano da Congregação Salesiana; e a pronúncia romana do latim continuou a ser mantida de forma intransigente. Aliás, essa tensão entre uma visão mais italiana e européia e uma concepção mais latino-americana de vida foi constante na implantação da obra de Dom Bosco no Brasil, sendo acentuada, por vezes, pelas próprias exigências da Santa Sé.

VI

AS ORIENTAÇÕES DA SANTA SÉ

A implantação da obra salesiana no Brasil deveu-se de maneira especial à solicitação de alguns bispos brasileiros, destacando-se nesse sentido o empenho do prelado do Rio de Janeiro D. Pedro Maria de Lacerda. Foi graças a seus insistentes pedidos que Dom Bosco decidiu enviar seus filhos e discípulos a este país sul-americano.

Na realidade, porém, o estabelecimento dos salesianos em nossa pátria não esteve vinculado apenas à iniciativa dos bispos brasileiros e às decisões dos superiores de Turim. Dois outros pólos de poder político tiveram um peso importante durante a tramitação desses entendimentos: a Cúria Romana e a Corte imperial. Desse modo, nos trâmites efetuados para o início da atividade salesiana houve não apenas dois interlocutores, mas quatro: os superiores de Turim, os bispos brasileiros, o governo imperial e a Santa Sé.

Desde meados do século XIX, a Igreja Católica vivia num período de grande centralização de poderes na Cúria Romana. O próprio movimento de reforma católica no Brasil foi conduzido pelo episcopado sob a supervisão direta de Roma, através da nunciatura apostólica. Também a atividade dos institutos religiosos passava a sofrer então um rígido controle das congregações romanas.

A autoridade da Santa Sé era acatada por Dom Bosco com grande respeito. Daí sua preocupação em não contrariar de forma alguma as orientações recebidas de Roma. Foi esta a principal razão da demora em atender ao bispo D. Lacerda, que visitara o Oratório de Turim em 1877 para pedir pessoalmente salesianos para sua diocese. Antes mesmo de voltar

para o Brasil, a 23 de novembro desse mesmo ano, o prelado escrevia de Lisboa uma longa carta a Dom Bosco, voltando a insistir no pedido. Declarando-se *apóstolo dos salesianos*, solicitava também que Dom Bosco fundasse uma obra em Portugal¹.

A 8 de fevereiro do ano seguinte, Dom Bosco respondia de Roma:

“Em se tratando de ir para o Rio de Janeiro, é geral o entusiasmo entre os salesianos. Eles não se importam da febre amarela ou preta. Vão dispostos a tudo.

Chegando a Turim, me entenderei com o Capítulo e deliberarei quando e como o nosso projeto poderá traduzir-se em realidade”.

Mas em seguida acrescentava:

“Terei dificuldades não leves de caráter pessoal.

Pio IX, nos últimos dias, deu ordem ao Cardeal Vigário de acertar com Dom Bosco acerca da abertura de uma ou duas casas salesianas em Roma. Sendo isto como o testamento do Santo Padre, há um entusiasmo geral para que tudo seja concretizado o quanto antes. Não obstante isso, querendo Deus, D. Lacerda terá os salesianos para si, a fim de que lhe sejam para sempre filhos e servos intimamente dedicados”².

O tom da carta, como se pode observar, era encorajador, não obstante Dom Bosco referir-se às prioridades impostas pelo próprio Pio IX, falecido pouco antes.

Lacerda continuou sua ofensiva, numa série de cartas a Dom Bosco, comunicando-lhe que já tinha reservado na praia de Jurujuba, perto de Niterói, um local para a instalação da obra salesiana.

A 1.º de agosto de 1878 o fundador da obra salesiana escreve pela segunda vez ao bispo Lacerda, mostrando-se então mais reticente com relação à obra do Brasil. Tal mudança de atitude provinha de restrições impostas diretamente pela Santa Sé com relação à rápida expansão da obra sale-

¹ Ceria, Eugênio, *Memorie Biografiche del Beato Giovanni Bosco*, Turim, SEI, 1931, v. XIII, p. 298s.

² Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro. O texto em português foi publicado em *Centenário Salesiano em Foco*, agosto de 1982, p. 16s.

siana. Preocupada com a multiplicação de casas salesianas em diversos países, a Cúria Romana desejava efetivamente manter a nova congregação sob o seu controle. As novas obras, além disso, deveriam atender aos critérios de prioridade estabelecidos diretamente por Roma. Em vista disso, Dom Bosco comunica ao bispo Lacerda as ordens recebidas do novo papa Leão XIII:

“Existe, porém, uma dificuldade por parte do Santo Padre. Ele nos mandou abrir quanto antes uma casa em Roma, e uma outra na cidade de Spezia, perto de Gênova. Agora nos manda que ajudemos D. Cocchia, bispo de Santo Domingo, cuja catedral está fechada, e estão fechados também o Seminário Maior e Menor, e quase todas as outras igrejas, por falta de padres.

Depois destas ordens e de outras semelhantes, declarou-me que se deve ir mais devagar e não abrir tantas casas”.

A Santa Sé, portanto, usava uma dupla medida: por um lado criticava Dom Bosco pela facilidade em abrir novas obras; por outro, premiava também por diversas solicitações, prescrevia ao fundador da Congregação Salesiana uma série de prioridades a serem atingidas.

Desejoso de atender ao bispo do Rio de Janeiro, mas sem contrariar as ordens de Roma, Dom Bosco propunha ao bispo uma estratégia política, nestes termos:

“Eu, então, precisaria que o senhor me fizesse um grande favor, e escrevesse uma carta ao Santo Padre. Não fale destes nossos entendimentos, mas diga simplesmente que já estávamos de acordo em irmos para a sua diocese; que agora, havendo pedidos de tantas partes, surgiram dificuldades; e que pede à Sua Santidade que fale aos salesianos para que mantenham a palavra dada, indo para a sua diocese, onde há tanta necessidade deles”.

E Dom Bosco, num tom de velada crítica, conclui:

“Essa sua carta levará o Santo Padre a não falar mais que estamos abrindo muitas casas, enquanto ele mesmo no-lo ordena”³.

³ Arquivo da Cúria do Rio de Janeiro. *Centenário Salesiano em Foco*, agosto de 1982, p. 18.

Mas D. Lacerda, de temperamento tímido, e mesmo obstinado, era bem pouco afeito às atitudes e manobras diplomáticas. Diante dessa última carta de Dom Bosco deixa-se levar momentaneamente pelo desânimo. Por isso escreve a 6 de outubro ao fundador da Congregação Salesiana:

“Mas eis que o Santo Padre quer os salesianos. Dom Bosco disse-me uma vez por carta, que por isso o pessoal era escasso e estava em falta. Ah! Bom Deus! portanto perdidas minhas esperanças, e diferidas para *pridie kalendas graecas*, para não dizer para as próprias kalendas gregas... (isto para rir um pouco). Morrerei antes ou depois?”⁴.

A 14 de maio de 1879, vendo que nada se decidia, Lacerda volta a insistir em ter uma resposta de Dom Bosco. Mas nega-se a utilizar o recurso diplomático sugerido por Dom Bosco:

“Escrever ao Papa não, porque o senhor, melhor do que eu, pode defender a minha causa diante do papa Leão XIII”⁵.

Dom Bosco, conhecedor profundo da Cúria Romana, havia sugerido a Lacerda o caminho certo e oportuno para que a obra salesiana pudesse ser mais rapidamente iniciada no Brasil. Diante da recusa do prelado em seguir sua sugestão, e premido também pela Cúria Romana, resolveu deixar a questão da obra salesiana no Brasil em banho-maria.

Em 1881 também o bispo do Pará, D. Macedo Costa, decidiu solicitar a vinda dos salesianos para sua diocese. Mais político do que Lacerda, escreveu em seguida ao secretário de Estado de Leão XIII, Ludovico Jacobini, reforçando o pedido. Este remeteu a carta a Dom Bosco, “exortando-o a secundar, no melhor modo que lhe for possível, um pedido ao qual aquele prelado vincula tão grande importância em vantagem da religião no Brasil”.

E prosseguia em seguida:

“Julgo supérfluo acrescentar que o Santo Padre veria com muita satisfação que o senhor correspondesse plenamente e solitamente aos votos expressos pelo zeloso D. Macedo Costa”⁶.

⁴ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁵ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁶ Ceria, Eugênio, *Memorie Biografiche del Beato Giovanni Bosco*, Turim, SEI, 1932, v. XV, p. 626.

A Santa Sé, portanto, oficializava a permissão do ingresso dos salesianos no Brasil.

Em resposta ao secretário de Estado, datada de 7 de setembro de 1882, Dom Bosco comunicava que, além do bispo do Pará, já havia também o pedido do bispo do Rio de Janeiro.

A 12 de setembro o cardeal Jacobini respondia a Dom Bosco que o Santo Padre ficara feliz com os dois projetos do Brasil. Ao mesmo tempo lhe comunicava que havia um novo interesse pela presença dos salesianos, agora por parte do bispo de Cuiabá, D. Carlos D'Amour.

Se em 1878 a Santa Sé recomendava a Dom Bosco mais moderação na abertura de novas obras, em 1882, premida pela solicitação dos bispos, exortava-o a que iniciasse quanto antes não apenas uma, mas três obras no Brasil!

Evidentemente, pelos laços de amizade que o vinculavam desde muito a D. Lacerda, Dom Bosco deu preferência ao pedido da diocese do Rio de Janeiro. E assim, no ano seguinte, fundou-se o Colégio Santa Rosa, em Niterói.

VII

A IMPLANTAÇÃO DA OBRA SALESIANA

Em modo análogo ao fundador da Congregação Salesiana, também Lasagna, promotor da obra de Dom Bosco no Brasil, era imbuído de um espírito eclesial muito intenso. Era numa perspectiva de Igreja que ele via a presença dos salesianos no Brasil.

Ao mesmo tempo, porém, era ele dotado de um dinamismo excepcional. Em vista disso, já em 1881, Dom Bosco o nomeava Inspetor do Uruguai e do Brasil. Uma nomeação significativa, pois ainda não havia nenhuma obra salesiana em nosso país. Nada, creio eu, expressa melhor a confiança de Dom Bosco nesse jovem sacerdote, que contava então 31 anos.

O novo Inspetor estava consciente de que o ingresso dos salesianos no Império Brasileiro representava um grande passo para a congregação de Dom Bosco, quer em sua expansão na América Latina, quer em sua missão de conquista religiosa para a fé, tal como era entendida naquela época. Era um homem de grande visão, e excelente capacidade organizativa. Por essa razão, havia decidido fazer uma viagem preliminar, destinada a sondar o terreno e estudar a melhor maneira de implantação da obra. É nesse sentido que, antes da partida de Villa Colón, no Uruguai, ele escreve a Dom Bosco, em data de 6 de maio de 1882:

“Antes, porém, de aventurar nessa tarefa o primeiro grupo de salesianos, a prudência exige que alguém os preceda, para explorar o terreno e escolher, naquela imensa superfície, um ponto estratégico e menos exposto ao perigo. Confortado com a sua bênção, meu amadíssimo Pai, empreen-

derei esta primeira viagem que irá abrir para a nossa congregação as portas de um império cuja extensão é igual a três quartos da Europa”¹.

No Brasil, além de D. Lacerda, também o bispo do Pará, D. Macedo Costa, havia solicitado a presença dos salesianos em sua diocese.

Em companhia do clérigo Teodoro Massano, Lasagna fez questão de viajar do Rio até o Pará, visitando diversas dioceses e analisando a realidade brasileira, antes de dar o passo inicial.

Em vista da distância do Uruguai, descartou logo a possibilidade imediata de uma obra no Pará, e preferiu atender o pedido do bispo do Rio de Janeiro, que, aliás, gozava também de uma precedência cronológica. Mas, mesmo correndo o risco de contrariar D. Lacerda, não aceitou a proposta de que a fundação fosse feita na praia de Jurujuba, numa propriedade do seminário episcopal. Em carta a Cagliero, datada de 29 de maio de 1882, o Inspetor afirmava taxativamente:

“Aqui é necessário caminhar com os pés no chão. Jurujuba é malsã, fora de mão, próxima a um lazareto para os empestados... Basta. O bispo não fala mais nela”².

Mobilizou então dois conhecidos do Rio, Melo e Morrissy, para que procurassem um lugar adequado, de acordo com suas indicações. Estes não perderam tempo; e quando Lasagna voltou da viagem ao Pará, já havia sido vislumbrado um novo local.

Ao regressar ao Rio, a 22 de julho, Lasagna entrou em contato com os dois amigos, e juntos foram inspecionar a chácara. Lasagna também se entusiasmou logo pela nova casa. E foi imediatamente ter com o bispo para fechar negócio, tendo em vista a promessa de 50.000 libras, feita anteriormente pelo prelado.

Em carta a Cagliero, datada de 3 de agosto, Lasagna narra pormenorizadamente os passos dados desde o encontro com Morrissy e Melo, ao voltar do Pará:

¹ *Bollettino Salesiano*, ano VI, 1882, julho, p. 118-119.

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

“De fato, apenas cheguei, corri a vê-los, e me conduziram a Niterói, cidade capital da província do Rio de Janeiro, situada em frente ao porto, a um quarto de hora de vapor, e lá, um pouco fora, aos pés dos montes, num lugar imenso chamado Santa Rosa, com um bonde que passa à porta, fizeram-me visitar uma bela propriedade, com grandíssimo terreno ao redor, o mais belo, o mais saudável que se possa encontrar em toda a província, e, por meio de amizade e recomendação, tinham-no conseguido exatamente por 50.000 liras. Bem. Muito bem. Aprovei-o e solicitei a compra”.

No dia 3 de agosto registrava-se a escritura de venda da propriedade. Na mesma carta a Cagliari, nessa data, Lasagna traça em algumas pinceladas a posição do futuro colégio:

“Do Rio a gente vai a Niterói em meia hora ou pouco mais. A cada dez minutos parte um vapor em forma de casa, e por 8 soldos nos leva para casa. Niterói é uma cidade de 20.000 habitantes, e ao redor da nossa casa há muitíssima população, sem uma capela, sem uma escola, pois toda a cidade não tem senão uma só paróquia e duas capelas com três padres ao todo. Portanto a missão dos salesianos será grande sobre todos os aspectos”³.

Não interessava ao Inspetor apenas uma localização salubre e adequada para a nova obra, mas também a possibilidade de uma área para a atuação pastoral e educativa dos religiosos.

Na carta anual aos cooperadores, a 2 de janeiro de 1883, Dom Bosco anunciava oficialmente:

“Para secundar os desejos do Santo Padre, no Império do Brasil se adquiriu uma casa na cidade de Niterói, não longe do Rio de Janeiro, para acolher pobres aprendizes”⁴.

Estavam, pois, lançados os fundamentos para o início da obra salesiana no Brasil.

Também a progressiva expansão da obra salesiana é toda ela planejada por Lasagna.

Belza fez questão de assinalar a preocupação constante de Lasagna com um projeto bem definido, nestes termos:

³ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁴ *Bollettino Salesiano*, ano VII, 1883, janeiro, p. 23.

“Existe um esquema de organização que ele sempre remexe em sua cabeça. Quer nuclear as casas em grupos, de acordo com a distância, os meios de comunicação e as características regionais, de tal maneira que se ajudem mutuamente, e que quando Turim o entenda — e se lamenta continuamente de que não o entende — se formem novas inspetorias.

No princípio, pensou em duas grandes zonas: o Uruguai e o Brasil. Diferiu logo a escolha de Belém, não só por falta de pessoal, de organização de escola etc., mas principalmente porque estava muito fora da unidade nuclear com a qual ele sonhava.

Diante da insistência da Santa Sé e dos superiores de Turim, ordenou uma nova tática. A primeira casa do Norte brasileiro devia fundar-se no Recife — que era então porto obrigatório na rota da Europa —, e como de navio distava menos da Itália do que do Rio, devia depender dos superiores de Turim, até que começasse a ramificar-se dentro de uma nova unidade. E assim o fez.

Quando nasceram as missões do Mato Grosso, idealizou logo sobre o mapa um novo sistema: Cuiabá, as Missões, Villa Concepción, Assunção e Corrientes... Já que não era fácil a comunicação com Paissandú, tinha que esperar que os salesianos se estabelecessem em Corrientes. Mas mudou de idéia quando descobriu as grandes diferenças das diversas regiões, por motivos de nacionalidade”⁵.

Com muita razão, portanto, Lasagna pode ser considerado efetivamente como o fundador da obra salesiana no Brasil. E para levar avante esse projeto, Lasagna contou sempre com ampla colaboração de leigos católicos.

⁵ Belza, Juan E., *Lasagna el Obispo Misionero*, Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1970, p. 418.

VIII

OS VICENTINOS E A OBRA SALESIANA

Ao zelo religioso e ao dinamismo do P. Lasagna se deve em grande parte o êxito da implantação da obra salesiana no Brasil. Espírito aberto, soube ele valer-se da colaboração de auxiliares leigos para levar avante essa difícil tarefa. Entre esses colaboradores, merecem destaque os confrades da Sociedade de São Vicente de Paulo de Niterói e do Rio de Janeiro, de São Paulo e do Recife. Convém assinalar, aliás, que os vicentinos se haviam destacado, desde meados do século passado, como promotores da reforma católica no país, dentro dos moldes traçados pela hierarquia eclesiástica.

Em modo análogo aos primórdios do Oratório Festivo de Valdocco, Turim, a presença de colaboradores leigos é muito expressiva na fundação de diversas instituições salesianas brasileiras.

A associação vicentina muito auxiliou a implantação da obra salesiana em Niterói. Por seu lado, em retribuição, os primeiros salesianos dispuseram-se também a dar assistência espiritual a esses leigos católicos.

Foram dois confrades vicentinos, Guilherme Morrissy e Antônio Correia de Melo, os principais articuladores para a compra do terreno e da primitiva casa em Niterói, no bairro de Santa Rosa.

Em seu diário pessoal, referente ao ano de 1883, Guilherme Morrissy anota os seguintes fatos, dos quais emerge claramente essa amizade entre vicentinos e salesianos.

"Dia 17 de julho. Às 5:30 fui à Praia Grande reunir-me aos vicentinos, e fomos em bonde especial visitar os sale-

sianos... Os salesianos fizeram-nos grandes festas, e nos deram o prazer de ouvi-los cantar e tocar até às 8:00. Eles já se vão acostumando ao lugar.

Dia 15 de agosto. O P. Lasagna foi como diretor espiritual da romaria dos vicentinos à paróquia de São Lourenço. Lá chegaram às 8:00. A missa foi celebrada pelo P. Lasagna. Almoçaram debaixo das árvores. Voltaram à Igreja cantando a Ladainha dos Santos. Houve *Te Deum* e bênção, e o P. Lasagna pregou o seu primeiro sermão no Brasil; muito bom”.

Lasagna viajou em seguida até São Paulo, e ao voltar depois para o Rio, em princípios de setembro, pregou para os vicentinos os exercícios espirituais. Em carta datada de 16 de outubro de 1883, assim escrevia ele a Dom Bosco:

“No Rio de Janeiro também preguei muito em português: entre outras, também preguei oito dias de retiro a todas as conferências reunidas de São Vicente de Paulo. É tanta a estima e o entusiasmo que aquela gente tem por Dom Bosco, que basta aos olhos deles que alguém seja seu filho, para que deva ser um santo e um talento”¹.

Ao dar destaque aos que haviam colaborado para a incipiente obra salesiana de Niterói, o *Boletim Salesiano* também colocava em relevo a participação dos vicentinos, no seguinte texto, referente às atividades do P. Lasagna:

“Tendo o nosso P. Lasagna, antes de partir do Brasil, pregado oito dias de exercícios espirituais às várias conferências reunidas de São Vicente de Paulo do Rio de Janeiro e Niterói, inscreveu também alguns daqueles católicos zelosos e influentes entre os cooperadores salesianos, os quais nos serão de grande auxílio na nossa difícil empresa”².

No arquivo do Colégio Santa Rosa encontra-se uma folha impressa em que se anuncia, para o dia 15 de agosto de 1884, a romaria dos vicentinos ao Colégio Santa Rosa.

Convém assinalar, aliás, que tal romaria foi repetida diversas vezes nos anos subsequentes.

Se em Niterói foi relevante a colaboração dos vicentinos, tendo à frente Morrissy e Melo, em São Paulo destacou-se o Dr. Saladino de Aguiar.

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

² *Bollettino Salesiano*, ano VII, 1883, dezembro, p. 202.

O P. Luís Marcigaglia, primeiro cronista da obra salesiana no Brasil, assinala a participação dos vicentinos nestes termos:

“A fundação do Liceu está unida à história dos vicentinos de São Paulo. Havia uma Conferência do Sagrado Coração de Jesus, cujo presidente, o Dr. Saladino de Aguiar, fizera vir da Europa uma bela imagem do seu orago, em vulto grande, que ficou provisoriamente na Igreja de Santa Efigênia. Diante dessa imagem fez-se pela primeira vez em São Paulo o mês do Sagrado Coração.

A seguir, quiseram aqueles confrades ter uma capela própria, onde ficasse a imagem. Compraram um bom terreno na Alameda Glette, que fora aberta na chácara de dois suíços, os Srs. Glette e Nothman, e levaram ao bispo D. Lino, que na ocasião se achava em Itu, o desenho da capela projetada. O bispo quis que ampliassem o projeto e iniciassem a construção de uma igreja maior.

Em seguida foi pedida a vinda dos salesianos para atenderem aos ofícios da igreja em construção e para fundarem em São Paulo um Liceu de Artes, Ofícios e Comércio.

Atendendo à solicitação do prelado e dos amigos vicentinos, Lasagna foi a São Paulo em setembro de 1883, estabelecendo-se então os pontos fundamentais para a fundação da nova obra salesiana, sendo criada uma comissão para os inícios dos trabalhos”.

Conclui Marcigaglia:

“É de justiça destacar, na comissão, o trabalho e a dedicação do Dr. Saladino de Aguiar e do P. João Batista Gomes”³.

Ao chegarem ao porto do Rio, a 14 de julho de 1883, os primeiros salesianos encontraram a esperá-los o vicentino Guilherme Morrissy. Não deixa de ser significativo que também os primeiros salesianos a chegarem a São Paulo a 5 de junho de 1885, vindos do Rio, tenham sido recepcionados pelo vicentino Saladino de Aguiar, presidente da comissão para a abertura do Liceu.

³ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 37-38.

A iniciativa para a vinda dos salesianos para Recife partiu também da conferência vicentina. Em 1891 era presidente dessa associação o Dr. Carlos Alberto de Menezes, fundador da Fábrica de Tecidos de Camaragibe. No relatório apresentado à Assembléia Geral Vicentina, a 12 de abril desse ano, Menezes concitava seus confrades “a volver todos os esforços para uma obra em beneficio da infância e da mocidade, cujo segredo pretendia estudar numa viagem que pretendia fazer à Europa, e para isso contava com o auxílio dos padres salesianos”⁴.

As notícias dos bons resultados que os salesianos vinham obtendo em Niterói e no Estado de São Paulo, através de sua atividade educativa, já haviam chegado ao Recife.

Em sua viagem pela Europa, para onde partiu a 3 de maio de 1891, Alberto de Menezes visitou o Oratório de Turim, e expôs ao P. Miguel Rua o desejo de conseguir os salesianos para Pernambuco. Tendo o Superior Geral prometido enviá-los no prazo de dois anos, Alberto de Menezes deixou em Turim a quantia de cinco contos de réis para a viagem dos primeiros religiosos.

Confiantes na palavra do P. Rua, os vicentinos do Recife começaram a se movimentar para preparar a casa para a chegada dos salesianos. O comendador José Maria de Andrade pôs, então, à disposição do futuro colégio salesiano, o velho solar de Mondego. A sociedade vicentina adquiriu, então, a propriedade, para aí instalar um estabelecimento educativo.

A pedido do P. Rua, Lasagna foi ao Recife, em agosto de 1891, para examinar pessoalmente a proposta, e aprovou o local.

Os primeiros salesianos vindos da Europa chegaram ao Recife no dia 10 de dezembro de 1894. O vicentino Alberto de Menezes foi recebê-los a bordo.

Em carta de 23 de dezembro desse mesmo ano o P. Clélio Sironi comunicava ao P. Rua a chegada a Pernambuco nesses termos:

“Após uma ótima viagem, no dia 10 do corrente chegamos ao lugar do nosso destino, onde fomos recebidos cari-

⁴ *Era Nova*, 20 de abril de 1891.

nhosamente por estes beneméritos senhores que com tanto empenho se ocupam da vinda dos salesianos para esta cidade... O Sr. Carlos Alberto de Menezes, homem de grande virtude e nosso principal benfeitor, ao acompanhar-nos a visitar a nova casa, disse forte a todos, em língua italiana, que esta é a Casa de Dom Bosco”⁵.

Através dos vicentinos, portanto, também o laicato católico participava ativamente na implantação da obra salesiana no Brasil, destinada especialmente à juventude pobre e abandonada.

⁵ *Bollettino Salesiano*, ano XIX, 1895, março, p. 71-72.

IX

OS PRIMÓRDIOS DA ATIVIDADE MISSIONÁRIA

Embora a Congregação Salesiana tivesse sido fundada com a finalidade de atendimento às necessidades da juventude pobre e abandonada, o fundador Dom Bosco fizera questão de destacar desde o início que a atividade de seus discípulos estaria sempre vinculada também às metas prioritárias estabelecidas pela Santa Sé.

Quando começaram a chegar as primeiras solicitações para uma presença dos salesianos na América Latina, Dom Bosco fez questão de ouvir o parecer de Pio IX. Em suas orientações, o pontífice determinou que os salesianos deveriam vir para a América Latina com duas preocupações específicas: conversão e civilização dos indígenas, e, ao mesmo tempo, assistência religiosa aos numerosos imigrantes italianos.

A obra salesiana desenvolveu-se inicialmente na Argentina, privilegiando como território de atividade missionária a Patagônia. Em seguida, os discípulos de Dom Bosco expandiram-se também para o Uruguai e para o Brasil.

Em nosso país, a implantação da obra se deu com a fundação de um Liceu de Artes e Ofícios em Niterói, secundando o desejo do bispo Lacerda.

Mas Lasagna, então inspetor do Uruguai e do Brasil, tinha sempre em mente desde o início a preocupação missionária. De fato, o ideal missionário constituía uma força motriz muito grande, capaz de estimular a vinda de novas levas de religiosos da Itália e de outros países da Europa.

As perspectivas missionárias se abriram desde a primeira viagem de Lasagna ao Pará, em 1882, como se des-

prende da correspondência enviada a Turim. Em carta escrita de Villa Colón, a 24 de novembro, o inspetor voltava a enfatizar o aspecto missionário dessa futura fundação:

“Já escrevi sobre isso outras vezes, detendo-me de preferência sobre as missões do Pará, que é a chave dos misteriosos e riquíssimos vales do Amazonas, povoados por numerosíssimas tribos de selvagens. Já lhe demonstrei a conveniência e quase a necessidade de enviar logo àquela região um grupo de missionários”¹.

Não obstante o entusiasmo, três considerações provocavam restrições por parte do inspetor salesiano quanto à possível fundação da obra de Dom Bosco no Pará. Em primeiro lugar, a excessiva distância, não só de Montevidéu, mas até mesmo do Rio de Janeiro. Embora tanto o Pará como o Rio de Janeiro fossem províncias do Império brasileiro, a comunicação entre ambas só podia ser feita por via marítima, em viagem difícil e demorada. Desse modo, a instituição salesiana que se fundasse no Pará ficaria praticamente isolada. Em segundo lugar, havia a falta contínua de pessoal, já insuficiente para atender às urgentes necessidades da inspetoria, que compreendia então dois países. Em terceiro e último lugar, teve ainda peso no ânimo de Lasagna a informação de que o bispo Macedo Costa havia restringido o âmbito de ação dos jesuítas, tirando-lhes assim o estímulo para se fixarem em sua diocese.

Entrementes, também o bispo de Cuiabá havia escrito diretamente ao internúncio Mocenni, a fim de que conseguisse religiosos para colaborar nas atividades pastorais de sua diocese. Conhecendo já os salesianos e o inspetor Lasagna, o internúncio decidiu usar toda sua influência em favor do prelado do Mato Grosso, D. Carlos D'Amour.

Já desde julho de 1882, escrevendo ao P. Riccardi, Massano, companheiro de Lasagna, ressaltava a importância dessa nova perspectiva missionária que se abria aos salesianos:

“O internúncio apostólico quer a todo custo que o nosso caro P. Lasagna pressione Dom Bosco para que envie missionários para o Mato Grosso, a Cuiabá, terra rica de ouro e

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

diamantes, mas pobre porque está completamente abandonada à miséria, à ignorância, e nela existem milhares e milhares de selvagens, aos quais não chegou ainda sequer um missionário”².

O próprio Lasagna, em carta de 3 de agosto desse mesmo ano a Cagliari, assim se referia à abertura dessa nova frente missionária:

“O clima é saníssimo, a fertilidade do solo fabulosa, e não faltariam os meios para os salesianos; pelo contrário, seriam cem vezes mais abundantes que na Patagônia. Lá, no coração da América, entre a Bolívia e o Peru, o Equador e o Paraguai, este seria para nós um ponto estratégico, e daria um grande campo e uma grande fama aos nossos missionários.

Mas, e o pessoal? Por pouco que me ajudem daí, eu me arranjarei, e entrarei com vossa permissão em entendimentos com o bispo”³.

Tanto Massano como Lasagna não escondiam o entusiasmo pela nova atividade missionária, sobretudo tendo o incentivo do próprio representante da Santa Sé.

Além da maior proximidade dos centros salesianos do Uruguai, e da próxima fundação de Niterói, o Mato Grosso oferecia ainda uma outra vantagem sobre o Pará: naquele tempo o meio de comunicação mais fácil entre o Mato Grosso e a Corte era por via fluvial, e Montevideu transformava-se assim numa escala obrigatória da viagem.

Na mente de Lasagna, portanto, Cuiabá era, ao lado de Niterói, a grande prioridade para o Brasil. E se tivessem chegado logo os recursos humanos solicitados, provavelmente a primeira expedição de salesianos para o Brasil teria sido endereçada a Cuiabá, e não a Niterói.

A escassez de pessoal necessário para a expansão da obra salesiana obrigou o inspetor a adotar um ritmo mais lento; o projeto de fundação em Mato Grosso entrou em tempo de espera, e só pôde ser realizado doze anos mais tarde.

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

³ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

O projeto de catequese e civilização dos indígenas interessava não apenas à Igreja, mas também ao Estado. Depois que o regime escravocrata foi abolido do país, provocando a queda do Império, abriu-se o espaço para a implantação de um projeto industrial de tipo capitalista. Era o momento de afirmação dos novos valores burgueses na sociedade brasileira. Ao resistirem ao avanço do progresso industrial sobre suas terras, os índios passaram a constituir um forte obstáculo, a ser vencido pela força ou pela persuasão. Embora Igreja e Estado estivessem em regime de separação desde os princípios de 1890, o governo do Mato Grosso via na catequese missionária um poderoso instrumento de colaboração para que a transformação econômica da região fosse realizada de maneira mais pacífica. Daí a solicitação de auxílio de missionários feita pelo governador Manuel José Murinho ao bispo Carlos D'Amour, em seu ofício de 25 de novembro de 1891, redigido nestes termos:

“Sendo de reconhecida conveniência confiar a missionários religiosos a catequese dos índios existentes neste Estado, atentos aos excelentes frutos que têm produzido iguais missões em toda a parte, e o pouco ou nenhum resultado definitivo que, até hoje, se tem recolhido dos meios entre nós empregados para a civilização dos indígenas, a qual, força é dizer, não corresponde à soma de sacrifícios e dispêndios feitos com semelhante serviço.

Resolvi recorrer a V. Ex.^a Rev.^{ma} solicitando a sua valiosa intervenção a fim de virem, quanto antes, para este Estado, se encarregar da civilização dos índios, alguns religiosos de quaisquer ordens que se destinam às missões... porque tal serviço, além de seu caráter humanitário e civilizador, ainda atende de perto com a segurança e tranqüilidade da indústria agrícola entre nós, a qual não poderá medrar, enquanto viver sobressaltada pelas correrias e ataques dos selvícolas”⁴.

Em vista da solicitação do governo, o bispo D. Carlos D'Amour decidiu retomar os entendimentos para a vinda dos salesianos para o Mato Grosso.

Integrar os indígenas como mão-de-obra dentro do projeto de progresso industrial era a meta do governo brasileiro

⁴ Duroure, João Baptista, *Dom Bosco em Mato Grosso*, Campo Grande, Missão Salesiana de Mato Grosso, 1977, p. 61.

naquela época, e correspondia ao pensamento dominante entre as classes dirigentes do país. Não é, pois, de admirar que também os missionários europeus se adaptassem a essa maneira de pensar, vendo na própria integração do índio ao processo civilizatório um instrumento eficaz para a catequese nos moldes tridentinos. Era bem pouco desenvolvida naquele tempo a consciência dos valores culturais de cada povo e de cada região, e a necessidade de preservá-los contra um projeto colonizador destrutivo, como bem ressaltam os estudos de antropologia cultural dos últimos decênios.

Compreende-se assim a euforia dos salesianos diante da nova perspectiva missionária do Mato Grosso, cujos preparativos passaram a ser feitos então com maior intensidade.

A 18 de junho de 1894 o primeiro grupo de missionários chegava a Cuiabá.

A ótica dos primeiros missionários salesianos pode ser muito bem sintetizada na circular redigida por D. Lasagna a 9 de janeiro de 1895 sobre as missões do Mato Grosso. Desde o início o prelado declara que a atividade missionária é ao mesmo tempo religiosa e patriótica, pois além de transmitir a fé, implica no trabalho de civilização dos índios. Eis suas palavras:

Estive longamente perplexo sobre se devia ou não lançar ao público este apelo para uma empresa muito árdua, e que é importantíssima, não só pelo seu caráter religioso, mas também pela sua natureza sumamente humanitária; uma empresa, enfim, que realmente redundará em grande benefício e honra de toda a Nação brasileira. Refiro-me à conversão e civilização dos pobres indígenas, que, como filhos deserdados da família brasileira, gemem ainda na mais completa abjeção e barbaria neste solo abençoado da Pátria comum. Pois é sabido por todos que se encontram ainda aos centenaes e milhares de tribos dos infelizes selvagens dispersas pelas imensas matas do interior, os quais esperam a séculos uma mão benéfica que chegue até as profundezas de suas misérias, para levantá-los à dignidade de homens e de cristãos, e incorporá-los ao resto da Nação”.

Trata-se portanto, na mente do prelado salesiano, de tirar os indígenas das condições subumanas em que vivem, para transformá-los em verdadeiros cidadãos brasileiros.

Como o projeto é ao mesmo tempo religioso e cultural, Lasagna apela às classes dirigentes do país para que ofereçam sua colaboração financeira:

“É muito de esperar que fabricantes de tecidos, ricos negociantes e opulentos fazendeiros se lembrem alguma vez de que no mesmo solo onde eles constituíram ou herdaram sua fortuna existem ainda milhares de seres infelizes, os mais infelizes de quantos vivem no mundo, os quais, para serem homens úteis à sua Pátria, só carecem da caridade do missionário católico; e então será impossível que recusem a este o seu valioso auxílio.

Ex.^{mo} Sr., por amor de Deus que nos manda ter misericórdia do pobre desvalido, por amor da humanidade tão decaída e degradada na pessoa dos pobres indígenas, não deixe de proteger os missionários salesianos, que com admirável abnegação se dedicam à salvação desses povos desgraçados”⁵.

Desse modo a atividade missionária a ser iniciada nos primórdios da República se enquadra dentro de uma visão de mundo tipicamente burguesa, que contrapõe os benefícios da civilização urbana aos malefícios da vida integrada no mundo da natureza.

Convém assinalar, aliás, que essa não era uma visão exclusiva dos salesianos, mas sim a visão comum da Igreja do Brasil em fins do século passado, quando passou a transferir suas bases econômicas da aristocracia rural para as classes burguesas em ascensão.

⁵ *O Apóstolo*, 1895, 9 de janeiro.

A ASSISTÊNCIA AOS IMIGRANTES ITALIANOS

Além da catequese e civilização dos indígenas, a assistência aos imigrantes italianos constituiu outra meta importante do trabalho missionário salesiano na América do Sul.

Foi em grande parte sob o incentivo da Santa Sé que Dom Bosco decidiu iniciar as missões nessa região. Segundo o pensamento de Pio IX, os salesianos deviam ter duas metas principais em suas atividades no novo Continente: em primeiro lugar, dar assistência aos filhos de imigrantes italianos que para lá haviam afluído em grande número; em segundo lugar, ocupar-se da evangelização dos indígenas.

Numa exposição feita à Santa Sé sobre o *Estado Moral e Material da Pia Sociedade de São Francisco de Sales*, em março de 1879, Dom Bosco assim se referia à *Inspetoria Americana*:

“Com o conselho e com o auxílio material do caridoso Pio IX, tratou-se da expedição dos salesianos para a América. O Sumo Pontífice Pio IX propunha aos missionários salesianos três fins:

1.º ir tomar conta dos adultos, e especialmente dos jovens italianos que estão dispersos em grande número na América do Sul;

2.º abrir colégios nas proximidades dos selvagens, a fim de que servissem como pequenos seminários e abrigos para os mais pobres e abandonados;

3.º com este meio abrir estrada para a propagação do Evangelho entre os índios dos Pampas e da Patagônia”¹.

¹ Bosco, Giovanni, *Opere Edite*, volume XXXI (1879-1880), Roma, LAS, 1977, p. 247; 248-254.

Tendo Dom Bosco concebido a sua congregação como uma instituição religiosa a serviço da Igreja, os desejos e orientações do pontífice romano é que marcavam os rumos que suas obras deviam tomar. Daí a importância da assistência aos imigrantes na América.

No Brasil, a primeira obra salesiana foi fundada no Rio de Janeiro, a instâncias do bispo D. Pedro Maria de Lacerda, numa região onde a presença do imigrante era muito escassa. Logo em seguida, porém, Lasagna recebeu convites insistentes para que a obra salesiana fosse também estabelecida em outras regiões.

Já em princípios de setembro de 1883 o Inspetor visitava pela primeira vez São Paulo, e ficava entusiasmado pela excelente localização da cidade: de um lado, a proximidade do território indígena do Mato Grosso; de outro, a presença numerosa de imigrantes italianos na região. Além disso, havia um clima favorável para os religiosos vindos da Europa.

Por isso, em carta de 6 de setembro desse mesmo ano, endereçada ao P. Lemoyne, Lasagna declarava explicitamente:

“Pois bem, todas essas condições propícias estavam reunidas em alto grau, a meu ver, na cidade de São Paulo, capital de uma província extensíssima e mais do que necessitada de auxílios espirituais. Tanto pela sua fertilidade quanto pelo seu clima salubre é ela preferida pelos imigrantes italianos, que aí já acorreram em número maior do que em todo o resto do Império. Somente a cidade de São Paulo, que nestes últimos dez anos multiplicou a sua população, e está hoje com oitenta mil habitantes, tem já cerca de vinte mil italianos, e mais ainda nos arredores, onde se fundaram várias colônias agrícolas, bastante prósperas naturalmente, mas muito miseráveis no que respeita à instrução, moralidade e religião. Quanto à parte sudoeste da Província, está ainda inexplorada, e entre suas florestas abundam tribos de povos selvagens, que ainda esperam a luz do Evangelho”².

Tais razões contribuíram para que São Paulo tivesse prioridade como segunda fundação da obra salesiana no Brasil.

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

Anos depois, a presença de imigrantes italianos no interior de São Paulo constituiu também o estímulo para outras fundações salesianas.

Mas já nas primeiras décadas do século XX a assistência aos imigrantes passou a constituir uma atividade secundária em relação a outras prioridades. Tal evolução se dava por três razões principais: em primeiro lugar, pela própria escassez de pessoal, demasiadamente empenhado na atividade educativa dos colégios; em segundo lugar, pela relativa integração desses imigrantes na comunidade brasileira na região Centro-Sul, sobretudo no Estado de São Paulo, sendo escassos os núcleos italianos em Minas Gerais e no Rio de Janeiro; por último, por um certo espírito nacionalista que começava a se afirmar entre os salesianos nascidos no Brasil.

Por outro lado, o P. Estêvão Trione, encarregado salesiano da atividade entre os imigrantes, vinha insistindo com os superiores da América do Sul para que dessem a devida atenção ao problema.

Em carta ao P. Gusmano, datada de 27 de dezembro de 1909, o inspetor Rota, após referir-se às dificuldades de pessoal para fazer frente às diversas obras, declarava:

“E, com estes problemas, como se pode pensar em outras coisas, por exemplo, à *itálica gens*, em nome da qual o sr. P. Trione escreve a cada momento cartas *furibundas*? Já lhe escrevi alguma vez fazendo ver a nossa boa vontade e as nossas dificuldades. Mas digo-lhe claramente que tantas insistências às vezes produzem o efeito contrário”³.

Rota estava nessa época nos inícios de seu governo inspetorial, preocupado em fazer frente às inúmeras solicitações de pessoal para as diversas obras.

Anos depois, ao que tudo indica, os superiores de Turim, através de uma carta do P. Cerruti, lamentaram-se do pouco interesse dos salesianos do Brasil pelos imigrantes italianos, gerando com essa atitude dificuldades junto ao próprio governo italiano, do qual se recebiam subsídios para essa missão.

Em carta ao superior P. Álbera, datada de 27 de dezembro de 1912, Rota referia-se a essa carta de Cerruti “fazendo

³ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

observações a respeito da *anti-italianidade* de vários dos nossos, que prejudicam bastante a causa salesiana na Itália". E acrescentava em seguida:

"Estou bem persuadido disso: mas pensando bem, não acho que eles existam atualmente entre nós. Pelo contrário, parece que nestes últimos tempos se trabalhou um pouco mais neste aspecto... Mas devo declarar que os nossos colégios e o nosso pessoal (tão reduzido) estão tão oprimidos pelos trabalhos e pelas obras de obrigação, mesmo junto ao governo local, que não sei se seria possível fazer mais"⁴.

Como se pode observar, mesmo acatando respeitosa-mente as ordens dos superiores, Rota mostrava-se firme em defender as prioridades da obra salesiana no Brasil, e as atividades dos religiosos que aqui trabalhavam.

Existia mesmo uma tensão entre as perspectivas dos superiores de Turim, que tentavam orientar as atividades a partir de uma ótica italiana, e os planos do inspetor Rota, voltado totalmente para a realidade brasileira.

Em 1913 os superiores decidiram enviar o P. Trione para examinar a situação religiosa dos imigrantes italianos na América do Sul.

Guido Favini assim explica as razões que levaram o P. Paulo Albera, superior geral da Congregação a partir de 1910, a determinar essa missão:

"Secundando um vivo desejo do Santo Padre, após ter consultado o seu conselho, decidiu enviar o P. Estêvão Trione, secretário da Comissão Salesiana para a Emigração, a fim de fazer uma visita especial aos centros mais numerosos de emigrantes da Argentina, recomendando aos salesianos que estudassem com ele os planos mais adequados para a assistência, segundo as normas da Santa Sé"⁵.

Trione visitou também outros países da América Latina, inclusive o Brasil. Nessa oportunidade ele interessou-se também pela organização dos cooperadores salesianos e ex-alunos. A visita ajudou-o a perceber a peculiaridade da

⁴ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁵ Favini, Guido, *Don Paolo Albera, "le Petit Don Bosco"*, Torino, SEI, 1975, p. 192.

obra salesiana no Brasil, diminuindo as tensões existentes com o centro de Turim.

Além disso, a visita do P. Trione resultou também numa iniciativa digna de nota: a criação de uma paróquia salesiana no bairro do Bom Retiro em São Paulo, onde era forte a presença dos imigrantes italianos.

Movido pelas referências do P. Trione sobre a assistência salesiana aos imigrantes na América do Sul, o arcebispo de São Paulo D. Duarte Leopoldo e Silva propôs ao P. Rota a criação dessa paróquia em data de 11 de outubro de 1913.

Em carta escrita de São Paulo a 31 de outubro desse mesmo ano ao superior geral, da qual foi portador o próprio Trione, Rota comunicava:

“Com relação à oportunidade de aceitar a paróquia que o arcebispo de São Paulo nos oferece — são 35 ou 40.000, quase todos italianos, e muito próximos de nós — o Sr. P. Trione falará e dará as informações oportunas”.

As condições apresentadas inicialmente pelo arcebispo eram inaceitáveis para os salesianos. Mas, sob a influência do bispo auxiliar do Rio, D. Leme, muito amigo dos salesianos, D. Duarte reconsiderou o caso e propôs um acordo mais razoável. Rota transmitia ao secretário do capítulo superior, P. Gusmano, essas novas decisões:

“Os salesianos devem fazer tudo, e o arcebispo nomeará um pároco salesiano proposto pelo inspetor. Os salesianos são donos de tudo: terreno, igreja e casa (queria ver se não o fossem!), e serão sempre os párocos, sem que o arcebispo entregue canonicamente a paróquia para nós. Mas se por algum motivo o arcebispo quisesse tomar aos salesianos a paróquia, eles continuariam a ser os donos da igreja etc., e ele deveria fazer uma igreja paroquial em outro lugar”.

E o inspetor concluía:

“Asseguro-lhe que, conhecendo o caráter e as idéias desse prelado, não poderia esperar tanto”⁶.

Rota referia ainda que o arcebispo aceitara o nome de Maria Auxiliadora como titular da paróquia, ao invés de Santa Inês, proposta inicial do prelado.

⁶ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

Desse modo a partir de 1914 foi criada em São Paulo uma paróquia confiada aos salesianos, com a finalidade específica de atendimento dos imigrantes italianos residentes no bairro.

Mais tarde, em 1917, o próprio inspetor Rota decidiu iniciar um trabalho de assistência religiosa entre os imigrantes italianos, poloneses e alemães de Santa Catarina, com um projeto bem determinado: criar condições aptas para o recrutamento vocacional nessas regiões.

Embora mereça ser assinalada, a assistência aos imigrantes italianos — uma das metas prioritárias da ação missionária salesiana — não chegou nunca a constituir no Brasil um projeto digno de destaque. Esse fato teve por outro lado uma conseqüência de importância fundamental. Os salesianos se dedicaram em nosso país especialmente a atividades educacionais e religiosas mais ligadas aos interesses do povo e da terra, facilitando com isso o abasileiramento progressivo da Congregação, merecendo assim repetidos encômios das autoridades da Nação por seu compromisso patriótico, tanto no Império como na República.

OS SALESIANOS E A POLÍTICA IMPERIAL

Fiéis às diretrizes da Santa Sé, ao implantar a obra de Dom Bosco no Brasil, os salesianos deram relevo à assistência aos imigrantes italianos e à atividade missionária.

Por outro lado, dispuseram-se também, como já foi ressaltado anteriormente, a dar toda a colaboração possível ao movimento dos bispos reformadores.

Mas, ao lado dessa ótica eclesiástica, convém assinalar também que o ingresso de uma nova ordem religiosa estrangeira no Brasil imperial dependia também do consentimento do governo.

Desde a proclamação da Independência, havia sérias restrições políticas, quer com relação às tradicionais ordens já existentes no país, quer com relação ao ingresso de novos institutos religiosos.

Em 1855 um aviso do ministro Nabuco de Araújo proibiu às antigas ordens a recepção de noviços, até que o governo não estabelecesse uma concordata com a Santa Sé a respeito da reforma das mesmas. Na realidade, esse acordo nunca chegou a ser realizado, tendo assim a ordem imperial um efeito funesto, no sentido de esvaziar os claustros de novos membros, e aumentar ainda mais a crise já existente desde fins do século XVIII.

Na mente de D. Pedro II, os frades e monges, vivendo de seus patrimônios e dedicados especialmente à vida contemplativa, constituíam um grupo de pessoas inúteis para a sociedade. Daí o seu desinteresse em promover a reforma das antigas ordens. Em seu Diário particular, o imperador fazia a seguinte observação:

“Concordo com os meus ministros que acham as ordens monásticas daqui irrecuperáveis”¹.

Por outro lado, na medida em que a auspiciada reforma não se realizava, mais se agravava a situação desses institutos religiosos.

Ao visitar o Brasil em 1882, em companhia do inspetor Lasagna, o clérigo Teodoro Massano expressava bem essa situação em carta aos superiores de Turim, escrita no mês de julho:

“Os numerosos conventos estão desertos; o governo brasileiro, a começar pelo seu douto imperador, proclama que não é mais tempo de frades, que estamos à luz do século XIX — progresso — que belas idéias!”.

E mais adiante acrescentava, aludindo à própria vinda dos salesianos:

“Todos os frades estão oprimidos, mas esperamos que Maria Auxiliadora nos protegerá aqui como em outros lugares”².

Também Lasagna ficou impressionado pela decadência das antigas ordens. Em carta escrita ao P. Barbéris, um ano depois, a 7 de agosto de 1883, ele traçava este quadro bem pouco animador:

“Lembre-se, o caríssimo, de que o clero está aqui numa situação que causa espanto; e as velhas ordens religiosas dos carmelitas, beneditinos, mercedários e franciscanos estão para extinguir-se, o que aliás é uma fortuna, porque eles já não têm mais o espírito religioso. Nadam na abundância e na devassidão, com rendas fabulosas, com milhares de escravos (que horror!) às suas ordens”³...

A necessidade de reforma, porém, atingia não apenas os institutos religiosos, mas também o clero secular.

Dois eram os aspectos que mais preocupavam o governo imperial: a falta de observância do celibato eclesiástico, e a participação do clero na política, sob a influência das idéias

¹ Citado por Donald Warren Jr., in Keith-Edwards, *Conflito e continuidade na Sociedade Brasileira*, Rio, 1970, p. 172.

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

³ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

liberais. Na medida em que o Império tinha suas bases na estrutura do latifúndio escravocrata, os clérigos imbuídos de novas idéias políticas se apresentavam como um perigo para a manutenção da tradicional ordem social.

Não tendo elementos suficientes no clero brasileiro para estabelecer a reforma, abria-se a porta para a vinda de religiosos estrangeiros.

Em seu diário de 1862, ao traçar as diretrizes que norteavam a sua administração, o próprio D. Pedro II escrevia a 2 de janeiro:

“Não sou contrário à instrução religiosa e missão de padres estrangeiros, sob a vigilante inspeção dos bispos e do governo, enquanto não se habilitem os padres nacionais”⁴.

Essa era também a ótica dos bispos reformadores. A 2 de julho de 1863, D. Viçoso assim declarava ao marquês de Olinda, ministro imperial:

“A minha experiência de 50 anos de seminário me tem ensinado que o grande meio de reforma do clero é a reforma dos seminários, entregando-os a comunidades dedicadas a esse mister, como os lazaristas, jesuítas etc., como bem o entendeu o Sr. Ministro da Justiça no seu relatório de 1857. A falta que sofremos talvez não nasça tanto da falta de ciência, como de falta de costumes”⁵.

Desse modo, durante o Segundo Reinado criou-se a possibilidade para o ingresso de novos institutos religiosos, desde que viessem para cá com a missão específica de dedicar-se às atividades missionárias, à formação do clero ou à educação religiosa da juventude.

Nesse sentido vieram para cá os capuchinhos italianos, chamados pelo governo imperial para cuidar da ação missionária, e se permitiu o ingresso dos lazaristas franceses para assumir a direção dos seminários episcopais.

Tendo como meta principal a atividade educacional da juventude e a atuação missionária, também os salesianos não encontraram restrições por parte do governo com relação

⁴ Pimenta, Silvério Gomes, *Vida de D. Antônio F. Viçoso*, 2.ª ed., Mariana, 1920, p. 125.

⁵ D. Pedro II, *Diário de 1862*, Petrópolis, 1956, p. 20.

ao seu ingresso. Pelo contrário, gozaram mesmo de uma certa benevolência da família imperial.

Já em maio de 1882 Lasagna conseguia ter sua primeira entrevista com o monarca, conforme ele comunicava a Cagliero em carta do dia 29 desse mês:

“Fiz uma excursão a Petrópolis. Consegui ser apresentado ao Imperador, com o qual falei mais de uma hora sobre as nossas coisas. Assim também com a Imperatriz, e depois, à parte, com o sucessor o Conde D’Eu”⁶.

Essa primeira entrevista realizava-se a 27 de maio, poucos dias após a primeira visita de Lasagna ao Rio de Janeiro.

Em carta escrita de Villa Colón, no Uruguai, a 24 de novembro desse mesmo ano, ele narra com mais detalhes essa audiência, nos seguintes termos:

“O próprio Imperador D. Pedro II, monarca sábio e ativíssimo como nenhum, dignou-se admitir-me em audiência particular no seu palácio de Petrópolis, no dia de Pentecostes, e se entreteve comigo em familiar conversação, a informar-se minuciosamente sobre a origem dos salesianos, sobre o objetivo de sua missão na Igreja de Deus, sobre o método de ensino e de educação da juventude, sobre os meios com que se conseguem sustentar as suas obras de beneficência, sobre os resultados obtidos e ainda sobre muitas outras coisas.

Depois de bem informado acerca de nossos oratórios, colégios, escolas profissionais, colônias agrícolas, missões na Patagônia e nos Pampas, sumamente satisfeito, exprimiu vivo desejo de ver brevemente transplantada a nossa instituição para o seu vasto Império, prometendo-nos a sua augusta proteção e despedindo-se com a maior benevolência e cortesia”⁷.

É possível que a promessa de “augusta proteção” seja fruto do entusiasmo de Lasagna. De qualquer forma, parece seguro que o Imperador não colocou obstáculos ao ingresso dos salesianos no Brasil, e isto evidentemente já significava muito.

⁶ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁷ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

Outros fatos ainda atestam a benevolência do monarca para com a obra de Dom Bosco.

Em outubro desse mesmo ano, após ter-se encontrado com Lasagna em Montevidéu, viera à Corte do Rio o bispo de Cuiabá, Carlos D'Amour, a fim de solicitar um auxílio do governo imperial para a organização do seminário episcopal, e para levar para lá os salesianos como diretores e professores. Em carta a Dom Bosco, em que narrava os entendimentos tidos com o inspetor salesiano, o prelado acrescentava:

“Iria somente ao Rio de Janeiro falar com S. Majestade o Imperador sobre os recursos pecuniários de que necessitava para o seminário e as passagens de quatro ou mais padres, os quais, quando eu regressasse do Rio de Janeiro a Montevidéu, seguiriam comigo para Cuiabá. A isto anuiu o P. Lasagna.

Segui, pois, para o Rio de Janeiro, falei com S. Majestade o Imperador, que se mostrou satisfeito com a minha resolução de admitir em minha diocese os padres salesianos; consegui o auxílio pecuniário de que necessitava e também as passagens para os padres até Cuiabá”⁸.

Igual apoio do governo imperial conseguia também o bispo Lacerda do Rio de Janeiro.

Em carta em que anunciava a próxima fundação de uma obra salesiana sob a direção dos salesianos, o prelado podia afirmar que contava não apenas com o apoio moral, mas também até com o auxílio financeiro do governo⁹.

O governo imperial, que se dispusera a pagar a viagem dos salesianos de Montevidéu até Cuiabá, acedeu também em cobrir os gastos de viagem do primeiro grupo que deveria vir de Montevidéu para o Rio de Janeiro.

Havia portanto simpatia para com a obra fundada por Dom Bosco.

⁸ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁹ *Carta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Offícios, Artes e Letras em Niterói, Rio, 1883, p. 17.*

Esse clima de simpatia foi depois confirmado no ano seguinte, quando os salesianos de fato se instalaram na diocese fluminense.

Logo após ter chegado ao Rio o primeiro grupo de salesianos, Lasagna, juntamente com Miguel Borghino, superior da nova obra, foram apresentar-se ao monarca.

Em carta de 6 de agosto, Lasagna assim escrevia a Dom Bosco:

“O nosso caro P. Borghino lhe narrará como fomos visitar S. M. o Imperador D. Pedro II, que nos acolheu com extraordinária amabilidade. Também a princesa Isabel, herdeira do trono, e seu esposo, Gastão de Orleans, Conde D’Eu, mostraram-se benevolísimos para conosco. Prometeram-nos cordialmente o seu apoio. Como vê, amado pai, esta casa, desde o começo muito humilde, já oferece as mais belas e consoladoras esperanças”.

De fato, em carta do dia seguinte, também Borghino referia a Dom Bosco a visita feita a S. Majestade, nestes termos:

“A própria família imperial se mostra muito favorável à nossa obra. O senhor inspetor e eu fomos um dia visitar o imperador D. Pedro II e, embora fôssemos apresentados sem prévio aviso, nos recebeu ele com muita cortesia, e se entreteve conosco por quase uma hora, falando sempre e informando-se das nossas coisas. Pediu informações sobre as casas que temos em Turim, Gênova, Marselha; louvou a finalidade e as metas que temos ao abri-las, e ao despedir-se de nós, prometeu que nos ajudaria com sua proteção”¹⁰.

Não resta dúvida, portanto, que os salesianos se instalaram no Brasil com o *placet* de S. Majestade. E isso, evidentemente, contribuiu para a implantação da obra, não obstante a forte reação dos grupos liberais.

¹⁰ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

XII

A REAÇÃO LIBERAL À VINDA DOS SALESIANOS

Se por um lado a implantação da obra salesiana no Brasil gozava dos favores do regime imperial, provocava por outro a reação dos liberais, manifestada sobretudo mediante os órgãos de comunicação social.

O governo imperial mantinha a sociedade brasileira em moldes tradicionais, dificultando as aspirações das classes urbanas e liberais, empenhadas no projeto de modernização do país. A Igreja, por sua vez, se beneficiava de uma situação privilegiada, sendo o catolicismo a religião oficial do povo brasileiro.

Não obstante as características marcadamente regalistas do Império, e a afirmação progressiva do ultramontanismo no clero, o altar e o trono continuavam a se amparar reciprocamente, mantendo uma concepção sacral de sociedade.

É importante observar que existem duas óticas diferentes na análise da realidade brasileira. Na visão dos ultramontanos, o Brasil era um país tradicional e essencialmente católico, e portanto vinculado a Roma; os protestantes eram os inimigos, os invasores que aqui estavam aportando. Nem faltavam, para reforçar o quadro, afirmações de que esses pastores estariam a serviço de escusos interesses. Inimigos da fé, eram também os propugnadores da liberdade de culto e do ensino leigo.

Na visão dos liberais, a nação sempre fora dominada pelo poder clerical, cuja força era necessário diminuir. Por sua vez, os novos religiosos que vinham ao Brasil serviam apenas para reforçar a influência de Roma na política nacio-

nal, dando apoio às forças reacionárias e conservadoras que estavam no poder. Sob esse aspecto, ainda antes de aqui aportarem, já os salesianos eram temidos e atacados pela imprensa anticlerical, que os caracterizava como uma modalidade atualizada da instituição jesuítica.

Ao estabelecer-se em Niterói, os primeiros salesianos tinham tido a nítida impressão de achar-se em campo inimigo, quer pela presença dos protestantes, que já atuavam nas redondezas, quer pelo forte clima anticlerical dominante naquela época.

Por sua parte, também os liberais passaram a denunciar a chegada dos salesianos como uma verdadeira invasão do ultramontanismo no Brasil. Por essa razão, a reação e os ataques contra os discípulos de Dom Bosco são orientados em três níveis distintos, mas convergentes entre si. A presença dos novos religiosos é apresentada como um fortalecimento do clericalismo em geral, do jesuitismo em particular, e finalmente como expressão do salesianismo.

Embora se possa contestar a violência com que os liberais atacavam as novas características que a Igreja do Brasil passava a apresentar com o movimento dos bispos reformadores, não resta dúvida de que havia nessas acusações uma intuição verdadeira: era inegável a presença mais expressiva de clérigos no novo modelo de Igreja que se implantava no país.

Nem os próprios ataques ao jesuitismo eram totalmente destituídos de fundamento. O novo modelo clerical de Igreja, inspirado no Concílio Tridentino, encontrava nos jesuítas, de volta ao Brasil durante o Segundo Reinado, um dos baluartes mais fortes.

Quanto aos salesianos, embora fossem uma congregação religiosa distinta da Companhia de Jesus, vinham também eles ao Brasil com a missão específica de colaborar com o episcopado na consolidação da reforma católica.

Não sem razão portanto os liberais, que desejavam suprimir a influência da Igreja Católica, vinculada desde o início da colonização ao poder político, podiam, sob certa ótica, falar de uma "invasão negra", ou seja, de uma presença mais acentuada de batinas pretas no Império brasileiro.

Entre os diversos órgãos da imprensa, era o jornal liberal *A Folha Nova* o que mais se insurgia contra o estabelecimento dos salesianos no país.

No folhetim de 23 de julho de 1883 o cronista endereçava uma carta aberta ao bispo Lacerda, a propósito de sua pastoral em favor da fundação do colégio de Niterói. Nela, após afirmar em tom de ironia que “estes padres de exportação quase nunca provam bem”... e que os discípulos de Dom Bosco seriam “muito mais proveitosos na Patagônia”, o redator conclui:

“O que quero dizer... é que V. Ex.^a Rev.^{ma} não deve mandar vir os tais fradinhos. Entretanto, se quer sempre recorrer à bolsa de suas fiéis ovelhas, recorra, mas para mandar para a terra os que já aqui estão”¹.

A 1.º de dezembro desse mesmo ano, num artigo em que se referia aos elogios feitos pelos salesianos ao bispo Lacerda, *A Folha Nova* comentava:

“Pode o salesiano de Niterói mandar dizer a seus superiores em Roma que o bispo do Rio de Janeiro acha-os diamante sem jaça, e levantou as mãos para o céu bendizendo a chegada de tais hóspedes.

Pode o salesiano, que veio em exploração, multiplicar-se em milhares de salesianos de encomenda, pelo influxo das devoções e histerismo do beatério...

Pode o salesiano mandar dizer tudo isso, e abarrotar os crentes de esperança.

O dever da imprensa, que não está jungida à *Mitra*, é o de protestar contra as informações, e protestar tão alto que o estrangeiro também nos possa ouvir”².

Essa denúncia sobre a invasão dos seguidores de S. Francisco de Sales é renovada num artigo do dia 29 desse mesmo mês, onde se afirma:

“Quem os mandou sabe que o rótulo de jesuíta descredita os que se apresentam com ele; e foi por isso que se imaginou o novo rótulo de *salesiano*”³.

¹ *A Folha Nova*, ano II, n. 242, 23 de julho de 1883, p. 1.

² *A Folha Nova*, ano II, n. 375, 1.º de dezembro de 1883, p. 1.

³ *A Folha Nova*, ano II, n. 401, 29 de dezembro de 1883, p. 2.

Não foi, pois, muito pacífica a implantação da nova obra em Niterói, sendo os salesianos tidos como a nova força clerical do catolicismo.

Em fins do século XVIII e primórdios do século XIX, uma parte significativa do clero brasileiro, sobretudo residente nos centros urbanos, havia participado do movimento em prol da independência do Brasil, deixando-se imbuir pelo pensamento liberal.

Mas a partir de meados do século XIX, o episcopado brasileiro, mediante a colaboração dos religiosos vindos da Europa, havia procurado conduzir a Igreja do Brasil à sua tradicional função de sustentáculo do poder constituído.

Durante toda a época imperial os bispos haviam manifestado freqüentes vezes sua solidariedade com a monarquia, numa atitude tipicamente conservadora.

Não apenas os bispos se declaravam ao lado do poder constituído, como também comprometidos em defender uma série de valores tradicionais que haviam permitido desde o período colonial a implantação de uma ordem autoritária e conservadora no país.

Era essa também a linha adotada pelos religiosos vindos da Europa nesse período, e os salesianos se enquadram perfeitamente nesse esquema. Sob esse aspecto, justificava-se a reação liberal.

Não obstante isso, os discípulos de Dom Bosco aceitaram pacificamente a transição do Império para o regime republicano.

XIII

OS SALESIANOS NA ORDEM REPUBLICANA

A República brasileira teve sua origem mediante a aliança de diversos grupos descontentes com o regime imperial. Três setores emergem como mais significativos nesse momento histórico: a burguesia industrial nascente, as classes médias em formação e a parcela progressista da classe senhorial, representada pelos cafeicultores paulistas. Mas foi o grupo militar, representante da classe média, que tornou efetiva a mudança de regime. De início, a preocupação maior orientou-se no sentido de criticar as limitações do antigo regime; poucos os esforços na elaboração de diretrizes visando uma nova ordem política e social.

Durante os primeiros anos, a burguesia industrial e as classes médias, propugnadoras do pensamento liberal, tiveram certa força no governo, tendo como seu grande líder Rui Barbosa. Faltava-lhes, porém, uma estrutura sócio-econômica básica, que permitisse consolidar sua hegemonia a curto prazo. Esse período coincide com os governos militares de Deodoro e Floriano.

A história oficial costuma apresentar Floriano como o consolidador da República. Não resta dúvida que seu governo forte impediu a organização e o fortalecimento de grupos monárquicos saudosistas. Na realidade, porém, sua atuação representou muito mais o esforço das classes médias urbanas a fim de manterem alguma participação ainda nas vantagens econômicas oferecidas pelo novo regime.

A oligarquia rural havia sido suficientemente forte para derrubar Rui e Teodoro, mas não tinha ainda condições para assumir sozinha o poder. Para essa classe senhorial, os seto-

res industrializantes representavam, no momento, o inimigo principal a ser afastado. Nesse sentido apoiavam os militares. Floriano tentou ainda na política econômica manter algumas posições defendidas por Rui Barbosa, mas com pouco êxito. Acabou aceitando as imposições das oligarquias regionais e dos grupos exportadores. Os cafeicultores passaram a assumir a hegemonia no bloco do poder e Floriano acabou tendo de governar com eles. Aos militares cabia apenas o controle do aparelho de Estado.

O término do poder militar significou não apenas a derrota dos setores industrializantes, mas também a perda de prestígio das classes médias urbanas.

Em última análise, tornara-se evidente que a mudança de regime implicara apenas numa alteração da ordem política, sem que as estruturas sócio-econômicas do país fossem abaladas.

A 15 de novembro de 1894 assume o poder como presidente da República Prudente de Moraes, líder do Partido Republicano Paulista. Inicia-se desse modo a fase republicana conhecida como governo das oligarquias. É a época do predomínio político dos produtores e exportadores de café; estes assumem a liderança das demais facções da classe senhorial. A classe média, por sua vez, isolada e sem base política, ficará condenada por mais algumas décadas a viver à margem do poder.

O Brasil voltava a se apresentar como um país predominantemente rural, apenas desviando o eixo do poder econômico do Nordeste para o Centro-Sul, do açúcar para o café, do braço escravo para o imigrante aviltado e explorado.

Os senhores de terra continuavam como os donos do poder político e econômico, como já tinham sido durante o período colonial e imperial.

Desse modo a República Velha se consolida sob a égide do café. É ele quem garante o fortalecimento político e econômico da região Centro-Sul, a aceleração do processo de urbanização e crescimento industrial nessa mesma área geográfica. O Estado é organizado em função do café. As oscilações no preço do produto passam também a assinalar os períodos de apogeu e de crise da sociedade brasileira.

Pode-se dizer que nesse período a Igreja Católica conviveu melhor com a antiga classe senhorial do que com os novos líderes liberais e positivistas da República nascente.

O episcopado brasileiro reagira fortemente contra certas medidas adotadas pelo novo governo republicano em nome da mentalidade liberal e da urbanização progressiva, tais como a separação entre Igreja e Estado, a obrigatoriedade do casamento civil, a laicização dos cemitérios, a liberdade de cultos.

Continuam intensos os atritos entre Igreja e imprensa liberal em fins do século XIX, tanto mais que os representantes desse pensamento modernizante não escondiam sua tendência anticlerical.

Por sua vez, a hierarquia católica passara também a atacar violentamente a nova filosofia positivista, que encontrava acolhida sobretudo nos setores jovens das Forças Armadas.

Habituada a conviver numa estrutura agrária, onde o poder social da religião emergia com bastante nitidez, era entre os representantes da classe senhorial que a Igreja encontraria maior afinidade para afirmar-se no novo regime republicano.

Sob esse aspecto, declara Pedro de Oliveira:

“A separação entre Igreja e Estado, embora não desejada pelo episcopado brasileiro, foi recebida por este como uma libertação com relação ao governo imperial... Separada do poder civil, e constituída como um aparelho privado de hegemonia social, a Igreja vai se aliar à burguesia agrária.

Esta aliança do aparelho religioso católico com a burguesia agrária não significa que esta seja uma classe social católica. Seus filhos vão freqüentar as escolas católicas, onde eles recebem uma educação moderna, de estilo europeu; suas mulheres freqüentarão as igrejas e tomarão parte nas atividades caritativas e nas associações piedosas; mas a burguesia agrária continua, em geral, afastada da Igreja...”¹.

¹ Oliveira, P. A. Ribeiro de, “Catholicisme Populaire et Hégémonie Bourgeoise au Brésil”, in *Archives des Sciences Sociales des Religions*, 1979, janeiro-março, p. 77.

Colaboradores do episcopado brasileiro, também as congregações religiosas masculinas e femininas vindas da Europa não terão dificuldade em aceitar a estrutura sócio-econômica vigente no país, nem levantarão contra ela contestação alguma. A maioria desses religiosos europeus carecem de espírito crítico a respeito da realidade brasileira.

Nessa situação típica estão os religiosos salesianos. Exaltados pelos militares pelos serviços prestados ao governo na época da Revolta da Armada, os discípulos de Dom Bosco consolidarão sua presença no Brasil durante os primeiros governos civis da República.

São significativa a esse respeito as homenagens prestadas pelos salesianos de Niterói aos presidentes Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves. Esses governos republicanos, por sua vez, passam a dar apoio à atividade salesiana.

Enquanto a hierarquia católica mantém por vezes uma postura antiliberal muito rígida, os salesianos se destacam por um espírito prático muito acentuado, o que lhes permite uma grande maleabilidade na aplicação dos princípios teóricos.

Assim, embora fiéis à doutrina antiliberal da Igreja, os discípulos de Dom Bosco sabiam amoldar-se às diversas orientações do governo, desde que as autoridades constituídas facilitassem ou pelo menos não entravassem o ritmo de progresso da obra salesiana. A mesma atitude mantinham eles com relação aos benfeitores e amigos da instituição salesiana, nunca exigindo deles um atestado ideológico como condição prévia para colaborar com a obra de Dom Bosco. Daí resultava a simpatia com que esses religiosos eram recebidos por parte das autoridades civis e militares, e o auxílio efetivo que sempre recebiam dos poderes públicos para levar avante seus projetos e iniciativas.

Convém assinalar, por fim, que a facilidade de integração dos salesianos na nova ordem republicana deveu-se não apenas ao seu espírito prático, como também à modernidade de que se revestia a própria obra de Dom Bosco.

XIV

A MODERNIDADE DA OBRA SALESIANA

A implantação da obra salesiana no Brasil realizou-se graças à solicitação de D. Pedro de Lacerda e outros membros da hierarquia eclesiástica, ao apoio recebido por parte do laicato católico, em modo especial dos vicentinos, e mediante o dinamismo do próprio Luís Lasagna.

Mas havia também uma característica inerente à própria instituição de Dom Bosco que estimulava sua receptividade: o aspecto moderno da obra.

Essa modernidade foi bastante enfatizada pela opinião pública por ocasião do estabelecimento da Congregação Salesiana no país, em fins do século passado.

Com relação aos outros institutos religiosos já atuantes no Brasil, os salesianos eram considerados numa posição de vanguarda, por sua maior inserção no mundo do trabalho, através das escolas de artes e ofícios, e pela maior facilidade em assimilar os valores da cultura moderna.

Em princípios de julho de 1883, dias antes da chegada dos salesianos em Niterói, o jornal católico de São Paulo *O Thabor* fazia uma verdadeira apologia dos novos religiosos, afirmando:

“Peritos em todos os ramos da atividade humana, os salesianos têm sido por toda a parte, um verdadeiro sucesso. . .

Oxalá esses obreiros do progresso pisem quanto antes a Paulicéia. Versados nas línguas e nas ciências, nas indústrias e nas artes, no comércio e na agricultura, contam no seu grêmio filósofos e matemáticos, astrônomos e teólogos; ensinam com proficiência a escrituração mercantil, as dife-

rentes culturas, o fabrico do papel, do vinho e da manteiga etc. etc.

Nada lhes é estranho, só desconhecem o ócio e o vício.

Destes apóstolos da civilização, oito estão a chegar ao Rio de Janeiro. Sejam bem-vindos”¹.

Existia assim um verdadeiro ufanismo ao redor do nome de Dom Bosco e dos salesianos.

O próprio governo imperial, que se mostrava hostil à sobrevivência das antigas ordens religiosas e ao ingresso de outras, julgando-as inúteis à sociedade, mostrou-se disposto a receber os discípulos de Dom Bosco, por sua atividade educacional.

Foi essa uma das razões que levou D. Lacerda a preferir os salesianos aos dominicanos, temendo a posição negativa do governo com relação a esses últimos².

O próprio prelado afirmava ao P. Bodrato, em dezembro de 1876:

“O governo não quer frades... O Senhor me inspirou para chamar os salesianos, porque apenas eles podem ser aceitos”³.

Na realidade, os salesianos se mostraram modernos não apenas em assumir novas frentes de atividade religiosa, mas seu próprio modo de viver o ideal monástico assumia formas modernas, que despertavam atenção, mesmo aos indiferentes em matéria de religião.

Entre essas características dos salesianos de Dom Bosco destacava-se a jovialidade. Destinados a serem os educadores da juventude, o fundador não queria que seus discípulos se identificassem com o clero tradicional, em geral tido como sério e circunspeto, mas que ao invés cultivassem uma expansiva cordialidade no trato com as pessoas.

¹ Transcrito em *O Apóstolo*, ano XVIII, n. 74, 4 de julho de 1883, p. 3.

² Vide Azzi, Riolando, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1982, v. I, p. 53ss.

³ Ceria, Eugênio, *Memorie Biografiche del Beato Giovanni Bosco*, Turim, SEI, 1931, v. XII, p. 539.

Justamente por essas características, a presença desses novos religiosos nas ruas de Niterói e do Rio de Janeiro não passou despercebida.

Numa época em que a imprensa liberal denunciava constantemente a chegada de novos institutos religiosos, considerados como invasores do território nacional, o redator de *A Folha Nova*, em artigo publicado no final de 1883, escrevia este tópico significativo:

“Ontem tivemos a fortuna de ver um salesiano a flunar na Rua do Ouvidor. Era um padre de boa aparência, e capaz de botar na sombra a todos os (frades) barbudinhos do Castelo.

Escutei-o a conversar com um oficial da marinha estrangeira. Voz plangente, mas sem afetação. Ouvindo-o, seguramente ninguém o levará preso.

Aquela figura, sem as vistas oblíquas do lazarista, nem a pantomima joco-séria do capuchinho, pareceu-me inimigo perigoso.

Tão sério assim, e de tão discreta compostura, deverá ser o mais ardiloso dos invasores”.

E mais adiante o articularista acrescenta:

“Que diferença entre os magnatas de Itu, que são os preceptores da infância dourada, e os salesianos, esses futuros diretores da infância desamparada”⁴.

Não obstante o estilo satírico da crônica, um aspecto fica bem patente. Na mente do redator, os salesianos constituíam um grande perigo, exatamente pelo seu modo de ser moderno, contrastando com o padrão já estilizado do clérigo e do religioso antigo.

A modernidade dos salesianos foi certamente uma chave que lhes abriu a porta da sociedade brasileira, em vias de abandonar um padrão arcaico, patriarcal e escravocrata, rumo a uma concepção social mais burguesa, progressista e democrática.

Essa mesma tônica moderna, porém, provocou algumas vezes restrições e reação por parte de setores da Igreja tradicional brasileira.

⁴ *A Folha Nova*, ano II, 30 de dezembro de 1883, p. 1.

Caso típico foi a implantação do Oratório Festivo em São Paulo, onde a atuação dos salesianos junto aos garotos da rua foi severamente reprovada por membros do clero paulista.

Com bastante vivacidade, o P. Marcigaglia descreve esse episódio:

“O Oratório funcionava às quintas e domingos. Na hora marcada, o P. Giordano ensinava o catecismo aos maiores e o Sr. Bologna aos menores. Havia um pequeno harmônio que o padre usava para ensinar canto à rapaziada, ao ar livre. Eram cantos sacros e profanos, para entreter a alegria dos meninos.

Estava uma vez o P. Giordano no centro de uma grande roda de meninos, brincando de “galinha-voa”, e dava cada salto... Um venerando cônego parou um pouco, meneando a cabeça. Depois barafustou pelo pátio adentro, protestando contra aquele abuso.

— Onde vai a dignidade da batina, se o Sr. Padre é o primeiro a se igualar aos moleques da rua?

Deu um trabalhão para lhe explicar o que era e como funcionava o Oratório, e que aquilo era apenas um chamariz para a petizada, que logo depois iria à capela, bem sossegadinha”⁵.

O reconhecimento da modernidade dos salesianos não deve impedir que se ressalte também as suas limitações.

Confrontados com as antigas ordens religiosas atuantes no Brasil, os salesianos emergiram como educadores modernos, enfatizando o valor do trabalho, da recreação, da ginástica, do teatro e da música. Mas continuavam marcados por um rigorismo moral de sabor quase jansenista, típico da Igreja no século XIX. Daí as restrições com relação à educação mista adotada pelos protestantes, considerada como fonte de perversão moral.

Isto explica a reação negativa de Lasagna diante de um colégio protestante já existente no bairro de Santa Rosa de Niterói, onde tencionava implantar a obra salesiana. Em carta de 6 de agosto de 1882, ele assim escrevia a Dom Bosco:

⁵ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 40-41.

“Mas quem diria? Justamente ao nosso lado, no cruzamento de duas ruas, erguia-se um belo edifício, tendo no frontispício *Colégio de ambos os sexos*: é exatamente um instituto dos protestantes, que constituem um perigo permanente para a religião das famílias católicas desta cidade. Quantos pobres meninos não são mandados por seus próprios pais, ignorantes ou indiferentes, a comprar, pelo preço de sua eterna salvação, uma educação herética envenenada”⁶.

Embora sob uma estrita ótica católica se possam colocar limites à educação ministrada pelos protestantes, é inegável que já desde meados do século passado eles haviam ingressado no Brasil com perspectivas de modernidade bem mais avançadas do que os católicos, como bem enfatizam os estudos de Jether Ramalho e Rubem Alves⁷.

Estas observações relativizam, mas não diminuem o significado da presença educativa dos salesianos na sociedade brasileira, quer através dos colégios e escolas profissionais, quer através dos Oratórios Festivos.

⁶ Escreve Rubem Alves: “Ao nível externo, há indícios de que o protestantismo, no momento de seu estabelecimento no Brasil, se apresentava como uma força renovadora... A organização democrática de suas igrejas, seu esforço educacional liberal... são evidências de que naquele momento o protestantismo desejava profundas transformações políticas, sociais e econômicas no país” (*Protestantismo e Repressão*, São Paulo, Ática, 1979, p. 12).

⁷ Para uma análise da educação protestante ver Ramalho, Jether Pereira, *Prática Educativa e Sociedade*, Rio, Zahar, 1976.

OS ORATÓRIOS FESTIVOS E A JUVENTUDE ABANDONADA

A obra salesiana tivera seu início em Turim a 8 de dezembro de 1841, mediante a atividade dos Oratórios Festivos. Consistia tal iniciativa de Dom Bosco em reunir nos domingos e dias festivos os meninos pobres e abandonados em um lugar adequado, onde pudessem ocupar-se em jogos e diversões honestas, e em seguida aproveitar a oportunidade para ensinar-lhes os rudimentos da fé cristã.

Os Oratórios Festivos constituíam, pois, uma espécie de ponta de lança da obra salesiana, cuja finalidade primordial passou a ser a educação da juventude pobre. Mediante o estabelecimento dos Oratórios Festivos, criava-se na localidade ou cidade um ambiente favorável para a implantação progressiva das outras atividades salesianas.

Mesmo quando a obra salesiana foi assumindo estruturas mais definidas através dos colégios e escolas profissionais, a instituição dos Oratórios Festivos continuou sendo uma preocupação básica dos salesianos.

Assim sendo, a primeira obra a que se dedicaram os salesianos, apenas chegados a Niterói, foi a fundação de um Oratório Festivo, no segundo semestre de 1883.

Escrevendo a Dom Bosco no fim desse ano, em data de 15 de dezembro, Miguel Borghino assim narra os inícios dessa atividade de educação religiosa:

“Nosso primeiro cuidado foi também o de abrir um Oratório Festivo, para nos domingos recolhermos os meninos e ensinar-lhes um pouco de catecismo, levá-los à missa e

assim fazer com que passem o dia do Senhor longe de todo o perigo da alma e do corpo. Esperamos que em breve o número de meninos há de ser muito maior, e ao mesmo tempo aumentará o bem moral e religioso de que tanto precisa este país”.

Conclui depois com otimismo:

“Por ora estamos satisfeitos, visto termos podido fazer o pouco que lhe narrei...”¹.

Não obstante, essa satisfação durou pouco. Já nos últimos dias de 1883 ou nos inícios do ano seguinte surgiram sérias dificuldades, e essa primeira tentativa de atividade educacional abortou.

Em carta de 29 de julho do ano seguinte, endereçada ao P. Miguel Rua, o diretor da comunidade de Niterói assim explica as razões do insucesso:

“Descrevi na minha última a nossa chegada ao Brasil e os primeiros trabalhos do Oratório Festivo e da nova construção. Esperávamos que tudo corresse bem, e não contávamos com a oposição dos inimigos de Deus”.

Esses inimigos de Deus, como Borghino especifica a seguir, eram os discípulos de Lutero. Eis suas palavras:

“Temos como vizinhos os protestantes. O Oratório não pode sustentar-se, devido ao fato de alguns perversos terem feito desaparecer, de um domingo para outro, todos os meninos; destes, só um continuou a vir, que fazer? Tentamos vários meios para ver se conseguíamos um bom resultado; mas foi em vão. Deixamos então a Deus o cuidado de premiar a nossa iludida intenção de fixar a época das nossas consolações”².

Só bem mais tarde, durante o directorado do P. Luís Zanchetta, iniciado em 1894, pôde ser reativado o Oratório Festivo de Niterói.

Foi o Liceu Coração de Jesus a primeira obra salesiana onde o Oratório Festivo implantou-se com êxito. A 5 de junho de 1885 chegou a São Paulo o P. Lourenço Giordano, que

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

devia ser o primeiro diretor, acompanhado do irmão coadjutor João Bologna.

Luís Marcigaglia assim descreve suas primeiras atividades:

“Deram logo início ao Oratório Festivo. Era então o novo Oratório muito parecido com o primitivo de Valdocco. Os meninos se reuniam num campo cheio de buracos e formigueiros. O P. Giordano ensinava catecismo aos mais crescidos, o Sr. João Bologna, aos pequenos.

Muitos dos que passavam pelas mal esboçadas ruas laterais paravam curiosos, abeiravam-se da cerca a observar aquela novidade; depois lá iam abanando a cabeça num gesto de incredulidade ou esboçando um sorriso de compaixão³.

Também no Recife, onde os salesianos chegaram em dezembro de 1894, o Oratório Festivo constituiu uma meta prioritária:

“Os salesianos passaram os primeiros dois meses arumando a casa, trabalhando no Oratório Festivo (aberto em meados de janeiro), e aprendendo a língua sob a direção do P. Giordano, que conhecia muito bem, pois havia passado nove anos em São Paulo.

O colégio foi solenemente inaugurado no dia 10 de fevereiro de 1895, sob o nome de Colégio Salesiano de Artes e Ofícios do Sagrado Coração”⁴.

Já desde o fim do século passado os salesianos julgavam que uma das formas mais adequadas para a expansão da obra salesiana na capital da República era o Oratório Festivo, onde se reunissem nos domingos os meninos pobres para a recreação e a instrução religiosa.

Num documento elaborado a 1.º de janeiro de 1895, o P. Zanchetta, diretor do Colégio Santa Rosa, escrevia:

“O bem que se poderia fazer seria muito maior se houvesse pessoal mais abundante. Poder-se-ia ter assim, por exemplo, o Oratório Festivo em dez ou doze pontos de Niterói e do Rio de Janeiro”⁵.

³ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 68-69.

⁴ Marcigaglia, Luís, *ob.cit.*, v. I, p. 58.

⁵ Arquivo da Inspetoria São João Bosco, Belo Horizonte.

A mesma opinião era expressa por Peretto em carta de 20 de outubro de 1899, declarando ao bispo Cagliari:

“Estou convencido após cerca de 17 anos de Brasil, que somente teremos vocações quando se desenvolver a obra dos Oratórios Festivos nos grandes centros, e seja bem amparada por todos os diretores a casa dos Filhos de Maria. Isto porque nos nossos colégios a maior parte dos alunos é de pequenos, e quando chegam aos estudos preparatórios são tirados pelos pais, e aqueles poucos que ficam devem sustentar tais lutas que não resistem e não perseveram.

Quanto bem não se poderia fazer no Rio de Janeiro. Colocado o pé, não faltarão benfeitores”⁶.

Não obstante, somente em décadas posteriores essa aspiração pôde ser levada avante através da fundação do Instituto de São Francisco de Sales em 1929 no bairro do Riachuelo.

Em geral, o projeto salesiano determinava que ao lado de cada colégio ou escola profissional fosse fundado um Oratório Festivo. Necessitando de poucos recursos humanos e materiais, os Oratórios Festivos se multiplicaram pelas diversas cidades do Brasil. Tiveram sempre vida muito fluante, com períodos de maior vitalidade e épocas de estagnação e decadência. Houve mesmo casos em que a presença de um salesiano em repouso numa cidade foi o suficiente para que lá fosse iniciado um Oratório Festivo.

Os benefícios provenientes desse primeiro contato educacional e religioso entre os salesianos e a juventude desamparada foram imensos.

Na medida, porém, em que se consolidava sua presença numa cidade ou região, procuraram os salesianos desenvolver outros tipos de trabalho entre a juventude, destacando-se nesse sentido as escolas profissionais e agrícolas.

⁶ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

AS ESCOLAS PROFISSIONAIS E AGRÍCOLAS

Desde o início do seu trabalho entre a juventude desamparada, Dom Bosco havia percebido que em termos de educação era melhor prevenir do que remediar. Daí surgiu a idéia de oferecer aos meninos carentes e desamparados condições para o aprendizado de uma arte ou ofício que os tornasse no futuro úteis cidadãos para a pátria.

Assim, pois, começaram a florescer no Oratório São Francisco de Sales de Turim as oficinas de artes e ofícios.

No Rio de Janeiro, essa era também a aspiração principal do bispo Lacerda, que havia ficado encantado com essa atividade salesiana na visita que fizera a Dom Bosco em 1877.

Através do P. Vespignani, que passava pelo Rio de Janeiro em dezembro desse mesmo ano, o prelado mandava dizer a Dom Bosco:

“Artes e ofícios! Artes e ofícios! Dois ou três sacerdotes para pregar, administrar os sacramentos, e depois música, música!”¹.

Em carta de 2 de janeiro de 1878 o próprio bispo declarava a Dom Bosco:

“Repito ainda, como sempre, que para mim o grande bem que não de fazer os salesianos será por meio das artes e ofícios.

Disseram-me que será melhor começar pelas oficinas de sapateiros e carpinteiros, também porque será mais fácil

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

vender as obras feitas por eles, e desse modo ajudar as despesas de casa”².

Tendo já usufruído de uma experiência anterior na Europa, na Argentina e no Uruguai, os primeiros salesianos chegaram ao Brasil decididos a implantar nas diversas regiões do país as escolas profissionais e agrícolas.

Quando o Colégio Santa Rosa foi fundado em 1883, o aprimoramento do ensino profissional passou logo a constituir uma das metas dos salesianos.

Nos anos seguintes, as atividades profissionais tomaram grande incremento, merecendo mesmo elogios das autoridades competentes.

Após ter visitado o Colégio Santa Rosa em 1897, o inspetor de ensino Dr. Paranhos da Silva redigia uma ata de sua visita que concluía com estas expressões significativas:

“Pelo atencioso exame por mim feito no modo porque se desempenha este estabelecimento, de sua suprema tarefa, cabe-me salientar especialmente o ensino profissional, que vai tendo muito e notável incremento.

Congratulo-me, pois, com os diretores deste útil estabelecimento, cada vez mais credor de todo o apoio para o inteiro implemento de seu fecundíssimo objetivo”³.

Não apenas em Niterói, mas também em São Paulo as escolas profissionais tiveram no início a primazia.

Fora, aliás, a fama dos salesianos como mestres de artes e ofícios que fizera com que lhes fosse confiado o santuário do Coração de Jesus, ao qual seria anexado um instituto de ensino profissional. A 10 de janeiro de 1882, o grupo que promovia a obra enviava ao clero uma circular na qual se declarava:

“Há mais de dois anos temos em mente a fundação de um liceu de comércio, artes e ofícios, nesta capital de São Paulo.

Quanto ao pessoal docente, tem-se dado passos no intuito de obtê-lo da importantíssima Sociedade Salesiana de Turim,

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

³ Arquivo do Colégio Santa Rosa, Niterói.

que tem derramado incalculáveis benefícios das Repúblicas da América.

Inapreciáveis resultados tem alcançado a Sociedade Salesiana não só em relação às artes e ofícios, como relativamente ao ensino do comércio e das indústrias, fabricando nas oficinas dos seus estabelecimentos o papel, fundindo tipos, imprimindo obras importantes, encadernando-as etc. A marcenaria, a sapataria, a arquitetura, a pintura, a música, enfim todas as artes e ofícios vivem nesses estabelecimentos em companhia da literatura e das ciências. São estes os nossos desejos, são estas as nossas aspirações”⁴.

Marcigaglia assim se refere ao início das escolas profissionais no Liceu Coração de Jesus, de São Paulo, fundado em 1885:

“Nos primeiros anos, construíram os salesianos um grande edifício que atravessava o pátio central, em direção paralela à fachada. Nesse edifício ficaram comodamente instaladas, no rés-do-chão, as escolas profissionais (tipografia, encadernação, marcenaria, alfaiataria, sapataria, às quais, posteriormente, foram acrescidas a fundição de tipos, a marmoraria etc.), e no 1.º andar, os salões de estudo e as diversas salas de aula”⁵.

As escolas profissionais de Niterói e de São Paulo tiveram grande importância nas últimas décadas do século XIX e nos primórdios desse século, obtendo diversos prêmios em exposições nacionais e internacionais, pela alta qualidade de seus trabalhos.

No Mato Grosso iniciou-se a 1.º de setembro de 1894 o Liceu de Artes e Ofícios de São Gonçalo. Logo a primeira sede tornou-se insuficiente, e os salesianos adquiriram uma ampla chácara onde iniciaram a construção do novo edifício escolar. Em 1898 foram inauguradas as oficinas de alfaiataria, ferraria, carpintaria e curtição. Mais tarde foram instaladas também outras oficinas, entre as quais a tipografia.

Em 1900 foi inaugurado em Cuiabá o Observatório Meteorológico Dom Bosco, considerado então um dos melhores da América.

⁴ Arquivo do Liceu Coração de Jesus, São Paulo.

⁵ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 41.

Em alguns lugares, porém, o projeto inicial de Escolas Profissionais fracassou, como no caso do Liceu N. Senhora Auxiliadora de Campinas, fundado em 1897. A esse respeito, comenta o cronista salesiano:

“E as artes e ofícios? Era também este o fim dos fundadores do Liceu. Fizeram-se experiências, mas não vingaram. Talvez por estar o Liceu, naqueles tempos, algo afastado da cidade. Ao menos assim pensavam alguns. Daí as atividades agrícolas e a instalação de um curso comercial”⁶.

Nas diversas inspetorias do Brasil foram também criadas sucessivamente escolas agrícolas.

No Mato Grosso fundou-se em 1897 a Escola Agrícola de Caxipó da Ponte, a 6 quilômetros de Cuiabá, com o tempo transformada em residência de noviciado.

Em 1900 fundou-se em Jaboatão, perto do Recife, a Escola Agrícola São Sebastião, utilizada também em seguida como noviciado.

Em Lorena, onde já existia o Colégio São Joaquim, surgiu em anos posteriores a Escola Agrícola Coronel José Vicente.

Mas a mais importante foi sem dúvida a Escola Agrícola de Cachoeira do Campo, a primeira delas, fundada já em 1896 em Minas Gerais. É ainda o cronista Marcigaglia quem destaca a relevância desse estabelecimento, com estas palavras:

“O novo colégio, alentado pela decidida simpatia do povo mineiro e das autoridades, cresceu rapidamente, impôs-se à estima de todos, principalmente pelas suas realizações no setor do ensino da agricultura, teórico e prático. O curso agrícola das Escolas Dom Bosco foi muito eficiente e procurado, tendo merecido os mais expressivos elogios das autoridades e das pessoas competentes...

No princípio, o curso agrônômico era apenas de um ano, o que explica o fato de, logo ao fim do 1.º ano de funcionamento, haver a diplomação de um grupo de 14 alunos, que terminaram o curso profissional agrícola. Mais tarde passou a ter a duração de dois anos, e finalmente três”.

⁶ Marcigaglia, Luís, ob.cit., v. I, p. 100.

E o mesmo autor conclui:

“Uma das coisas mais notáveis das Escolas Dom Bosco é a sua rica coleção de mineralogia, organizada pelo grande amigo e benfeitor da casa e brilhante cientista, Dr. Joaquim Cândido da Costa Sena. Foi lente e diretor da famosa Escola de Minas de Ouro Preto, então capital do Estado”⁷.

A partir das primeiras décadas do século XX os salesianos passaram progressivamente a canalizar para as atividades escolares de cunho acadêmico a maior parte de seus recursos financeiros e humanos, e tanto as escolas de artes e ofícios como as escolas agrícolas entraram paulatinamente em declínio, salvo poucas exceções.

Quando, após a revolução de 1930, houve um aceleração no desenvolvimento industrial do país, e a mão-de-obra especializada passou a constituir uma necessidade urgente, esse espaço vazio na formação profissional das classes operárias passou a ser ocupado em grande parte pela fundação dos estabelecimentos do SENAI e do SENAC nos diversos centros urbanos.

Mesmo assim, deve ficar registrada na história brasileira essa página de pioneirismo da Congregação Salesiana no desenvolvimento do ensino profissional e agrícola.

Foi, aliás, o desenvolvimento do setor das artes gráficas nas Escolas Profissionais que ofereceu aos salesianos condições favoráveis para atuarem também na área da imprensa católica.

⁷ Marcigaglia, Luís, *ob.cit.*, v. I, p. 96-97.

OS SALESIANOS E A IMPRENSA CATÓLICA

Tendo sido fundada em meados do século passado, a obra salesiana impregnou-se também, desde o início, do espírito apologético que caracterizava a Igreja naquele período.

Na Itália, a jerarquia católica travava então um forte combate contra os jansenistas, valdenses e protestantes, e logo em seguida também contra os liberais.

Dom Bosco imbuuiu-se também profundamente dessa mentalidade polêmica da época, e com essa finalidade iniciou uma série de publicações em defesa da ortodoxia católica. Entre essas merece um destaque especial a publicação das *Leituras Católicas*, fundadas com o intuito específico de constituírem um contrapeso às publicações de índole *protestante*.

Apenas encetava Dom Bosco o seu ministério sacerdotal, quando o rei Carlos Alberto decretou a emancipação dos protestantes e dos judeus. Estes começaram então a espalhar uma multidão de livrinhos bíblicos e religiosos, destinados a promover suas doutrinas. Com o fim de preservar seus alunos dessa influência, o santo turinês começou a publicar um periódico com o nome de *O Amigo da Juventude*. E em seguida uma série de folhetos e opúsculos, com máximas morais e religiosas, destinados à defesa dos princípios católicos.

Também na Igreja do Brasil predominava nesse tempo o espírito polêmico e as publicações salesianas se enquadraram dentro da apologética católica que se implantava e fortalecia no país.

Não é pois de admirar que tanto Dom Bosco como seus discípulos mantivessem a mesma postura restritiva e com-

batente com relação a publicações de origem não católica e especialmente de cunho protestante. Na realidade também esses grupos religiosos que haviam vivido por um longo período numa situação coercitiva em países onde o catolicismo era considerado como religião oficial ou homogênicamente, vinham a público dispostos a conquistar espaço, utilizando igualmente uma linguagem apologética, tanto na Itália como no Brasil.

Embora situando-se nos moldes de uma eclesiologia romana e apologética, não deixa de ser relevante a contribuição dada por Dom Bosco no sentido de restaurar a vitalidade da fé entre os católicos do seu tempo.

Quando os salesianos se expandiram pela América do Sul, tomaram também diversas iniciativas, a exemplo do que já havia feito Dom Bosco na Itália. Entre essas, a publicação das *Leituras Católicas* em espanhol e português.

Ao fundar o Colégio de São Carlos, em Buenos Aires, logo trataram os salesianos de publicar as *Leituras Católicas* em espanhol.

No Brasil, a publicação das *Leituras Católicas* em português foi iniciada em 1890, graças ao dinamismo do P. Pedro Rota, então segundo diretor do Colégio Santa Rosa, em Niterói, aproveitando a tipografia e a encadernação das escolas profissionais do estabelecimento.

Ao celebrar-se em 1914 as Bodas de Prata da publicação das *Leituras Católicas* em português, aproveitou-se a oportunidade para enfatizar a colaboração dada por Dom Bosco e pelos salesianos à imprensa católica, nestes termos:

"Começavam as *Leituras Católicas* com as mesmas características que as primeiras saídas das mãos de Dom Bosco, isto é, combatendo os erros dos protestantes e defendendo a doutrina pura e santa da Igreja Católica"¹.

Após 25 anos, não tinha havido muita mudança no cunho apologético dos fascículos, tônica esta condizente, aliás, com o próprio clima reinante na imprensa católica do país.

Nos primórdios da República, de fato, a imprensa constituiu um dos instrumentos mais significativos para levar

¹ *Almanaque das Famílias Católicas Brasileiras para o Ano de 1914*, Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1914.

avante o combate em prol da ortodoxia católica. Tratava-se então de reagir contra o caráter laico da República, considerado na época como uma porta aberta para a implantação do ateísmo no país.

Ao apresentar um elenco das principais publicações católicas no início do período republicano, Oscar Lustosa acrescenta:

“Ajuntemos a tudo isto as editoras (salesianas, franciscanas, claretiana), que lançam no mercado brochuras e obras dentro de um estilo, não apenas peculiar a dado instituto, mas revelador do pensamento europeu, como se vê pelas traduções em massa”.

Em grande parte, de fato, os fascículos das *Leituras Católicas* eram traduções de textos publicados anteriormente na edição italiana.

Lustosa conclui sua análise com esta observação incisiva:

“A fraqueza de toda a imprensa católica não era apenas interna: carência de trabalhos originais, falta de pessoal qualificado, mediocridade de apresentação tipográfica e das matérias pouco atraentes. Também fatores externos contribuíram para a situação de precariedade: falta de coordenação, falta de apoio financeiro para a manutenção de unidade de vistas para a colocação de certos problemas da Igreja”².

Por conseguinte, embora uma imprensa relativamente numerosa em publicações, exercia pouco impacto sobre a opinião pública.

De fato, mais do que buscar a conquista de uma nova área de leitores e assinantes, tais publicações contentavam-se geralmente em atingir um público já vinculado às instituições católicas por diversas razões.

Mesmo assim, não deixavam de realizar um trabalho de consolidação e fortalecimento da posição católica, diante de outras influências protestantes, e do próprio laicismo, então dominante dentro de uma ótica liberal.

Com relação à imprensa salesiana em particular, convém assinalar a importância da revista *Santa Cruz*, publicada no

² Lustosa, Oscar de Figueiredo, *A Presença da Igreja no Brasil*, São Paulo, Giro, 1977, p. 52-53.

Liceu de São Paulo, sob a responsabilidade de intelectuais católicos, e, em grau menor, da revista *Luz de Maria*, sob a direção de Amélia Rodrigues e Amélia de Rezende Martins, duas distintas cooperadoras salesianas.

Pode-se assinalar, por fim, a significativa produção de revistas colegiais, com páginas de formação religiosa, como a revista *Dom Bosco* e o *Grêmio de Lorena*, fruto da progressiva valorização do ensino acadêmico nos estabelecimentos salesianos.

XVIII

OS COLÉGIOS E A OFICIALIZAÇÃO DO ENSINO

Já durante a própria vida de Dom Bosco, a educação escolar ministrada através dos colégios salesianos começara a assumir importância crescente, sendo exemplos significativos a esse respeito os colégios de Valsálce e Alassie. Tal fato se deve atribuir, entre outras causas, a duas razões principais: em primeiro lugar, os colégios passavam a constituir o celeiro mais importante das vocações eclesiásticas necessárias para o prosseguimento da obra salesiana em ascensão; em segundo lugar, mediante a educação católica ministrada nesses estabelecimentos de ensino, visava Dom Bosco contrapor-se ao ensino protestante e à educação leiga, propagada pela ideologia liberal em ascensão.

Ao implantar a obra de Dom Bosco no Brasil, os salesianos já vinham trazendo também ampla experiência educacional da Argentina e do Uruguai. Sobretudo neste último país, graças ao dinamismo de Lasagna, os salesianos se estavam afirmando como educadores das futuras classes dirigentes.

Formado em letras clássicas, Lasagna julgava que uma das missões específicas dos salesianos na América Latina seria contrapor o ensino católico ao ensino leigo. Por ocasião da inauguração do Colégio Pio de Villa Colón, a 2 de fevereiro de 1877, ele declarava em seu discurso oficial:

“Porém, senhores, a instrução que não se fundamenta sobre os ditames imutáveis e sacrossantos da religião; ou, mais claramente, a instrução sem educação civil e religiosa seria mais do que um erro, um funestíssimo crime. E deste

crime contra a família e a sociedade nós não seremos cúmplices jamais”¹.

Uma parte dos salesianos, porém, não via com bons olhos essa nova perspectiva de promoção do ensino acadêmico. Segundo o inspetor Francisco Bodratto, os salesianos estavam desse modo sendo desviados de suas metas primitivas. Respondendo a Lasagna, que pensa em expandir a obra de Dom Bosco, e sonha até com uma universidade católica no Uruguai, ele declara firmemente:

“Já sabe minha maneira de pensar. Teria preferido um colégio para meninos pobres nas vizinhanças de Montevideú. Porém não há pessoal. Antes de abrir novas casas, devemos consolidar o que temos...”².

Além das palavras, o inspetor procura tomar medidas que restrinjam os planos de Lasagna:

“Não gosta do Colégio Pio porque ministra ensino superior quando os salesianos, segundo ele, deviam dedicar-se somente aos meninos desamparados nas escolas de artes e ofícios. Por isso, proíbe a Lasagna fazer qualquer espécie de melhoramentos, e se queixa dos que foram autorizados por Dom Bosco e Cagliero”³.

Bodratto, porém, veio a falecer em 1880, e no ano seguinte Lasagna foi nomeado inspetor do Uruguai e do Brasil.

Em nosso país, de início, os salesianos receberam solicitações expressas para a implantação de escolas profissionais e agrícolas. Esse era o desejo expresso do bispo do Rio de Janeiro, e esse era também o projeto da comissão de vicentinos que preparou o início da obra salesiana em São Paulo e no Recife.

Paralelamente ao ensino profissional, porém, os salesianos começaram logo a ministrar aulas do curso primário e secundário para alunos das classes médias, destinados a profissões liberais.

¹ Belza, Juan E., *Lasagna, el Obispo Misionero*, Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1970, p. 80-82.

² Belza, Juan E., *ob.cit.*, p. 120.

³ Belza, Juan E., *ob.cit.*, p. 170.

No texto para a criação da personalidade jurídica da obra salesiana, apresentado por Peretto ao internúncio apostólico em 1898, lê-se explicitamente:

“A Sociedade Salesiana... tem por fim a educação moral e a instrução primária, secundária, artística e profissional da mocidade, especialmente da classe média e mais necessitada, e da infância desvalida”⁴.

Se de início as Escolas Profissionais de Niterói tiveram amplo desenvolvimento, progressivamente foi se afirmando também o ensino de cunho acadêmico.

Em artigo publicado a 8 de dezembro de 1900 o *Jornal do Comércio* assim destaca a importância desses cursos:

“O programa de estudos compreende os cursos elementares, comercial e de preparatórios; neste são cumpridos os programas de ensino oficial, com o fim de facilitar aos alunos, quanto for possível, os exames que deverão prestar para o ingresso nos cursos superiores”.

E mais adiante o redator acrescenta:

“Até esta data têm sido educados neste instituto cerca de 4.000 alunos, a maior parte dos quais se preparam para as profissões liberais, outros cursam academias ou ocupam posições no comércio.

Tem sido sempre muito lisonjeiro o resultado dos exames gerais de preparatórios prestados pelos alunos”⁵.

Fica, pois, bem patente a orientação básica de ensino escolar no Colégio Santa Rosa: preparar os jovens para ingressar na sociedade brasileira como profissionais liberais, ou vinculados às atividades do comércio. Em suma, trata-se do fortalecimento das classes médias urbanas, em ascensão desde fins do século XIX.

Também em outros colégios salesianos crescia progressivamente o interesse pelo ensino acadêmico. Em alguns institutos salesianos, o ensino de artes e ofícios não chegou sequer a ser implantado, e os cursos primários e secundários, base para os cursos superiores, assumiram desde o início a primazia.

⁴ Arquivo da Inspeção São João Bosco, Belo Horizonte.

⁵ *Jornal do Comércio*, 1900, 8 de dezembro.

As reformas de ensino feitas pelo governo Campos Sales em 1901, através do ministro da Justiça Epiitácio Pessoa, detentor da pasta da Educação, ofereciam aos colégios particulares a possibilidade de equiparação ao ensino oficial ministrado no Colégio D. Pedro II do Rio de Janeiro.

Esta medida governamental estimulou de certo modo os salesianos a incrementarem os estudos acadêmicos em seus estabelecimentos. Durante a primeira década do século XX os principais educandários salesianos procuraram apresentar os requisitos para serem equiparados ao ensino oficial.

Com a oficialização do ensino, o eixo da ação educativa salesiana passou gradativamente das escolas profissionais e agrícolas para o ensino primário e secundário nos colégios internos e externos. Em outras palavras, as metas educativas voltam-se progressivamente para as classes médias urbanas, passando a educação das classes populares a constituir um interesse secundário. Com isso, evidentemente, diminui entre os salesianos o empenho por aquela que era considerada a sua característica principal: a educação da juventude pobre e abandonada.

O incremento dado ao ensino acadêmico era fruto também da pressão dos próprios amigos e benfeitores da obra salesiana, desejosos de que seus filhos fizessem seus estudos nos estabelecimentos desses educadores que eles tanto admiravam.

Na medida em que, a partir de fins do século XIX, a Santa Sé começou a urgir a necessidade de uma formação sacerdotal mais aprimorada nos estudos de filosofia e teologia, os salesianos do Brasil começaram a considerar os colégios como um ambiente propício para o desabrochar de futuras vocações. Esta idéia, aliás, já começara a se afirmar desde o tempo de Dom Bosco, como se acenou anteriormente. Além disso, a renda desses colégios oferecia uma base financeira para o sustento das casas destinadas especificamente à formação sacerdotal.

Essa perspectiva de fortalecer a educação religiosa das classes urbanas em ascensão correspondia plenamente aos projetos do episcopado brasileiro. Sobretudo a partir da separação entre Igreja e Estado em 1890, os bispos passaram

a urgir a necessidade de contrapor o ensino religioso ministrado pelos colégios católicos ao ensino leigo decretado para as escolas públicas, tanto a nível federal, como estadual e municipal.

Por último, convém também assinalar que a equiparação do ensino ministrado nos colégios salesianos ao ensino oficial criou também um espaço favorável à influência da doutrina positivista, tão a gosto dos militares nesse período.

XIX

A INFLUÊNCIA MILITAR NOS COLÉGIOS

Na medida em que os salesianos deslocaram seu eixo de atuação das escolas de artes e ofícios para os colégios de nível primário e secundário, destinados à formação acadêmica, passaram a sofrer outro tipo de influência marcante: o militarismo.

A República fora proclamada por um grupo de militares, sob a influência do pensamento positivista, à frente dos quais estava Benjamin Constant. Defendiam como solução para os problemas deixados pelo Império a adoção de uma política autoritária, apregoada a altas vozes pelos líderes do Apostolado Positivista do Rio de Janeiro, o que encontrou sua expressão simbólica no lema republicano: Ordem e Progresso.

Mas a implantação da República contou também com representantes da ideologia liberal, dos quais Rui Barbosa era um dos mais expressivos.

Nas primeiras décadas do século XX houve tensões entre os líderes civilistas, levantando a bandeira liberal, e os grupos militares, defensores de reformas autoritárias.

Em 1914 rebentara a conflagração europeia conhecida com o nome de Primeira Guerra Mundial.

Alguns nacionalistas exacerbados denunciavam a existência de um "perigo alemão" nos Estados do Sul do Brasil. Os altos círculos militares, por sua vez, viam com intranquilidade a falta de preparação dos brasileiros para uma eventual guerra. E sugeriam então a aplicação da lei que criava o serviço militar obrigatório, aprovada no início de 1908. A lei fora debatida no ano anterior durante a ausência de Rui

Barbosa, seu forte opositor, e que estava representando o Brasil na segunda conferência de Paz em Maia. Mas ficara até então letra morta.

Para promover a aplicação da lei, os militares tiveram a idéia de iniciar uma intensa campanha cívica, e de ampla propaganda do serviço militar, mediante uma voz que tivesse ressonância na juventude brasileira. Gilberto Amado, professor de direito e deputado, recusou o convite que lhe foi feito.

O capitão Gregório da Fonseca, do gabinete do ministro da Guerra, sugeriu então o nome de Olavo Bilac, autor do *Hino à Bandeira*, de quem era velho amigo.

Bilac aceitou o convite, e no dia 9 de outubro de 1915 fazia a primeira conferência na Faculdade de Direito de São Paulo. Eis um dos tópicos significativos do seu discurso:

“Nunca fui, não sou nem serei um militarista. E não tenho medo do militarismo político. O melhor meio para combater a possível supremacia da casta militar é justamente a militarização de todos os civis; a estratocracia é impossível, quando todos os cidadãos são soldados. Que é o serviço militar generalizado? É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo”¹.

Estava a campanha pelo serviço militar nos seus inícios quando ocorreu no dia 26 de outubro desse mesmo ano o naufrágio da barca Sétima.

O fato de ter o aluno Antônio Chagas trazido a bandeira da barca antes que se afundasse, serviu de base para que se promovesse uma exaltação da educação salesiana em termos de patriotismo.

Dois eram os objetivos principais: em primeiro lugar evitar que o aspecto trágico do desastre, onde faleceram 21 alunos, além do salesiano Otacílio Nunes, tomasse conta da opinião pública, com conseqüências prejudiciais à vida do Colégio Santa Rosa; em segundo lugar, enfatizar que a Congregação de Dom Bosco, embora de origem italiana, estava

¹ Magalhães Júnior, Raymundo, *Olavo Bilac e sua Época*, Rio de Janeiro, Editora Americana, 1974, p. 366-367.

profundamente imbuída do sentimento nacionalista, evitando-se assim qualquer represália contra os salesianos vindos dos países envolvidos no conflito.

A frente do movimento colocou-se Francisco de Aquino Correia, jovem bispo salesiano, sagrado no dia 1.º de janeiro de 1915.

O dia 19 de novembro desse ano — festa da bandeira — revestiu-se de uma solenidade especial no Rio de Janeiro, não só pela entrega de uma medalha comemorativa ao jovem Antônio Chagas, mas também pelo clima de patriotismo que se propagava pelo país, mediante a campanha promovida por Olavo Bilac. Em discurso pronunciado nessa oportunidade, Aquino Correia proclama seu “patriotismo e entusiasmo pelas nossas classes militares”, prosseguindo com este tópico bem significativo:

“Senhores, eu amo o soldado, como os amava Jesus, que ainda em vida abençoava, com um milagre, o centurião romano e toda a sua família. . .

Amo o soldado, como os amava S. Paulo, que deles diz que sua espada não é uma vaidade, mas uma disposição da Providência, uma necessidade social.

Amo o soldado, como sempre os amou a Igreja, que instituiu um carinhoso rito para abençoar-lhes as bandeiras e as espadas, sagrando-as para a vitória e para o heroísmo.

Amo o soldado, como os amava S. Paulo, que deles diz pontos de contato, que já se viram essencialmente enlaçados na história, pela gloriosa instituição das ordens militares.

Amo o soldado, porque foram sempre a Igreja e o Exército, as duas maiores escolas de heroísmo, porque a cruz e a espada foram sempre os dois mais sublimes bordões dos heróis na luminosa estrada da ascensão humana”².

Em 1917 foi lançada a idéia de irem ao Rio, para tomar parte no desfile de 7 de setembro, os alunos mais crescidos e adestrados dos colégios salesianos mais próximos da Capital Federal, nos quais havia instrução militar. Tratava-se do Colégio Santa Rosa, de Niterói, do Colégio São Joaquim,

² *Boletim Salesiano*, 1916, p. 107-110.

de Lorena, do Liceu Coração de Jesus, de São Paulo e do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora, de Campinas.

No princípio, declara Marcigaglia, a idéia foi lançada pelo P. Manoel Gomes de Oliveira, mas encontrou dificuldades. Aos poucos o P. Mourão, o P. Helvécio e D. Nery, então bispo de Campinas e grande amigo da obra salesiana, aderiram com entusiasmo.

E o cronista conclui:

“Foi de fato um importante acontecimento. Os salesianos alcançaram uma estupenda vitória. Os aplausos e elogios foram unânimes. A imprensa, as autoridades, os ambientes militares, o povo, todos exaltaram e aplaudiram a patriótica iniciativa dos salesianos”³.

Convém assinalar, aliás, que foram os religiosos os que mais promoveram a instrução militar em seus estabelecimentos.

Por sua vez, a presença freqüente de militares como instrutores nos colégios salesianos, e a ênfase dada à preparação das paradas e aos exercícios de tiro de guerra, com sua tônica de ordem e disciplina, tiveram sem dúvida forte influência sobre toda a vida colegial. Progressivamente as concepções de autoridade e disciplina, tipicamente militares, passam também a estar presentes em outros setores da educação salesiana, diminuindo aquele caráter de espontaneidade e liberdade apregoados por Dom Bosco.

Encontrei em antigas bibliotecas salesianas vários textos de educação cívica utilizados nos colégios nesse período, com forte tônica patriótica de origem militar e positivista. Não se deve esquecer, aliás, que a própria Igreja do Brasil mostrava-se então muito mais inclinada a aceitar os valores de ordem e autoridade enfatizados pela filosofia positivista do que os de liberdade, típicos do pensamento liberal.

Até mesmo os superiores de Turim mostram-se preocupados com essa ênfase militarista nos colégios salesianos, temendo que a preocupação constante com os exercícios militares diminuísse nos jovens o entusiasmo pelo estudo e o gosto pela piedade.

³ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1958, v. II, p. 190.

Todavia, não se deve atribuir apenas à influência militar o enrijecimento da disciplina em vários colégios salesianos. Muitos desses estabelecimentos cresceram muito em número de alunos, com uma complexidade muito grande na articulação da vida colegial, com secções de alunos internos, semi-internos e externos distribuídos através de cursos diurnos pela manhã e pela tarde, e cursos noturnos. Para o bom andamento desse enorme complexo educacional, a disciplina tornava-se um elemento imprescindível.

Praticar fielmente o sistema educativo de Dom Bosco dentro desse novo contexto tornou-se de fato um grande desafio para os salesianos.

O SISTEMA PREVENTIVO DE DOM BOSCO

Vivendo em uma época em que a Igreja se mantinha numa postura fortemente autoritária e com rígidas restrições ao espírito de liberdade, Dom Bosco assumiu uma posição bastante inovadora em matéria de educação cristã: queria educar a juventude num clima de liberdade e responsabilidade pessoal.

No período em que no Brasil se afirmava o movimento pela Escola Nova, Mário Casasanta declarava com razão ser necessário estudar melhor alguns aspectos da atuação de Dom Bosco como educador, citando explicitamente: O gosto das idéias modernas, o desenvolvimento social em atividades extracurriculares, a ausência de castigos físicos, os sentimentos de liberdade e responsabilidade, os exercícios físicos, as diferenças individuais, o ambiente de cordialidade e confiança”¹.

Numa simplificação bastante ampla, Dom Bosco costumava reduzir os diversos sistemas educativos a dois gêneros principais: o repressivo e o preventivo. Segundo ele, o sistema repressivo consistia em dar aos educandos o conhecimento das leis, e em seguida vigiar pela sua observância, castigando os infratores. Um sistema adequado sobretudo para os adultos, já plenamente responsáveis por seus atos. Na afirmação de Dom Bosco, era principalmente nos quartéis que esse sistema tinha plena vigência. Além desse existia o sistema preventivo, no qual os educadores buscavam orientar

¹ Casasanta, Mário, *Dom Bosco Educador*, Niterói, Escolas Profissionais Salesianas, 1934, p. 138.

os jovens para a prática do bem, acompanhando-os diligentemente para que não cometessem faltas. Em última análise tratava-se de aplicar o princípio popular: “É melhor prevenir do que remediar”.

Se aos superiores incumbia o dever da vigilância preventiva, aos educandos Dom Bosco reservava o direito de expandir totalmente sua liberdade nos recreios e nos passeios, correndo, jogando e gritando à vontade.

Além disso, os castigos corporais e dolorosos deveriam ser absolutamente evitados. Na medida em que os educadores fossem amados e respeitados, bastaria um simples olhar ou uma palavra para que os alunos tomassem consciência de suas faltas e já se sentissem castigados com a perda da amizade de seus mestres.

Apesar das insistentes recomendações de Dom Bosco, nem sempre o ideal educativo era mantido nos colégios. Em carta escrita de Roma em maio de 1884, Dom Bosco lamentava que os superiores se mantivessem, com frequência, afastados dos alunos, e que o ambiente familiar por ele sonhado e praticado nos primórdios do Oratório de São Francisco de Sales de Turim não mais se reproduzisse nos diversos colégios da Itália.

Também na América do Sul, onde a obra salesiana fora implantada desde 1875, nem sempre mantinham-se em vigor as normas educativas do fundador.

A preocupação pela disciplina dominou em alguns colégios da Argentina, durante o inspetorado do P. Costamagna.

Em sua crônica do Colégio Pio IX, de Buenos Aires, o P. Vespignani declara:

“Diante da dificuldade em se acabar com certas desordens, p.ex., o fumar, chegou-se a estabelecer a pena de sete dias a pão e água para acabar com essa irregularidade”.

E em seguida o cronista faz esse comentário sensato:

“Caso se cometesse um grande pecado, que penitência se poderia impor? Não era proporcionada a importância que se dava às faltas. Além disso, nem o superior tinha a satisfação de saber pormenorizadamente o que se passava. Houve faltas de moralidade que lhe ficaram ocultas, não por má

vontade, mas porque não estávamos dentro do sistema salesiano”².

Essa situação provocou uma carta de Dom Bosco datada de 10 de agosto de 1885, endereçada ao P. Costamagna, mas extensiva a todos os salesianos da América do Sul. Nela o fundador da congregação reafirmava seus princípios, nestes termos:

“Seja próprio de nós o *sistema preventivo*. Nunca castigos penais, nunca palavras humilhantes, nunca repreensões severas em presença de outrem. Mas nas aulas se faça ouvir as palavras doçura, caridade, paciência. Nunca expressões mordazes, nunca um tapa, nem forte nem fraco sequer. Utilizem-se castigos negativos, e sempre de modo que aqueles que forem avisados tornem-se nossos amigos mais do que antes, e nunca se afastem aviltados de nós... Cada salesiano seja amigo de todos; nunca procure tirar vingança, perdoe facilmente e nunca traga à tona coisas já perdoadas uma vez... A doçura no modo de falar, de agir, de avisar, conquista tudo e todos”.

As exortações sobre o sistema educativo terminam com este lema programático:

“Dar a todos muita liberdade e confiança!”³.

Se Costamagna inclinava-se a enfatizar o aspecto da disciplina colegial, Lasagna, fundador da obra no Uruguai e então diretor de Villa Colón, primava exatamente por uma visão educativa mais aberta, bem típica do próprio Dom Bosco. A esse respeito, escreve o seu biógrafo:

“É certo que Lasagna praticava já desde então uma política de abertura, que nem todos podiam compreender. O mais importante é que Lasagna, embora corrigisse os defeitos, punha mais ênfase em purificar as causas da indisciplina e da irreligiosidade, do que em cortar de modo selvagem os defeitos.

Lasagna corrigia, porém cuidava dos fins e dos meios... Era amável e cordial; falava muito bem o espanhol, mesmo em suas modalidades orientais, tornando-se um deles.

² Belza, Juan E., *Lasagna, el Obispo Misionero*, Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1970, p. 195.

³ Belza, Juan E., *ob.cit.*, p. 196.

Suas preocupações, mais do que coletivas, eram personalizadas. Mais do que o êxito visível, procurava a correção íntima e particular”.

E Belza conclui em tom enfático:

“Não sacrificava a educação da liberdade pessoal nas aras dos prestígios de autoridade e da imagem triunfal do Instituto”⁴.

Foi com esse espírito que Lasagna implantou a obra salesiana no Brasil.

Na realidade, a aplicação do sistema preventivo de Dom Bosco nos colégios salesianos sofreu também aqui variações de acordo com as épocas e os superiores.

Já durante o directorado de Miguel Borghino à frente do Colégio Santa Rosa, para citar um exemplo entre outros, os jornais publicavam denúncias sobre a severidade no castigo dos meninos. Embora tais acusações devam ser reduzidas a seus devidos limites, em vista do clima anticlerical reinante, uma análise serena dos fatos mostra tendência a castigos corporais restritivos.

Durante os directorados de Rota e Zanchetta não se registram fatos dessa natureza. Pedro Rota, de fato, tinha um espírito muito aberto, que o colocava bem próximo de Lasagna. No governo de Zanchetta, porém, predomina um regime autoritário, que Marcigaglia descreve nestes termos:

“O Colégio Santa Rosa era um instituto forte e disciplinado. O pessoal era muito eficiente e selecionado. Os clérigos eram formados no trabalho e na humildade... Além disso, em tudo e acima de tudo, muito segredo. Os planos da alta direção da casa não transpiravam absolutamente.

Esse sistema fechado era famoso em toda a Inspeção”⁵.

Pode-se dizer mesmo, generalizando, que a vida dos colégios salesianos do Brasil alternou-se entre fases de maior abertura ou maior fechamento, de maior espírito de participação ou de maior autoritarismo, de ênfase mais significa-

⁴ Belza, Juan E., *ob.cit.*, p. 192.

⁵ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, p. 121.

tiva na vivência da liberdade, ou num reforço em prol da ordem e disciplina.

Não obstante, a mola inspiradora e promotora de toda a ação educativa dos salesianos eram as normas deixadas por Dom Bosco a respeito do sistema preventivo. Se para alguns ex-alunos salesianos o tempo de colégio passou a ser recordado posteriormente como um período de encarceramento, pelo rigor da disciplina vigente, no mais das vezes as recordações se explicitam no sentido de uma vida alegre e familiar, onde a liberdade individual encontrava o seu espaço adequado dentro do processo educativo.

Nesse sentido, aliás, merecem ser transcritas as observações de Azeredo Netto sobre o ambiente das Escolas Dom Bosco de Cachoeira do Campo, publicadas em 1930:

“Há como que um fluido de alegria comunicativa entre todos, e os jogos e brinquedos são feitos com a maior naturalidade e satisfação nos mesmos, tomando parte, muitas vezes, os padres.

Tem-se a impressão de estar no meio de numerosa família, cujo chefe é obedecido com amor, contentamento e gratidão pelos filhos amantíssimos.

Realmente o superior e demais sacerdotes salesianos dispensam aos alunos das Escolas Dom Bosco paternos cuidados”.

E mais adiante acrescenta:

“O interesse pela sua felicidade é recíproco: mestres e discípulos o revelam nos mínimos atos e palavras; tudo pela obra salesiana, predicados que se notam também nos ex-alunos, pois todos eles conservam as mais gratas recordações do colégio, e têm aos padres salesianos a mais pura amizade e afeição”⁶.

Este era, aliás, o quadro sonhado por Dom Bosco no projeto educativo deixado como herança à Congregação Salesiana.

⁶ Netto, Azevedo, *Sob o Domínio da Alegria e da Fé*, Belo Horizonte, Imprensa Nacional, 1930, p. 23-25.

A ALEGRIA SALESIANA: A MÚSICA E O TEATRO

Além do caráter preventivo com o qual Dom Bosco quis marcar o seu método educacional, outro aspecto emerge com bastante nitidez desde as origens do Oratório de São Francisco de Sales em Turim: a alegria típica do colégio salesiano, onde a música e o teatro ocupam lugar relevante.

Uma das impressões mais profundas do bispo Lacerda, ao visitar o Oratório de Dom Bosco em 1877, foi exatamente essa presença da música e do teatro como fator eminentemente educativo. Por isso, ainda em 1883, seis anos após, ele assim recordava a sua visita:

“Lá vimos em Turim maravilhas quase incríveis, mas realíssimas!... Ali também estuda-se o grego, e se tem representado nessa língua algumas composições dramáticas... ali floresce o estudo das ciências maiores, além da poesia e da arte de declamar. E que dizer da música? Esta parece que escolheu para seu palácio os estabelecimentos de Dom Bosco, e para seus filhos prediletos os alunos salesianos; bastaria por todos D. Cagliari... compositor festejado e autor de numerosíssimas composições que têm merecido aplauso geral¹.

Ao voltar ao Brasil, Lacerda passou a insistir na rápida vinda dos salesianos para sua diocese, solicitando sempre a Dom Bosco que tivessem aptidões musicais.

¹ *Carta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Ofícios, Artes e Letras em Niterói, Rio de Janeiro, 1883, p. 14.*

De fato, o primeiro grupo de salesianos destinado ao Brasil pôde demonstrar desde os primeiros dias após a chegada seus dotes na arte musical. Em seu Diário particular referente ao ano de 1883, Guilherme Morrissy, o amigo que recebeu os salesianos em nome do bispo Lacerda, faz essas preciosas anotações:

“Dia 17 de julho — Retirei o piano da Alfândega e mandei-o para Santa Rosa.

Dia 22 de julho — Fui à bênção na matriz. Os salesianos cantaram. Gostei muito da voz do Sr. Delpiano”².

Já em sua bagagem da Itália, portanto, os primeiros salesianos traziam um piano, e o coadjutor Delpiano destacava-se por sua bela voz de cantor.

Coube, porém, ao segundo diretor do estabelecimento, P. Pedro Rota, a fundação da banda de música do Colégio Santa Rosa, inaugurada em 1888. Em 1890 foi tirado o primeiro grupo fotográfico da banda colegial.

As comemorações de Colombo em 1892 ofereceram aos salesianos de Niterói a oportunidade de evidenciar suas aptidões musicais. A esse respeito, escreve Marcigaglia:

“Em 1892, por ocasião do IV Centenário do Descobrimto da América, o Colégio Santa Rosa notabilizou-se por uma série de festas patrióticas que realizou, nos domingos do mês de outubro, em homenagem a Cristóvão Colombo. O P. Pedro Rota, que era um músico de extraordinário valor, organizou excelentes programas com os melhores elementos de dentro e de fora. Aqueles valiosos certames musicais fizeram época e foram apreciados pelos mais seletos auditórios”³.

Na medida em que a obra salesiana se expandia, fundavam-se bandas de música em diversos colégios, e o teatro constituía sempre um instrumento educativo de grande valor.

O cronista salesiano descreve um interessante episódio ocorrido nos primórdios do Liceu Coração de Jesus, de São Paulo:

² Arquivo da Inspetoria São João Bosco, Belo Horizonte.

³ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 33.

“Estava preparada uma opereta cômica, do maestro Anfossi, intitulada *Il Congresso di Cavoretto*.

Tratava-se de um congresso de *corcundas*, que se reuniam para a defesa da classe e para exigir do povo absoluto respeito, apesar do tal defeito físico saliente...

O assunto e a música eram interessantes. Havia no elenco alguns bons cômicos. Como a peça seria representada em língua italiana, lembrou-se o P. Giordano de convidar o Cônsul italiano de São Paulo, a quem ainda não conhecia. Achou que seria mais delicado ir pessoalmente levar-lhe o convite.

Ainda bem! Porque, quando foi introduzido à presença do Cônsul, teve a surpresa de verificar que também ele carregava às costas uma respeitável corcunda...

Escondeu depressa o convite e desconversou. O Cônsul insistia em saber o que desejava e ele a repetir:

— Nada, nada, uma visita desinteressada, só para conhecê-lo e homenageá-lo... Só isto, senhor Cônsul”⁴.

O próprio Marcigaglia, aliás, faz questão de ressaltar a importância que os primeiros salesianos do Liceu deram à música e ao teatro:

“O Liceu cultivou sempre com afincio a música vocal e instrumental, e o teatro educativo. As grandes massas corais do Liceu constituíram grande novidade, e uma verdadeira revelação para a cidade de São Paulo. Nossa banda emparelhava com as mais célebres (Corpo de Bombeiros e Perma-nentes). As execuções teatrais sempre reuniam numerosos e seletos auditórios.

O P. José Allievi no canto, o Sr. Barbieri e o maestro Tavares na banda, o P. Giordano e o P. Gaiotto na escola teatral desenvolveram um vasto trabalho, com os melhores resultados, e popularizaram o Liceu na capital e no interior”⁵.

Também Carlos Leôncio, ao referir-se aos cinco primeiros lustros do colégio do Recife, fundado em 1895, faz esta observação importante:

⁴ Marcigaglia, Luís, ob.cit., v. I, p. 41-42.

⁵ Marcigaglia, Luís, ob.cit., v. I, p. 40.

“O colégio, já assim organizado, com mais de cem alunos, internos e externos, estudantes e aprendizes, todos uniformizados à maruja, tomava parte em festas, passeatas e procissões religiosas, e era preferido na cidade pela novidade do seu uniforme e da sua banda e fanfarras constituída de pequenos músicos”⁶.

Em modo análogo, também o Mato Grosso viu desde o início as manifestações do espírito jovial dos salesianos, expresso especialmente através da música e do teatro.

Poucos meses após a chegada a Cuiabá, em novembro de 1894, realiza-se a primeira grande festa salesiana no Colégio São Gonçalo. Durante a missa, a harmonia dos cantos e o perfeito acompanhamento musical a cargo do clérigo Fraga. À tarde uma sessão de marionetes, sob a direção dos padres Castells e Solari: “de uma janela, os bonequinhos põem o público em delírio”.

No ano seguinte, na festa de Nossa Senhora Auxiliadora, celebrada a 24 de maio, os discípulos de Dom Bosco dão outra grande exibição musical, durante o pontifical celebrado na catedral: “salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, seus alunos e alunas cantam a missa dos Santos Inocentes, do P. Costamagna”⁷.

Difícilmente poder-se-ia compreender uma casa salesiana onde não houvesse manifestações de música ou teatro.

Contraopondo-se à rigidez da educação tradicional, os salesianos introduziram uma nota característica de alegria, que tornava o ambiente colegial mais agradável, facilitando a permanência dos alunos nos educandários, onde eram mantidos em grande parte em regime de internato ou semi-internato.

Segundo Dom Bosco, aliás, esse clima de alegria reinante nos colégios devia predispor os jovens para aceitar melhor a formação religiosa, uma das metas prioritárias do sistema educacional salesiano.

⁶ Silva, Carlos Leôncio da, *Sete Lustras da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*, Lorena, 1966, p. 25.

⁷ Duroure, João Baptista, *Dom Bosco em Mato Grosso*, Campo Grande, Missão Salesiana de Mato Grosso, 1977, v. I, p. 73 e 76.

A PRÁTICA SACRAMENTAL

Numa síntese bastante significativa, Dom Bosco indicava três eixos ao redor dos quais devia girar toda a ação educativa: a razão, a religião e o carinho. Por outro lado, a meta do trabalho salesiano visava diretamente a formação de bons cristãos e cidadãos úteis para a pátria.

A racionalidade do processo educativo, conduzido num clima de benevolência e carinho, e simultaneamente a tônica religiosa eram os elementos considerados básicos e eficazes para a obtenção da finalidade proposta.

Como instrumentos indispensáveis para a formação religiosa dos educandos, Dom Bosco indicava a missa diária e a prática freqüente dos sacramentos da confissão e da comunhão.

A missa diária era então um elemento obrigatório nos estabelecimentos educativos da Itália, pela vigência do regime de união entre Igreja e Estado.

A insistência na prática sacramental constituía o elemento de reafirmação do catolicismo romano contra certas tendências jansenistas que, ao apelar para a dignidade do mistério eucarístico, recomendavam um clima de maior preparação e maior espaçamento na recepção da comunhão.

Ao estabelecerem a obra salesiana no Brasil, os salesianos mantiveram fidelidade a esses princípios.

Perdurando também aqui na época imperial o regime de união entre o Trono e o Altar, a obrigatoriedade da missa cotidiana era facilmente aceita pela sociedade da época,

embora já houvesse então reação forte de alguns grupos liberais.

A prática sacramental, ao invés, constituía efetivamente um elemento de novidade na vida religiosa do país, sendo mesmo um aspecto importante na própria mudança do modelo de Igreja.

Durante a vigência da Cristandade colonial, implantada no país a partir da chegada dos lusitanos, era ao redor do eixo devocional que girava a vida religiosa.

Dois aspectos devem ser tomados em consideração especial:

Em primeiro lugar, esse tipo de catolicismo permitiu uma participação bastante acentuada do povo na organização da prática religiosa. Sendo religião oficial do Estado, o catolicismo era considerado pelos habitantes do país como coisa própria, assumindo o mesmo povo a iniciativa das diversas manifestações religiosas. Estas expressões do culto católico encontram-se tanto no âmbito familiar como na vida pública.

Em segundo lugar, este catolicismo apresenta um aspecto social proeminente. As manifestações religiosas impregnam toda a vida da sociedade colonial, e a religião passa efetivamente a fazer parte do patrimônio cultural do povo. Sob esse aspecto, pode-se falar com razão que o povo brasileiro é tradicionalmente católico. O catolicismo de fato faz parte da sociedade e da cultura tradicional do Brasil.

Convém ressaltar, por fim, que o catolicismo tradicional está profundamente vinculado ao espírito medieval. Daí a ênfase dada ao aspecto devocional. De fato, as procissões, as romarias, e as devoções constituem uma característica medieval, época em que a doutrina sacramental não estava ainda bem definida pela Igreja. A doutrina dos sete sacramentos é definida no século XVI no Concílio de Trento, com a conseqüente valorização do papel do clero. Embora os portugueses tenham chegado ao Brasil no século XVI, esse espírito tridentino só será implantado a partir de meados do século XIX, com a reforma católica.

Durante os três primeiros séculos de história colonial a vida religiosa do Brasil está pois vinculada ao mundo me-

dieval. Daí uma certa concepção mítica da religião, com ênfase nos milagres e prodígios, nas promessas e nos ex-votos. Em última análise, a salvação é atribuída especialmente à devoção aos santos, e não tanto à prática sacramental, característica da mentalidade tridentina.

Compreende-se assim o espanto do clérigo Massano, companheiro de Lasagna, ao visitar pela primeira vez o Brasil em 1882:

“Nas cidades existem muitíssimas e riquíssimas igrejas, mas não existem padres que cuidem da maior parte delas. E os sacramentos? A confissão, os pecados são coisas supérfluas, dizem”.

E em outro tópico de seu relatório aos superiores de Turim declara:

“Eis toda a devoção dos brasileiros: ter um altazinho em casa... inscrever-se nas muitas confrarias...”¹.

Nessa época, porém, já estava em marcha no Brasil um movimento de promoção do ideal tridentino. A ação dos bispos reformadores não se limitava simplesmente a criticar ou reformar o catolicismo de tradição colonial. Simultaneamente, procuravam os bispos dar uma nova orientação ao catolicismo do povo brasileiro, através de novas formas de devoção e piedade. Convém ressaltar que essa nova orientação está centrada na vida sacramental. Tanto a instrução catequética como as novas formas de devoção e as associações religiosas têm como finalidade última levar o povo a uma vida sacramental mais intensa.

Um exemplo típico pode ser visto na pastoral coletiva dos bispos da província eclesiástica do Rio de Janeiro, datada de 16 de novembro de 1903, comemorando o 50.º aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição. Neste documento os prelados afirmam de modo incisivo:

“Procurando dar a essa comemoração jubilar todo o esplendor e magnificência possíveis, não nos esqueçamos, amados filhos, que esse aparato exterior do culto, músicas, iluminações, procissões, com serem coisas mui dignas de louvor, e capazes de conservar e aumentar nos povos fiéis o

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

sentimento religioso, não constituem contudo propriamente a religião, nem valor algum tem, quando se não casam com a verdadeira piedade, honestidade e pureza de vida”.

Nota-se portanto nos bispos uma preocupação explícita em distinguir bem as novas formas de expressão católica típicas do catolicismo romano e tridentino das tradicionais manifestações provenientes do passado colonial luso-brasileiro. A nova orientação tem uma tônica sacramental bem acentuada. Prosseguem ainda os bispos:

“Seja portanto o primeiro passo de nossas demonstrações a Maria imolar, no altar do sacrifício, nossas inclinações criminosas e nossos vícios; imolar tudo quanto seu bendito Filho condena, e executar sem restrições o que sua lei manda e prescreve.

Cheguemo-nos aos sacramentos com maior assiduidade, durante os doze meses deste ano jubilar; e aos fiéis que propuserem comungar, durante todo o ano, no dia 8 de cada mês, em honra de Maria concebida sem pecado, garantimos que lhe farão coisa mais agradável e aceita do que se dispendessem somas quantiosas em outras obras de religião e de piedade”².

A partir de então, começa progressivamente a se difundir uma dupla designação para os católicos brasileiros: de um lado os católicos *tradicionais*, considerados como tendo vínculos muito precários com a fé católica; do outro, os católicos *praticantes*, tidos pela hierarquia eclesiástica como as legítimas expressões da religião no país.

Os novos institutos religiosos vindos ao Brasil atuavam como preciosos colaboradores do episcopado na formação dos católicos praticantes.

Nessa mesma direção estavam alinhados também os salesianos. Não só mediante a ação educativa nos colégios, como também através da atuação pastoral nas capelas e paróquias, passam a enfatizar a necessidade da prática sacramental, como instrumento para a formação dos bons católicos.

² *Pastoral Coletiva dos Senhores Bispos da Província Eclesiástica de São Sebastião do Rio de Janeiro pelo 50.º aniversário do dogma da Imaculada Conceição de Maria SS.*, Rio, 1903, p. 10-12.

Essa preocupação dos salesianos com a freqüência aos sacramentos da confissão e comunhão foi, aliás, um dos aspectos assinalados por Lacerda em sua visita ao Oratório de Turim:

“Bons e ditosos dias esses que passamos nesse asilo de virtudes cristãs e artes, vendo exemplos de piedade e triunfos da Providência, tendo a doce consolação de distribuir a comunhão, todas as vezes que celebrávamos, a 200 e até 500 e mais devotísimos rapazes salvos da miséria, e talvez alguns arrancados dos mesmos vícios das praças públicas”³.

Esse espetáculo, tão ao agrado dos bispos reformadores, deveria repetir-se em muitos estabelecimentos de educação, na medida em que a obra salesiana se expandia pelo Brasil.

De fato, era ao redor do eixo sacramental que devia girar a formação religiosa ministrada pelos salesianos. Aliás, nas próprias devoções promovidas pelos discípulos de Dom Bosco, a ênfase sacramental esteve sempre presente, como nos cultos do Sagrado Coração e de Nossa Senhora Auxiliadora.

³ *Carta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Ofícios, Artes e Letras em Niterói*, Rio de Janeiro, 1883, p. 12.

A DEVOÇÃO MARIANA

Na formação religiosa ministrada pela Congregação Salesiana, a devoção mariana ocupou sempre um lugar bastante destacado. Entre outros títulos marianos, Dom Bosco, por sua vez, privilegiou o de Nossa Senhora Auxiliadora.

O título de Auxiliadora já era bastante antigo na Igreja, recebendo uma ênfase particular a partir do século XVI, quando os príncipes católicos lutavam pela defesa da cristandade européia contra o progressivo avanço muçulmano.

Por suas origens, o título incluía três aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, uma dimensão profundamente social: a Virgem era invocada sobretudo como a Auxiliadora do povo cristão. Outro aspecto importante era a dimensão eclesial; durante o período medieval consolidara-se a idéia da Igreja como Cristandade, ou seja, a Igreja identificava-se com um conceito sacral de sociedade. Maria era pois apreciada como defensora da Cristandade, ou seja, da própria Igreja, segundo o modelo vigente na época. Finalmente, deve-se ressaltar também o aspecto apologético. Maria é valorizada como o Auxílio dos cristãos em luta contra os muçulmanos, ou seja, os infiéis.

Ao reavivar o culto da Auxiliadora no século XIX, Dom Bosco procurou dar destaque tanto ao aspecto eclesial como ao apologético.

Nessa época, prevalecia já o conceito de Igreja como sociedade perfeita e hierarquizada, conforme o espírito do concílio tridentino, realizado em grande parte com uma visão apologética de combate aos protestantes.

Assim, pois, ao enfatizar a proteção de Maria sobre a Igreja, Dom Bosco ressaltava também a sua missão de defesa contra os protestantes, que adquiriam então liberdade de expressão na Itália.

Havia, porém, um outro aspecto específico da devoção mariana de Dom Bosco: a Virgem Auxiliadora era considerada a mãe e a protetora de sua obra educativa e religiosa, concretizada através da Congregação Salesiana. Maria tornava-se assim a mãe da Congregação e de cada um de seus sócios em particular, incluindo por extensão os amigos e cooperadores da obra de Dom Bosco.

Ao chegar ao Brasil em fins do século passado, os primeiros salesianos vieram imbuídos da idéia de que Maria Auxiliadora seria a Mãe e Protetora da obra de Dom Bosco que se implantava neste país.

Na correspondência e nos relatos dos discípulos de Dom Bosco com muita freqüência se afirma a proteção de Maria Auxiliadora, nos diversos eventos da obra salesiana em seus primórdios.

Não falta também ênfase no aspecto apologético da devoção. Um fato expressivo a esse respeito ocorreu durante a bênção da primeira estátua de Nossa Senhora Auxiliadora, vinda da Itália, a 23 de janeiro de 1886, e assim descrito pelo diretor Borghino em carta a Dom Bosco:

“A estátua foi benta pelo Rev.^{mo} Mons. Luís Raimundo de Brito, vigário geral da diocese, o qual após a bênção dignou-se dirigir a palavra ao povo imenso que havia acorrido de todas as partes, e com um breve, mas eloqüentíssimo e fervorosíssimo discurso, teceu os louvores de nossa boa Mãe Maria, de modo que arrancou lágrimas de todos os que o ouviam. O entusiasmo chegou a tal ponto que, tendo-se apresentado à porta da igreja uma senhora protestante enquanto monsenhor pregava, alguns camponeses que estavam junto à porta não lhe permitiram a entrada, dizendo-lhe no seu modo simples de falar que Maria era nossa, dos católicos, e não dos protestantes, e que fosse portanto cuidar de sua vida: *Nossa Senhora é nossa, e não dos protestantes; a senhora não pode entrar aqui*”¹.

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

Durante o directorado do P. Luís Zanchetta em Niterói, a devoção mariana assumiu uma ênfase maior ainda, com o projeto e a construção do monumento a Nossa Senhora Auxiliadora, na colina que se eleva atrás do Colégio Santa Rosa.

Servindo-se da colaboração dos cooperadores e amigos da obra de Dom Bosco espalhados nas diversas regiões do país, a campanha de arrecadação de ofertas teve resultado satisfatório, e a obra pôde ser inaugurada em 1900 como parte das comemorações brasileiras pelo IV Centenário da Descoberta do Brasil, e ao mesmo tempo como celebração do 25.º aniversário da chegada dos salesianos na América Latina.

Nos anos seguintes o monumento passou a ser meta de freqüentes romarias, especialmente a partir das festas marianas promovidas pelo episcopado brasileiro em 1904, em comemoração do 50.º aniversário da proclamação do dogma da Imaculada Conceição.

As romarias ao monumento de Nossa Senhora Auxiliadora no Colégio Santa Rosa de Niterói duraram enquanto os salesianos preocuparam-se em promovê-las. Pouco a pouco, porém, não havendo mais estímulo ou promoção, passaram a rarear sempre mais.

Enquanto duraram, atingiram principalmente segmentos das classes médias, não chegando nunca a ser um movimento tipicamente popular.

Deve-se ressaltar, porém, o esforço dos religiosos salesianos em criar para os católicos, nos primeiros anos da República, formas de expressar de modo público e coletivo a própria fé.

Além disso, era também um meio de evitar que a instituição colegial se transformasse numa ilha, sem vínculo algum com a população local.

As romarias permitem uma presença mais freqüente da comunidade cristã de Niterói, e até mesmo do Rio de Janeiro, dentro dos muros do estabelecimento salesiano.

Além do caráter religioso, essas romarias tinham um cunho festivo que atraía o povo. Convém ressaltar, aliás, que uma das características dos salesianos era um estilo de vida bastante descontraído, bem diverso da rigidez que outros

religiosos europeus estavam impondo ao clero e ao povo católico nesse período.

Junto ao Colégio Santa Rosa, surgiu posteriormente o santuário de Nossa Senhora Auxiliadora.

Outro santuário mariano importante foi construído pelos salesianos no Nordeste. Trata-se da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora na escola agrícola de Jaboatão, cidadezinha a 18 quilômetros do Recife. A bênção da primeira pedra foi dada pelo arcebispo D. Luís de Brito no dia 22 de janeiro de 1905.

Como simples padre, Luís de Brito havia benzido a primeira estátua de N. Senhora Auxiliadora do Colégio Santa Rosa. Grande amigo dos salesianos, ele os acolhera em 1883, quando ainda era pároco de Niterói. Coube também a D. Brito sagrar o santuário de Jaboatão no dia 5 de dezembro de 1915. Três dias depois, o arcebispo voltou a Jaboatão para coroar a estátua de Nossa Senhora Auxiliadora com uma coroa de ouro oferecida por piedosas mulheres. No dia seguinte, 9 de dezembro, faleceu repentinamente no Recife.

Além desses santuários, multiplicaram-se com o tempo as igrejas e capelas dedicadas a Nossa Senhora Auxiliadora.

Onde quer que os salesianos implantassem sua obra, procuravam também introduzir a associação de devotos de Nossa Senhora Auxiliadora.

Segundo o pensamento de Dom Bosco, a devoção a Maria Auxiliadora, expressa através de novenas e festas, devia levar os seus devotos a uma prática sacramental mais intensa. Em outras palavras: Maria devia conduzir os seus devotos a Jesus.

A DEVOÇÃO AO CORAÇÃO DE JESUS

Ao lado da devoção mariana, a promoção do culto ao Coração de Jesus constituiu outra característica importante da Congregação Salesiana no Brasil.

Tendo sua origem em fins do século XVII mediante a aparição do Coração de Jesus à santa Maria Margarida Alacoque (1673), a devoção só assumiu caráter universal em meados do século XIX. Em 1856, sob insistentes rogos dos bispos da França, o papa Pio IX introduziu a festa do Coração de Jesus no calendário universal. A partir de então, grupos, congregações e países passaram a consagrar-se ao Coração de Jesus. Em 1899 Leão XIII decretou que a solenidade do Coração de Jesus ocupasse um lugar de destaque no ano litúrgico, e ao mesmo tempo que toda a humanidade fosse consagrada ao Coração de Jesus na passagem do século.

A implantação da reforma católica no Brasil, a partir de meados do século passado, foi orientada diretamente pela Santa Sé, e a devoção ao Coração de Jesus constituiu-se em um de seus componentes importantes, conforme já se praticava em vários países europeus. A esse respeito, enfatiza Ralph della Cava:

“Na Europa, a reforma da Igreja e do clero e a ênfase acentuada na santidade pessoal e nas devoções sobrenaturais (a do Sagrado Coração de Jesus, por exemplo), estava em pleno vigor durante o papado de Pio IX”¹.

¹ Della Cava, Ralph, *Milagre em Joazeiro*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, p. 44, nota 33.

No Brasil, os primeiros a enfatizar a importância da devoção ao Coração de Jesus foram os lazaristas franceses e os jesuítas italianos, convocados pelo episcopado para fortalecer o movimento de reforma católica.

Formado à escola dos lazaristas de Mariana, o P. João de Santo Antônio tornou-se o apóstolo dessa devoção em Minas Gerais, construindo em Vista Alegre, município de Sete Lagoas, um templo do Coração de Jesus, iniciado a 8 de março de 1886 e concluído em maio de 1894”².

O jesuíta Bartolomeu Ricci, de Itu, tornou-se o grande promotor nacional da devoção ao Coração de Jesus, mediante a associação religiosa do Apostolado da Oração, que se estendeu rapidamente por todo o país.

Graças à atuação do P. Ricci, a devoção ao Coração de Jesus passou a ocupar no novo modelo de Igreja hierárquica o lugar do Bom Jesus na tradicional concepção de Igreja como Cristandade.

A devoção ao Bom Jesus valorizava a idéia do sofrimento e da expiação, centralizada ao redor da meditação da paixão e morte de Cristo. Quatro eram os enfoques principais: a coroação de espinhos no pretório de Pilatos (Bom Jesus da Cana Verde); o caminho do calvário (Bom Jesus dos Passos); a crucifixão (Senhor do Bom Fim), e a morte e sepultura de Cristo (Senhor Morto). Essa concepção evidentemente fortalecia, a nível popular, a idéia de Cristo como companheiro do povo, como bem ressalta João Camilo de Oliveira Torres:

“O povo dos sertões vê no Cristo a imagem do irmão sofredor, a divindade vítima dos poderes do mundo: como ele”³.

Por outro lado, favorecia também uma certa concepção fatalista da existência, passando-se a considerar o sofrimento humano basicamente como consequência do pecado original, que transformara este mundo num vale de lágrimas.

² Souza, Joaquim Silvério de, *Sítios e Personagens*, São Paulo, Tip. Salesiana, 1897, p. 187ss.

³ Torres, João Camilo de Oliveira, *História das Idéias Religiosas no Brasil*, São Paulo, Grijalbo, 1968, p. 58.

Na devoção do Coração de Jesus era enfatizada a responsabilidade pessoal de cada pessoa no desígnio salvífico de Deus, ao mesmo tempo em que se ressaltava a necessidade de reparar com obras espirituais os pecados cometidos pelos hereges e maus cristãos.

No contexto histórico da época, como hereges eram considerados principalmente os protestantes, e como maus cristãos aqueles que se deixavam orientar pelos princípios liberais.

Mediante a idéia da comunhão reparadora nas primeiras sextas-feiras de cada mês, a devoção ao Coração de Jesus passava a ter um cunho clerical acentuado; essa vinculação ao clero era fortalecida pelo próprio Apostolado da Oração, associação submetida à direção espiritual dos jesuítas ou de outros clérigos por eles delegados.

Ao chegar ao Brasil, os primeiros salesianos já vinham predispostos a propugnar a nova devoção, introduzida na Congregação pelo próprio Dom Bosco.

Enquanto o Colégio Santa Rosa de Niterói se transformava num centro nacional de divulgação da devoção mariana, o Colégio de São Paulo passou a constituir desde o início um pólo importante de devoção ao Coração de Jesus.

Já desde 1878, aliás, alguns católicos paulistas haviam deliberado comprar um terreno no bairro dos Campos Elíseos para construir uma capela dedicada ao Sagrado Coração de Jesus, patrono da conferência vicentina de São Paulo.

A 24 de junho de 1881, festa litúrgica do Coração de Jesus, o bispo benzeu a primeira pedra da projetada capela. A 31 de julho desse mesmo ano o cónego Barroso divulgava uma circular destinada a angariar esmolas para a edificação do templo, declarando:

“Conforme já declarou o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo, pretende ele oportunamente consagrar esta diocese ao Sagrado Coração de Jesus, e então este templo, ora em começo, será um monumento que perpetuará e atestará aos pósteros a

piedade e religião da benemérita e patriótica diocese de São Paulo”⁴.

A idéia de confiar o futuro santuário aos salesianos foi bem aceita por Lasagna. Escrevendo ao P. Lemoyne a 6 de setembro de 1883 ele declarava:

“Estou certo que também o senhor... verá com sumo prazer repetir-se aqui em São Paulo um caso análogo e quase diria idêntico ao de Roma. Lá é o Santo Padre que chamou Dom Bosco e lhe confiou a construção do grande templo, e aqui é o supremo Pastor desta diocese que o coloca em nossas mãos com o mesmo fim. Em ambos os casos é sempre o Coração Sacratíssimo de Jesus que nos chamou a si, a fim de que lhe formássemos uma coroa de inocentes meninos e de almas generosas.

Um dia talvez, não muito longínquo, um dia feliz virá em que também nós, salesianos da América, também nós seremos recebidos à sombra de um grande santuário dedicado ao Coração de Jesus”⁵.

Em agosto de 1884 o bispo Diocesano D. Lino Deodato publicava uma circular anunciando a próxima vinda dos salesianos, e ressaltando a importância do santuário, “destinado a ser para toda a diocese o centro da devoção ao Sagrado Coração de Jesus”.

E em seguida acrescentava:

“E a prova é que, tendo nós efetuado a bênção e lançamento da primeira pedra a 24 de junho de 1881, tivemos a inefável consolação, três anos precisamente depois, isto é, em 24 de junho do corrente ano, de proceder à inauguração e bênção da capela-mor do novo templo, vendo erguer-se ao seu lado, e já em bom pé de construção, o edifício destinado para o Liceu de Comércio, Artes e Ofícios, caridosa e utilíssima instituição cujo objetivo é a educação moral e religiosa consorciada ao ensino profissional da infância, principalmente pobre e abandonada”⁶.

⁴ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 63.

⁵ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁶ Arquivo da Cúria Diocesana de São Paulo.

Ao lado do Liceu Salesiano de São Paulo, o santuário do Coração de Jesus, transformado posteriormente em paróquia, tornou-se um importante centro de devoção.

A partir dos primórdios do século XX, durante o governo geral do P. Rua, passou-se a incentivar na Congregação Salesiana práticas devotas em honra do Coração de Jesus. Nos colégios salesianos, e sobretudo nas casas de formação sacerdotal, as práticas devotas intituladas *Nove Ofícios*, *Guarda de Honra*, *Hora de Guarda*, passaram a ser incentivadas entre os alunos e os religiosos. Uma ênfase especial mereceu a *Comunhão reparadora* nas nove primeiras sextas-feiras, originada da própria visão da freira Alacoque.

Os salesianos do Brasil assimilaram de tal forma esta concepção "sobrenaturalista" da devoção ao Coração de Jesus, que lhes foi difícil assimilar em décadas posteriores o significado expressivo da festa de Cristo Rei, introduzida por Pio XI, e que abria toda uma perspectiva de presença cristã na sociedade, através dos movimentos de ação católica.

Por sua vez, essa ótica espiritualista passou a marcar também profundamente a concepção salesiana de santidade.

ESPIRITUALIDADE E SANTIDADE

Embora, em termos mais precisos, se possa dizer que existe uma única espiritualidade e uma única santidade cristã, através dos séculos os institutos religiosos, sobretudo os mais destacados, passaram a advogar para si uma forma particular de vivência dessa mesma santidade e espiritualidade. Daí ter-se generalizado o costume de se falar, por exemplo, de espiritualidade beneditina, espiritualidade franciscana e assim por diante. Também na literatura dos discípulos de Dom Bosco aparecem com muita frequência os termos “espiritualidade salesiana” e “santidade salesiana”.

Existe, porém, uma grande dificuldade quando se pretende dar um conteúdo mais explícito a esses termos. A razão básica é que Dom Bosco deixou poucos princípios que pudessem servir de sustentáculo para a elaboração de uma teoria sobre a espiritualidade e a santidade salesiana.

Homem profundamente prático, Dom Bosco dedicou a sua vida principalmente à educação da juventude mais pobre e mais carente. Nesta sua ação educativa costumava afirmar que era através da prática que os seus princípios iam sendo elaborados. Mesmo assim, deixou em seguida um pequeno roteiro de normas teóricas, intitulado *Sistema Preventivo*, que ofereceu um ponto de partida seguro para desdobramentos e explicitações futuras.

Com relação à espiritualidade, porém, Dom Bosco não deixou nada formulado em termos teóricos.

Os estudos sobre sua formação anterior, sobretudo no Centro de Aperfeiçoamento em Teologia Moral, fundado pelo teólogo Guala, em Turim, e dirigido na época por Cafasso,

mostram grande influência da espiritualidade afonsiana sobre Dom Bosco ¹.

Desde a época tridentina acentuara-se na Igreja uma concepção dicotômica da realidade, onde se faziam bem nítidas oposições entre matéria e espírito, entre corpo e alma, trabalho e oração, atividade e contemplação, com uma prevalência absoluta dos chamados valores espirituais sobre os valores terrenos. Esta dicotomia, aliás, tinha origem em cosmovisões filosóficas bem mais antigas.

Embora marcado por esse tipo de espiritualidade vigente em sua época, Dom Bosco, a meu ver, assinala-se por uma prática de vida espiritual que oferecia elementos importantes para uma verdadeira renovação da espiritualidade católica. De fato, durante toda a sua vida ele proclamou o trabalho como fonte imprescindível de espiritualidade e santidade. Em sua mente, o trabalho não se opunha à oração e à contemplação, mas, ao invés, orientado segundo motivações cristãs, constituía um instrumento poderoso para a construção do Reino de Deus. Por isso foi sempre um incansável trabalhador. E quando os médicos pediam que repousasse, em vista do seu desgaste físico, Dom Bosco afirmava que só poderia parar quando as forças do mal deixassem de atuar no mundo. A exortação ao trabalho por parte de Dom Bosco é constante, podendo mesmo o binômio Trabalho e Temperança, repetido por ele muitas vezes, ser considerado como um dos lemas da Congregação Salesiana. A afirmação de que a Congregação teria seu momento de glória quando um salesiano morresse em plena atividade no campo de trabalho é sem dúvida muito expressiva da nova cosmovisão que Dom Bosco estava articulando e vivenciando. A época do Vaticano II, com as afirmações das novas teologias do Reino de Deus, das realidades terrenas, do trabalho e da técnica, confirmam a validade das intuições de Dom Bosco.

Após a sua morte, porém, os salesianos receberam inúmeras pressões da Santa Sé a fim de que a formação dos novos religiosos fosse feita nos moldes tradicionais das

¹ Vide Azzi, Riolando, "A influência de Santo Afonso Maria de Ligório na Espiritualidade Piemontesa do Século XIX", in *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, 1961, n. 2, agosto. Este estudo foi retomado no seu conteúdo por Eugênio Valentini, *Don Bosco e S. Alfonso*, Salerno, Casa Editrice Santo Alfonso, 1972.

demais ordens e congregações, debaixo da uniforme orientação romana.

Faltou entre os salesianos daquela época quem tivesse condições de formular em suas linhas essenciais a nova espiritualidade propugnada por Dom Bosco, onde o trabalho era enfatizado como um instrumento poderoso para a construção do Reino de Deus, ou, segundo a linguagem típica da época, adotada também por Dom Bosco, para a salvação das almas.

A partir de fins do século passado acentua-se na formação salesiana a tônica espiritualista, com ênfase nos valores da alma, da oração, da contemplação, e com uma denúncia sempre maior dos riscos do materialismo do trabalho e dos perigos inerentes ao ativismo. Recorre-se cada vez mais na formação salesiana aos clássicos tratados de ascética e espiritualidade, fortemente marcados por uma concepção pessimista a respeito da matéria, com raízes platônicas e agostinianas. Nesta ótica, o trabalho é apresentado basicamente como forma de expiação pelo pecado.

Em última análise como toda a Igreja saída do Vaticano I, imbuída de ultramontanismo e reacionária com relação ao pensamento liberal e moderno, também os salesianos tendem a dissimular os aspectos renovadores da espiritualidade do fundador, procurando acentuar os elementos consentâneos com os padrões tradicionais da ascética e da mística.

É nesse contexto que em fins do século passado e nas primeiras décadas desse século se formam na espiritualidade as novas gerações de salesianos. A tensão e os aspectos conflitivos estão aí presentes com frequência, pois a prática salesiana, valorizando o trabalho, a atividade, a importância da ação na área educativa, cultural e pastoral por vezes não encontra suporte nas teorias de espiritualidade ministradas durante o período de formação religiosa.

Não obstante isso, não faltaram também na Congregação, tanto na Itália como nos demais países por onde se expandiu a obra de Dom Bosco, exemplos de santidade.

No Brasil, a obra salesiana produziu desde os primórdios frutos de santidade, dos quais apresento aqui dois exemplos apenas.

Já em fins do século passado a figura do irmão coadjutor Joaquim Honório dos Santos era considerada pelo bispo Lacerda como um grande exemplo de virtude. O prelado do Rio de Janeiro admirou muito Joaquim em vida, e passou a invocar a sua proteção depois de morto.

Carlos Peretto, que visitou D. Lacerda às vésperas de sua morte, narra esse episódio sugestivo:

“Bem gravadas ficaram na nossa mente as palavras do saudoso bispo, quando em 1891, achando-se em agonia, ia repetindo amiúde com a mais edificante humildade: Ó Joaquim sapateiro, valei-me nesta hora, alcançai-me aquela paz, aquela calma e resignação, que gozastes em vida e na hora de vossa morte”.

E em seguida o próprio bispo acrescentava:

“Joaquim, não o pai da SS. Virgem, Joaquim, o sapateiro de Santa Rosa”.

Ao transcrever esse fato, D. Lustosa, biógrafo de Joaquim Honório, conclui:

“As recordações em que, ainda hoje, vivem como embal-samadas as virtudes do humilde filho de Dom Bosco, confirmam o grande conceito que o bispo do Rio de Janeiro tinha formado de Joaquim Honório dos Santos”².

Mas a figura que mais emerge no Brasil como expressão da santidade salesiana é sem dúvida Rodolfo Komorek, sacerdote polonês que por vinte cinco anos trabalhou com zelo incansável no Brasil, vindo a falecer em São José dos Campos a 11 de dezembro de 1949.

Alguns aspectos, como o espírito de mortificação e sacrifício de Komorek podem parecer menos condizentes com a vida moderna e com o desenvolvimento de nossos conhecimentos de antropologia e psicologia, mas refletem as características tradicionais da espiritualidade católica, na qual fora ele formado.

Ao mesmo tempo, porém, Komorek, como Dom Bosco, foi um trabalhador incansável, que deu a vida pela construção do Reino de Deus e a salvação das almas. Mesmo nos

² Lustosa, Antônio de Almeida, *Joaquim Sapateiro*, São Paulo, Edições S.V.S., 1964, p. 138.

últimos anos, com os pulmões gravemente afetados pela tuberculose, nunca se recusava a nenhum tipo de atividade pastoral, só dando ao corpo o descanso necessário para manter-se em vida. Pode-se dizer de fato que ele morreu no campo de trabalho.

Mons. Ascânio Brandão, que o conheceu bem de perto, ressaltou essa operosidade incansável do P. Rodolfo num importante artigo, do qual extraio apenas o seguinte tópico:

“Onde passou, foi deixando sempre a mesma impressão de santidade, cercado daquela auréola de veneração popular e admirado por quantos o conheceram no heroísmo de uma vida de fidelidade ao dever e no ministério da salvação das almas. Era edificante vê-lo cada dia à procura dos enfermos, dos pobrezinhos, preocupado com os que sofriam, levando uma palavra de consolo e de fé aos que choravam, entre os pobres”.

E esse conhecido escritor católico, concluiu:

“Nada mais belo e consolador do que viver ao lado de um santo. Tivemos essa ventura”³.

É importante assinalar que o P. Komorek constitui verdadeiramente um exemplo de santidade reconhecido e aclamado por toda a comunidade católica, e não apenas pelos salesianos. Ele pode ser considerado em sentido pleno um santo da Igreja do Brasil, a serviço da qual, evidentemente, atuam os discípulos de Dom Bosco.

Mas a santidade salesiana não fica sendo exclusiva de padres e irmãos leigos, como nos dois exemplos indicados. Caracteriza também as religiosas do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, fundado por Dom Bosco. E os frutos dessa espiritualidade salesiana estendem-se também a todos os alunos, ex-alunos, cooperadores e amigos da obra salesiana.

³ Brandão, Ascânio, “Padre Rodolfo, Salesiano de Dom Bosco”, in *O Lábaro* de 29.12.49. Sobre o Padre Rodolfo, ver a biografia escrita por Riolando Azzi, *Uma Presença Entre os Pobres, Padre Rodolfo Komorek*, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1981.

AMIGOS E COOPERADORES SALESIANOS

Determinado a levar avante uma gama bastante diversificada de atividades em prol da juventude carente e das necessidades da Igreja em sua época, Dom Bosco decidira abrir espaço ao seu redor para a colaboração generosa de amigos dispostos a dar um pouco de seu tempo, de sua vida e de seus bens para a realização dessas tarefas.

Desse modo, o Oratório de São Francisco de Sales fundado por Dom Bosco em Turim recebeu desde o início uma colaboração muito variada de clérigos e leigos, de católicos praticantes e de outras pessoas de boa vontade.

Sob esse aspecto, tentou ele romper de certo modo o tradicional conceito de vida religiosa como forma de segregação do mundo. Os salesianos não haveriam de se distinguir pelo hábito e pela clausura, mas sim pela dedicação apostólica às obras de bem. Desse modo, o Oratório primitivo mantinha as portas abertas para cooperadores, amigos e antigos alunos.

Ao elaborar as primeiras constituições da Sociedade de São Francisco de Sales, Dom Bosco chegou mesmo a introduzir o conceito de religiosos vivendo no século, ou seja, a categoria de cooperadores que passariam a formar a terceira família salesiana, ao lado dos congregados salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora.

Apesar das insistências de Dom Bosco, a Santa Sé não permitiu naquela época uma inovação tão revolucionária ao conceito tridentino de vida religiosa.

Ao se implantar no Brasil em fins do século passado, os discípulos de Dom Bosco procuraram preservar essa característica mais aberta da obra salesiana.

Já se ressaltou anteriormente, aliás, a colaboração oferecida pelos confrades vicentinos nos primórdios de diversas obras brasileiras.

A fundação do Colégio Santa Rosa de Niterói, a 14 de julho de 1883, deveu-se em grande parte ao auxílio desses amigos e admiradores da instituição do padre turinês.

A primeira refeição oferecida aos salesianos, no dia de sua chegada ao Brasil, tornou-se com o correr dos anos a expressão simbólica dessa colaboração dos amigos de Dom Bosco e seus filhos e discípulos.

A primeira descrição desse episódio nos é oferecida pelo superior da comunidade, Miguel Borghino, em carta de 7 de agosto, onde escreve:

“Chegamos à casa pelas 6:00 da tarde, cansados, fatigados e, diria mais ainda, famintos. Não tínhamos comido desde as 9:00 da manhã, quando tínhamos feito um pouco de *déjeuner*. Por sorte encontramos pelo caminho um padeiro e compramos um pouco de pão; em casa encontramos algumas garrafas de vinho, e assim ceamos com o maior apetite do mundo pão e vinho”.

E em seguida acrescenta:

“Encontramos muitas pessoas que nos querem bem e esperamos serão ótimos cooperadores, e com o auxílio deles poderemos fazer muito. O bispo, o pároco, os membros da Conferência de São Vicente de Paulo, e especialmente aquele senhor Guilherme Morrissy, e um outro senhor Melo são os nossos sustentáculos nesses primeiros dias”¹.

Mais tarde, por ocasião do 50.º aniversário da chegada dos salesianos ao Brasil, a poliantéia comemorativa publicada nesse ano de 1933 assim especificava a participação dos amigos nessa primeira refeição:

“Como nota interessante devemos dizer que o único alimento nesse dia consistiu em ovos, queijo e pão. Os ovos, providenciados pelo então vigário de Niterói, cônego Luís

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

de Brito, mais tarde arcebispo de Olinda; o pão, pelo Sr. Benvides, um dos amigos da primeira hora, e vizinho do colégio; o queijo, pelo Sr. Morrissy, que, juntamente com o Sr. Antônio Correia de Melo, fora a bordo receber os visitantes. É digno de nota que, em comemoração do fato, o Sr. Morrissy tenha mandado, no dia 14 de julho do ano seguinte, outro queijo, continuando a enviá-lo todos os anos”².

Histórias análogas poderiam ser contadas provavelmente em outras fundações salesianas, evidenciando o carinho com que foram tratados os primeiros discípulos de Dom Bosco.

Os cronistas da obra salesiana no Brasil fazem questão de ressaltar em seus volumes a presença desses cooperadores e amigos no início das diversas obras.

Além do grupo de vicentinos que prepararam a fundação do Liceu Coração de Jesus em São Paulo, Marcigaglia cita os seguintes benfeitores: D.^a Veridiana Valéria da Silva Prado, generosa amiga de todas as horas, que era considerada a mãe dos salesianos; o conde Prates, que deu o relógio da torre e o carrilhão, fez um importante donativo em dinheiro ao Liceu e custeou a reforma do órgão em 1911; a condessa Pereira Pinto, filha de D.^a Veridiana, que deu a estátua da torre; a baronesa de Tatuí, que deu o órgão e o altar de S. Joaquim. E outros mais.

Marcigaglia conclui destacando uma plêiade de escritores e literatos, que muito fizeram pelos salesianos nas últimas décadas do século passado e nos primórdios desse século: Duarte de Azevedo, Brasília Machado, Aureliano Coutinho, Teodor Sampaio e Porfirio de Aguiar. A eles se deve a fundação da revista *Santa Cruz*, “que teve uma longa e brilhante existência”³.

Também o Colégio São Joaquim, terceira obra salesiana no Brasil, fundado em 1890, contou com a colaboração de valiosos amigos. Em primeiro lugar vem o conde Joaquim de Moreira Lima, em cuja honra o colégio recebeu o título de São Joaquim. Além dele, são citados o barão de Castro Lima, a baronesa de Santa Eulália, o conde José Vicente de Aze-

² *A Obra Salesiana no Brasil no seu Cinquentenário, 1883-1933*. Niterói, 1933, p. 19.

³ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 45.

vedo e o Dr. Gama Rodrigues, entre outros. A condessa Risolletta de Moreira Lima era conhecida "como a mãe dos salesianos" ⁴.

Ao referir-se à fundação do Liceu Nossa Senhora Auxiliadora de Campinas, em 1897, o cronista salesiano anota:

"Os primeiros antigos benfeitores do Liceu de Campinas, ainda muito lembrados, são os seguintes: D. João Batista Correia Nery, D. Umbelina Alves Couto, barão e baroneza Geraldo de Rezende, Jerônimo Campos, Dr. Lopes Martins e diversos outros" ⁵.

Tais exemplos, evidentemente, poderiam ser multiplicados.

Também Carlos Leôncio, em sua crônica da Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil, fez questão de colocar em relevo o nome dos benfeitores das primeiras fundações salesianas do Nordeste.

O elenco se inicia com os que deram a colaboração para a implantação do Colégio de Artes e Ofícios do Sagrado Coração em Recife, fundado em dezembro de 1894.

"Nesta lista tem a primazia a Comissão fundadora deste colégio, à frente da qual aparece este notável industrial, Dr. Carlos Alberto de Menezes, naqueles anos gerente da Companhia Ferro Carril do Recife e logo depois fundador e principal proprietário da Fábrica de Tecidos de Camaragibe... Durante toda a sua vida foi o desvelado amigo e benfeitor da obra salesiana. Veio a falecer em 1904".

Em seguida são citados os nomes do comendador José Maria de Andrade, "principal agenciador da compra e do arranjo do velho casarão do Mondego, sede do Colégio", e do major José de Miranda Cúrio, que foi para os salesianos dos primeiros anos "seu grande sustentáculo" ⁶.

Mais adiante, o cronista da obra salesiana no Nordeste faz questão de recordar também os que colaboraram para a fundação do Liceu do Salvador da Bahia, inaugurado oficialmente a 11 de março de 1900:

⁴ Marcigaglia, Luís, ob.cit., v. I, p. 47.

⁵ Marcigaglia, Luís, ob.cit., v. I p. 100.

⁶ Silva, Carlos Leôncio da, *Sete Lustros da Inspetoria Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*. Lorena, 1966, p. 115-116.

“Do mesmo modo não podemos esquecer na fundação da casa da Bahia o coronel Leôncio Medeiros, depois o Dr. Teodoro Sampaio, o restaurador do Liceu do Salvador, e a dedicada cooperadora, insigne poetisa D.^a Amélia Rodrigues”⁷.

A grande estima que muitos desses benfeitores nutriam para com os salesianos pode bem ser sintetizada nestas expressões de Amélia Rodrigues, em carta endereçada ao P. Alberti a 1.º de junho de 1899:

“Os salesianos e a obra de Dom Bosco resumem os derradeiros afetos de minha vida. Confio que esse amor será a luz que ilumine os meus dias até a hora final. Assim o permita a Virgem Maria”⁸.

Como fica evidenciado por essas listas de nomes, grande parte dos benfeitores dos primórdios da obra salesiana estava vinculada quer à antiga aristocracia rural, quer à burguesia urbana emergente com a implantação do capitalismo industrial no país. Como membros da aristocracia rural podem ser citadas as famílias do conde de Moreira Lima, no Vale do Paraíba, e do conde Geraldo de Rezende, de Campinas. Representante do novo setor industrial era Carlos Alberto de Menezes, do Recife.

Convém ressaltar, aliás, que a distinção entre aristocracia rural e burguesia urbana, sobretudo no Centro-Sul do país, nunca foi muito nítida, em vista da peculiar evolução social da sociedade brasileira.

Ao receber colaboração e apoio financeiro principalmente de representantes das classes dominantes no país, é evidente que os discípulos de Dom Bosco perdiam a liberdade para manter uma posição mais crítica com relação à ordem social vigente.

Progressivamente os grandes colégios salesianos tornaram-se auto-suficientes, e o governo, nos seus diversos níveis, passou a liberar verbas e subvenções para diversas atividades salesianas. Em consequência, os institutos salesianos passaram em geral a levar uma vida mais segregada, sem a presença freqüente desses benfeitores nos pátios e nas repartições dos colégios.

⁷ Silva, Carlos Leôncio da, *ob.cit.*, p. 116.

⁸ Arquivo da Inspetoria São João Bosco, Belo Horizonte.

Por seu turno, a organização dos cooperadores já desde os primórdios significou um instrumento eficaz para manter a obra salesiana nessa constante perspectiva de abertura para a sociedade, tão típica do espírito de Dom Bosco. Mais do que simples instrumentos de arrecadação de recursos financeiros, as associações de cooperadores salesianos, segundo a mente do fundador, deveriam ser verdadeiras escolas de formação para a presença desses cristãos no século. A isso visava também o *Boletim Salesiano*, órgão de comunicação com os cooperadores salesianos. Nem sempre, evidentemente, a realidade correspondeu ao ideal.

Análoga finalidade de fortalecer a presença cristã na sociedade tiveram as associações de ex-alunos, instituídas progressivamente nos colégios salesianos.

A ORGANIZAÇÃO DOS EX-ALUNOS

Ao se estabelecerem no Brasil no dia 14 de julho de 1883, os discípulos de Dom Bosco vinham movidos primordialmente por seu ideal de educação da juventude. Os ex-alunos dos institutos salesianos constituem o testemunho mais palpável do êxito dessa atividade educacional.

Em carta escrita de Roma a 10 de maio de 1884 — dez meses após a chegada dos salesianos a Niterói — Dom Bosco exortava seus discípulos a reverem a aplicação do sistema preventivo nos colégios, à luz de um sonho-visão, em que, segundo seu relato, fora guiado por dois antigos alunos, José Buzzetti e Valfré. Eis como o próprio Dom Bosco se expressa:

“Parecia-me estar no antigo Oratório na hora do recreio. Era uma cena cheia de vida, de movimento, de alegria. Quem corria, quem saltava, quem fazia pular os outros. Aqui havia o jogo da rã, ali a barra ou a bola. Num lugar havia um grupo de jovens que pendiam dos lábios de um padre a narrar-lhes uma história. Em outro lugar um clérigo, no meio de outros meninos, brincava de “burro-voa” ou de “Jerônimo”.

“Cantava-se e ria-se à vontade; em toda a parte viam-se clérigos e padres e em torno deles, meninos divertindo-se alegremente. Via-se que entre jovens e superiores reinava a maior cordialidade e confiança. Eu estava encantado perante este espetáculo, e Valfré me disse: — Veja, a familiaridade traz o afeto, e o afeto produz a confiança. É isto o que abre os corações”¹.

¹ *Carta de Dom Bosco escrita em Roma em 1884, folheto s.d., p. 2-3.*

Dentro de suas limitações, procuraram os salesianos criar em seus institutos esse ambiente familiar, em que se fortalecem os vínculos de afeto dos discípulos para com os seus mestres. Ao deixar o colégio, muitos dos antigos alunos continuavam a manter contato com seus educadores. Como já estava ocorrendo em outros países, sentiu-se necessidade de dar a esses encontros um caráter mais estável.

Já na primeira década do século XX, ao que tudo indica, começaram a surgir as primeiras organizações locais de ex-alunos. O cronista Luís Marcigaglia, refere-se a esses primórdios, ressaltando a organização de São Paulo:

“Em muitas casas havia reuniões e assembléias de ex-alunos e até mesmo associações e grêmios. Mas eram atividades locais e geralmente efêmeras. Em São Paulo, a organização local precedente tinha o nome de Grêmio São Paulo... Aqueles moços abnegados conservavam o teatro colegial em constante atividade, com muitas festas dramáticas e boas execuções musicais para o Oratório Festivo, para os alunos internos e externos e para as famílias. Os sócios do Grêmio ajudavam eficientemente no Oratório Festivo, tomando conta da disciplina e dando aula aos oratorianos. Foi o Grêmio São Paulo que fundou as aulas noturnas do Liceu. Era um curso gratuito, e os mesmos sócios se encarregavam de lecionar”².

Ao assumir o governo da inspetoria de N. S.^a Auxiliadora em 1909, o P. Rota decidiu incrementar as associações de ex-alunos nos colégios.

Estavam sendo programadas para o ano de 1910 solenidades para a celebração das Bodas de Ouro sacerdotais do P. Rua, superior geral da Congregação, quando este veio a falecer. De Niterói, o P. Rota informava ao P. Gusmano, em carta de 30 de abril de 1910:

“Um dos números das nossas festas para o jubileu do P. Rua era a organização da associação dos *Ex-Alunos* no Rio e em São Paulo. Aquilo que não foi possível fazer em sua homenagem, se fará como lembrança de sua memória,

² Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1958, v. II, p. 113.

e amanhã, 1.º de maio, se realizará no Rio a primeira reunião geral; em São Paulo será também durante o mês de maio”³.

A reunião fora convocada por circular do P. Zanchetta, terceiro diretor do Colégio Santa Rosa e encarregado de dirigir a nova sede do Rio de Janeiro”⁴.

O incremento que essa associação de ex-alunos recebeu nos primeiros anos transparece claramente por uma nota publicada no *Boletim Salesiano* de 1914:

“Nesta prestante associação, constituída juridicamente em 1910, vai criar-se uma Conferência de São Vicente de Paulo.

Os nossos parabéns aos esperançosos mancebos, que tendo já aulas noturnas de línguas, um grêmio dramático, uma *Schola cantorum*, e reuniões mensais com esplêndidas conferências religiosas, morais, apologéticas e literárias, se preparam pela nova obra para alargar a esfera de sua ação salutar e benfazeja”⁵.

A associação de ex-alunos de São Paulo, segundo Marcigaglia, foi fundada no dia 19 de março de 1911, sob a orientação do P. Mário Maspes. Nos anos seguintes foi construída uma imponente sede social⁶.

Nesse mesmo ano fundava-se no Nordeste a primeira associação de ex-alunos, cujos primórdios são assim descritos por Carlos Leôncio:

“Festas cívicas comemorativas, festivais lírico-musicais, representações teatrais, grupos esportivos, foram as principais expressões desses grupos abnegados de ex-alunos.

Fundaram a Escola Noturna Gratuita D. Giordano sobretudo para a alfabetização dos adultos; organizaram a Conferência Vicentina de N. S.^a Auxiliadora; serviram alguns nas aulas de catecismo para os presos da cadeia ou casa de detenção”⁷.

³ Arquivo da Congregação Salesiana, Roma.

⁴ Arquivo da Inspeção São João Bosco, Belo Horizonte.

⁵ *Boletim Salesiano*, 1914, setembro, p. 251.

⁶ Marcigaglia, Luís, *ob.cit.*, v. II, p. 113.

⁷ Silva, Carlos Leôncio da, *Sete Lustras da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*, Lorena, 1966, p. 118.

Outras associações surgiram em seguida. A 24 de novembro de 1912 fundou-se na Bahia uma associação de Antigos Alunos promovida pelo diretor Clélio Sironi.

Em 1913, em viagem pela América do Sul para examinar a situação dos imigrantes italianos, o P. Estêvão Trione visitou também o Brasil. De São Paulo, endereçava ele uma carta circular aos cooperadores e antigos alunos salesianos, onde afirmava:

“Aproxima-se o ano de 1915, o centenário do nascimento do venerável Dom Bosco.

Para que os cooperadores e antigos alunos salesianos, na ocasião do centenário, possam apresentar-se bem organizados, é meu desejo aproveitar a minha curta permanência no Brasil para trocar idéias e consolidar a união entre eles.

Chego a esta próspera nação bem persuadido de que não preciso aconselhar os cruzados do bem; antes julgo vir a conhecer aqui o segredo do assombroso desenvolvimento da ação católica no Brasil”⁸.

Nesse mesmo ano, como preparação para a inauguração do monumento de Dom Bosco em Turim, o P. Felipe Rinaldi propunha um programa de atividades para todas as organizações de ex-alunos existentes nos diversos países.

Em primeiro lugar, um programa mínimo: fazer um catálogo ou fichário de todos os ex-alunos do colégio, com indicações do tempo e condições de frequência, com o seu endereço atualizado. Obtidos os endereços, convidar a todos sem exceção para um dia de confraternização, com parte religiosa e social.

Havia depois um programa médio: selecionar entre os numerosos ex-alunos aqueles que deveriam constituir o núcleo da União dos Ex-Alunos de cada colégio. Com esses elementos eleger uma diretoria, redigir os estatutos e fazer reuniões mensais.

Por fim, era indicado um programa máximo. No seio de cada reunião organizar diversos grupos ou departamentos: conferências vicentinas, centros de recreação, clubes espor-

⁸ *Santa Cruz*, ano XII, 1913, novembro, p. 464-465.

tivos, centros de cultura e formação religiosa, conferências periódicas.

O movimento de ex-alunos já existente no Brasil assumiu então novo incremento. Tal fato se deve ao dinamismo do P. Pedro Rota. Marcigaglia ressalta esse aspecto, escrevendo:

“O fundador dessas associações de ex-alunos no Brasil foi o P. Pedro Rota, inspetor, o qual quis que as houvesse em todos os colégios da inspetoria, embora com programa mínimo. Seguiu nisto as diretrizes do P. Felipe Rinaldi, a quem se deve o movimento geral da organização mundial dos ex-alunos salesianos”⁹.

Educador exímio, Rota fora anteriormente o segundo diretor do Colégio Santa Rosa, deixando uma impressão salutar entre seus discípulos daquela época. Por ocasião de sua morte, Ernesto Cerqueira recordava esses tempos colegiais, referindo-se com estas palavras ao seu antigo superior:

“Ninguém o excedia em bondade, em doçura, que não excluía, aliás, a energia de ação e a intransigência de princípios. Educador, os seus discípulos rodeavam-no com a confiança e alegria de filhos espirituais, certos de que jamais uma palavra áspera, um gesto de enfado, um movimento de hostilidade partiria do ‘padre diretor’. Chefe da comunidade, os seus colegas de magistério, dentro da severidade das regras de congregados, sentiam-se felizes em obedecer a quem, mais pelo exemplo, os convidava à disciplina e à virtude. Tal o diretor do Colégio Santa Rosa, em Niterói, quando ali fiz meus estudos, vai para quarenta anos.

Neste longo período de tempo, só reminiscências gratas me ocorrem ao espírito, quando a saudade me transporta à meninice e me faz recordar as cenas e episódios da vida colegial”¹⁰.

Em modo análogo ao P. Rota, também outros superiores dos colégios salesianos, tanto clérigos como irmãos leigos, foram recordados por seus antigos alunos, testemunhas através das diversas épocas e lugares da riqueza de valores do sistema educacional de Dom Bosco.

⁹ Marcigaglia, Luís, ob.cit., v. II, p. 113.

¹⁰ *Jornal do Brasil*, 1931, 30 de agosto.

A ATUAÇÃO DOS IRMÃOS COADJUTORES

A partir do século XVI, com o Concílio de Trento, houve um movimento progressivo de clericalização da Igreja, que atingiu inclusive os próprios institutos religiosos. Estabeleceu-se um novo tipo de vida religiosa, que passou a sobrepor-se ao antigo ideal das ordens monásticas e dos frades mendicantes: era a instituição dos clérigos regulares, que encontraram na Companhia de Jesus a sua máxima expressão. Ao fundar a Congregação Salesiana no século XIX, também Dom Bosco utilizou-se do modelo dos clérigos regulares, por constituir a única forma possível de receber a aprovação da Santa Sé, marcada então por um acentuado clericalismo.

Querendo, porém, dar ao novo instituto uma característica de presença acentuada no meio operário, o apóstolo turinês deu grande valor à categoria dos irmãos coadjutores, ocupados normalmente na tarefa de mestres nas escolas profissionais e agrícolas. Criou desse modo condições para uma afirmação maior dos irmãos leigos, considerados até então um grupo marginal dentro da instituição religiosa. A esse respeito, cabe lembrar a observação de D. Antônio de Almeida Lustosa, afirmando:

“Dom Bosco, no seu tempo, foi acusado de espírito inovador”. E após citar vários exemplos significativos da atividade inovadora do fundador dos salesianos, acrescenta:

“Outra novidade do sacerdote ultramoderno para aqueles tempos foi a de adotar, na sua Congregação, irmãos sem hábito. Também isso é verdade. Entendeu o santo fundador que, como se diz, não é o hábito que faz o monge. Entendeu

que os irmãos coadjutores, trajando à secular, seriam de ótimo exemplo aos católicos leigos e teriam assim facilidade para realizarem grande bem”¹.

No Brasil, a presença dos irmãos coadjutores foi muito atuante nas primeiras décadas, com o grande desenvolvimento das escolas profissionais e agrícolas. Também no Mato Grosso tiveram eles papel relevante, ficando habitualmente conhecidos com o título de “mestres”.

João Baptista Durore ressalta esse aspecto escrevendo:

“Em Cuiabá, os irmãos coadjutores foram logo alcunhados de *Mestres* com toda a justiça, pois que realmente o são de artes e ofícios, de escolas de agricultura, de religião. O apelido pegou e se alastrou por toda a Inspetoria. Ainda hoje é comum, não somente entre os alunos, mas na boca de todos”².

Alguns irmãos coadjutores tiveram um papel muito expressivo na implantação da obra salesiana, como Domingos Delpiano.

Tendo vindo no primeiro grupo que chegou ao Brasil em 1883, Delpiano colaborou na construção de diversos estabelecimentos salesianos. Marcigaglia, o cronista salesiano, enfatiza esse aspecto escrevendo:

“Dedicou-se muito à construção dos nossos colégios e principalmente das igrejas, no que tinha muito gosto, afinando seu estilo pelas obras do célebre arquiteto francês Bossan.

Eis aqui algumas obras do engenheiro Domingos Delpiano: os santuários de Nossa Senhora Auxiliadora de Niterói, do Bom Retiro, de Jaboatão, do Sagrado Coração do Recife, a torre do Liceu Coração de Jesus, o Colégio Santa Inês (a parte construída antes de 1920), o Liceu N. S.^a Auxiliadora de Campinas, o Ginásio S. Joaquim de Lorena, o primeiro teatro do Liceu de São Paulo, o monumento a N. S.^a Auxiliadora no morro do Colégio Santa Rosa, a Vila Dom Bosco (parte primitiva) em Campos do Jordão, o pro-

¹ Lustosa, Antônio de Almeida, *Joaquim Sapateiro*, São Paulo, Edições S.V.S., 1964, p. 13.

² Durore, João Baptista, *Dom Bosco em Mato Grosso*, Campo Grande, Missão Salesiana de Mato Grosso, 1977, p. 72.

jeto total do Instituto Dom Bosco, de acordo com as exigências da Câmara Municipal, do qual projeto só foi por ele executado o pavilhão das escolas profissionais, e finalmente o jazigo da Congregação Salesiana no cemitério do Santíssimo, em São Paulo, que ele inaugurou com seu sepultamento no dia 9 de setembro de 1920...”³.

O irmão Joaquim Honório dos Santos, sapateiro de Niterói, passou para a história como um exemplo de santidade salesiana, graças à biografia que dele havia escrito o então P. Antônio Lustosa, mas editada apenas em 1964.

Um aspecto digno de nota era a admiração que por ele nutria o bispo do Rio de Janeiro. Afirma Lustosa:

“O P. Carlos Peretto, que era da diretoria do Colégio, muitos anos mais tarde mais de uma vez nos referiu que o prazer de D. Lacerda era a oficina de sapataria do Colégio. É que o mestre da oficina era o irmão Joaquim Honório, de quem o prelado era grande amigo e admirador. O bispo do Rio sentava-se em um banquinho de sapateiro, e ali ficava a ver o irmão que ensinava aos pequenos aprendizes a fazer calçados. A paciência e mansidão do mestre encantavam ao preclaro bispo. Com a maior simplicidade se entretinha com o bom salesiano. E sua alma dóida sentia o refúgio de paz que buscava.

D. Lacerda voltava então para o Rio com o espírito retemperado”⁴.

Outro irmão leigo cujo nome não pode ser olvidado é Otacílio Nunes, falecido em 1915 durante o naufrágio da barca Sétima.

Otacílio viera para o Colégio Santa Rosa em 1908, trabalhando ininterruptamente como assistente e professor por sete anos. Morreu no dia 26 de agosto de 1915, ao lançar-se várias vezes às ondas, para salvar a vida daqueles que estavam sob sua vigilância, por ocasião do naufrágio da barca Sétima.

O aluno Waldemar Batista narra a todos a maneira pela qual o professor Otacílio o havia salvo, levando-o às

³ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1958, v. II, p. 276.

⁴ Lustosa, Antônio de Almeida, *ob.cit.*, p. 128.

costas, sempre a nadar, até o submarino F-3, e regressando para acudir os outros.

Seu cadáver foi encontrado na manhã do dia 31 de outubro, verificando os médicos que fora estrangulado pelos naufragos.

Os jornais foram unânimes em tecer-lhe os mais francos elogios.

O doutor César Vergueiro, deputado por São Paulo, pediu e obteve da Câmara Federal que se designasse em ata um voto de profundo pesar pelo desaparecimento do heróico professor salesiano, e propôs que o governo federal lhe comprasse um túmulo e erigisse um monumento em sua memória.

O prefeito da Capital Federal deu a uma das novas ruas do 19.º Distrito em Inhaúma o nome de Otacílio Nunes.

A partir das primeiras décadas do século XX, a presença dos irmãos coadjutores nas diversas comunidades passou a ser menos significativa no Brasil.

Dois aspectos convergentes talvez ajudem a compreender a razão desse fato. Em primeiro lugar, a diminuição da importância das escolas profissionais e agrícolas em muitos estabelecimentos salesianos, e um incremento maior do setor destinado aos estudos literários e acadêmicos, fez com que a figura do irmão leigo fosse perdendo aquela relevância dos primeiros tempos. Em segundo lugar, na medida em que a sociedade burguesa se afirmava nos grandes centros urbanos, a vocação clerical para padre-professor passou a ser prestigiada, enquanto a vocação leiga para mestre de oficinas passou a ocupar uma posição inferior e secundária.

Não obstante, em todos os estabelecimentos salesianos do Brasil, os exemplos de dedicação e zelo apostólico por parte dos irmãos coadjutores são inúmeros. Como leigos, geralmente esses religiosos contribuíram para que a obra salesiana no Brasil mantivesse uma maior inserção na sociedade, sobretudo no mundo do trabalho.

Enquanto os salesianos, clérigos e leigos, dedicavam-se especificamente à juventude masculina, a obra de Dom Bosco recebia também a colaboração importante das Filhas de Maria Auxiliadora, vindas com a missão particular de atender à juventude feminina.

O INSTITUTO DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

Paralelamente à Congregação Salesiana, Dom Bosco havia fundado também na Itália uma congregação destinada a ter uma missão análoga à dos salesianos, junto à juventude feminina, com o nome de Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Embora só se tenha implantado no Brasil em 1892, nos primórdios da República, a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora já era conhecida nas últimas décadas da época imperial, ainda mesmo antes que os salesianos aqui se instalassem. Tal difusão das obras salesianas se deveu em grande parte ao nome do P. João Bosco, já bastante conhecido no meio católico no fim de sua vida, especialmente por suas atividades na área da educação da juventude.

A partir de 1878 a imprensa católica do Rio de Janeiro passou a divulgar a figura de Dom Bosco e sua obra; e conseqüentemente, também tornou-se conhecido o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora por ele fundado.

Desde que os primeiros salesianos se fixaram no Brasil em 1883, a idéia de trazer para cá as Filhas de Maria Auxiliadora foi aventada com freqüência.

Já no ano anterior a aristocracia residente em Petrópolis manifestava ao inspetor Lasagna o desejo de que lá se fundasse um colégio de irmãs. É o próprio Lasagna quem o declara em carta de 29 de maio aos superiores de Turim:

“Em Petrópolis insistem por dar uma *grande* casa já preparada para as nossas irmãs, mas vi o testamento e não

oferece bastante segurança. Querem também lá os salesianos, e eu ficaria bem contente se pudesse preparar lá um belo local. É o lugar mais saudável (do Rio de Janeiro); é o lugar de descanso dos ricos caridosos; necessita de padres e mestres etc.; veremos”¹.

Na perspectiva de Lasagna, a missão dos salesianos e das Filhas de Maria Auxiliadora na América Latina deveria ser não apenas o cuidado da juventude pobre e abandonada, mas também a abertura de colégios para as classes médias, a fim de contrapor o ensino religioso ao ensino leigo. Esta era, aliás, uma das metas dos bispos reformadores do Brasil. Em carta de 3 de agosto desse mesmo ano ao P. Cagliero, de novo Lasagna acena ao pedido de religiosos para Petrópolis, escrevendo:

“Também de Petrópolis pedem irmãs e salesianos”.

E em seguida acrescenta este tópico bastante significativo:

“Não se esqueça de preparar-me uma boa expedição. Ao menos dez salesianos e dez irmãs. São vinte passagens que eu pagarei depois daqui. Suplico-lhe que peça às irmãs para mandar também algumas bem instruídas em piano, em bordado e na língua francesa, e uma de bom espírito, capaz de ser inspetora do Brasil e do Uruguai. É necessário que também elas se estendam para trabalhar pelo bem das meninas, e eu tenho grande necessidade delas. Em Paissandu elas farão um grande bem, e também no Brasil, com sua piedade e zelo, atrairão as bênçãos do céu”².

Dotado de grande tino organizativo, Lasagna antevia já a necessidade de dar maior autonomia às atividades das Filhas de Maria Auxiliadora, com a nomeação de uma inspetora que de fato exercesse junto às religiosas uma função análoga à sua entre os salesianos.

Após a fundação da obra salesiana em Niterói, a 14 de julho de 1883, Lasagna escrevia a Dom Bosco narrando os preparativos para receber os alunos no Colégio Santa Rosa, e declarava em seguida:

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

“Oh! se pudéssemos também prover com reiação às meninas, chamando-as à escola ao redor de nossas boas irmãs! Também para isso trabalharemos intensamente, e enquanto nós aqui preparamos a casa, o senhor nos prepare ao menos uma dezena de irmãs para aqui e para outros pontos do Paraguai, e mande-as com a primeira expedição”³.

Desde o início, portanto, Lasagna quis trazer para o Brasil as Filhas de Maria Auxiliadora. Não obstante, esse projeto foi retardado por quase um decênio. As razões principais para explicar esse fato são as seguintes: antes de tudo, porque não se chegou a apresentar de início nenhuma proposta considerada verdadeiramente apta para a instalação das Filhas de Maria Auxiliadora.

Por outro lado, o Rio apresentava duas razões que desaconselhavam a vinda das religiosas: a febre amarela, que irrompia freqüentemente naquela época, ocasionando não poucas mortes; e o anticlericalismo dominante, hostil à presença de novos institutos religiosos no Brasil. Por isso Lasagna pensou logo em deslocar o eixo da obra salesiana do Rio para São Paulo. Apesar do ardor pela expansão da obra salesiana, Lasagna não se sentia com ânimo de expor as religiosas à hostilidade do clima e das pessoas do Rio de Janeiro.

Um eco da campanha anticlerical que se desencadeou desde a chegada dos salesianos no Rio de Janeiro é sintetizado por Lasagna nestas linhas:

“Alguns inimigos do bem manifestaram-se à nossa chegada com imprecções e blasfêmias, mas os amantes da humanidade sofredora por sua vez aplaudiram a nossa missão caritativa e altamente humanitária”⁴.

Após dez anos de seus projetos iniciais, Lasagna pôde, finalmente, em 1892, concretizar o plano de trazer para o Brasil as Filhas de Maria Auxiliadora. A 1.º de janeiro de 1893 o P. Miguel Rua, sucessor de Dom Bosco no governo da Congregação Salesiana, podia finalmente anunciar aos cooperadores e amigos da obra salesiana, entre os principais eventos do ano findo, o seguinte:

³ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

⁴ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

“Foram também enviadas seis Filhas de Maria Auxiliadora ao Chile e outras seis ao Brasil. As necessidades de auxílio são tão graves naquela vastíssima República, como tereis lido no *Boletim Salesiano*, que não pude deixar de enviar-lhes este reforço, com pesar de não poder fazer mais”⁵.

Na realidade, o grupo vindo ao Brasil era bem maior, composto de doze religiosas, destinadas a três fundações diversas. Essas primeiras fundações localizaram-se no Vale do Paraíba, onde desde 1890 os salesianos haviam fundado o Colégio São Joaquim. Situado na cidade de Lorena, a meio caminho entre Rio e São Paulo, estava numa posição estratégica para a futura inspetoria salesiana do Brasil, desde muito planejada por Lasagna.

A primeira casa salesiana, o Colégio Santa Rosa, de Niterói, fora fundado em 1883. Em 1885 foi iniciado o Liceu Coração de Jesus, a pedido do bispo D. Lino Deodato. Lasagna preocupou-se em seguida com a fundação de uma terceira obra, relativamente próxima das outras duas, que permitisse a curto prazo fazer com que a obra salesiana do Brasil caminhasse independente do Uruguai. E assim surgiu o Colégio São Joaquim, em atenção aos insistentes pedidos do conde de Moreira Lima. No pensamento de Lasagna, tal obra deveria servir de apoio para o início e expansão do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

A esse respeito, escreve o P. Luís Marcigaglia:

“D. Lasagna procurou incrementar o desenvolvimento do Colégio São Joaquim, também porque esta casa estava destinada a ser o ponto de apoio das irmãs salesianas, que ele tencionava trazer ao Brasil. Convém saber que naquele tempo o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora dependia quase inteiramente da Congregação Salesiana. Os superiores e inspetores salesianos também eram tais para as irmãs. Os diretores das casas que tinham, anexa ou nas proximidades, uma comunidade de irmãs, nas linhas gerais dirigiam também essas obras de irmãs. Este regime durou mais ou menos até 1906, quando foi feita uma separação completa”⁶.

⁵ *Bollettino Salesiano*, 1893, janeiro, p. 4.

⁶ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, v. I, p. 49.

A arrancada do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora foi bastante promissora. No mesmo ano da chegada ao Brasil iniciaram três fundações no Vale do Paraíba, e especificamente em Guaratinguetá, Lorena e Pindamonhangaba. A frente do primeiro grupo de irmãs estava Teresa Rinaldi, que desde fevereiro de 1881, apenas com 18 anos, partira para o Uruguai como missionária.

Chegaram a Guaratinguetá a 16 de março de 1892, abrindo em seguida a primeira obra, o Colégio de Nossa Senhora do Carmo. Já instalada na nova sede, Ir. Teresa Rinaldi escrevia ao P. Rua, superior dos salesianos:

“Faz já um mês que nos encontramos nesta República; creio que o senhor já terá sabido por outros a recepção que tivemos. Em todo caso lhe direi que parecem coisas de outro mundo, e que ficamos muito confusas ao ver-nos assim bem acolhidas... Nas três paradas que fizemos nos veio receber um mundo de gente com música e procissão e com todas as autoridades eclesiásticas e civis. Oh! como amam Dom Bosco nestas regiões”⁷.

A estratégica de Lasagna fora bem definida e produziu o efeito desejado. Ao invés de iniciar a obra das Filhas de Maria Auxiliadora nos grandes centros urbanos, onde o espírito liberal era forte, preferiu trazê-las para cidades do interior, onde a tradição religiosa se mantinha mais forte, e a população mais respeitosa para com os ministros do culto e as pessoas consagradas.

Em Pindamonhangaba a presença das Filhas de Maria Auxiliadora foi de pouca duração, por falta de condições favoráveis. Elas tinham assumido a direção de um orfanato. Essa casa não vingou. Estava mal localizada: perto da estação, rente com os trilhos da Central do Brasil, o que constituía um perigo para as educandas e para as visitas. Em época mais recente as irmãs salesianas voltaram a se instalar nesta cidade, junto ao Instituto Salesiano do Coração Eucarístico.

A obra das Filhas de Maria Auxiliadora foi também iniciada em Lorena, mas naquela época não chegou a se expandir muito, por causa da proximidade com o Colégio do Carmo, com secções de internato e externato. Nessa locali-

⁷ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

dade, o grande benfeitor das Filhas de Maria Auxiliadora foi o conde de Moreira Lima.

Três anos após a instalação das Filhas de Maria Auxiliadora no Vale do Paraíba, o instituto inicia sua fase de expansão pelo Brasil, sempre sob a direção de Luís Lasagna, que desde março de 1893 fora elevado à dignidade episcopal.

O ano de 1895 é assinalado pelo início de três obras: a primeira em Araras, a segunda em São Paulo e a terceira nas missões de Mato Grosso.

O Colégio N. S.^a Auxiliadora, de Araras, foi iniciado a 29 de janeiro de 1895, quando quatro irmãs tomaram conta da nova casa. A obra, com vasto terreno, era doação do barão Bento de Lacerda Franco.

Nesse mesmo ano abriram as irmãs um pequeno internato na cidade de São Paulo. Funcionava na Alameda do Triunfo — atual Alameda Cleveland — próximo do Liceu Coração de Jesus dos salesianos, numa casa cedida por D.^a Veridiana Prado, benfeitora de inúmeras obras de caridade. Em seguida essa obra foi anexada ao Asilo de N. S.^a Auxiliadora no bairro do Ipiranga.

Ainda em 1895 Lasagna abria para as Filhas de Maria Auxiliadora uma frente missionária. Já no ano precedente ele acompanhara o primeiro grupo de missionários destinados ao Mato Grosso.

A nova expedição de missionários salesianos chegou a Cuiabá a 8 de abril de 1895. As Filhas de Maria Auxiliadora deram início a duas obras: um grupo assumiu a direção do asilo Santa Rita, em Cuiabá, fundado em 1891 pelo bispo Carlos D'Amour; outro seguiu para a Colônia Teresa Cristina, às margens do rio São Lourenço. Era uma região indígena, e os padres salesianos lá estavam trabalhando desde o ano anterior.

Ainda em fins de 1895 Lasagna tencionava abrir novas frentes de trabalho para os salesianos e as Filhas de Maria Auxiliadora no Estado de Minas Gerais. Mas um desastre ferroviário imprevisto veio suspender temporariamente essa nova etapa de expansão da obra salesiana.

Com o desastre de Juiz de Fora, a 6 de novembro, os salesianos do Brasil perdiam seu primeiro inspetor, o bispo Lasagna, e as Filhas de Maria Auxiliadora sua primeira visitadora, madre Teresa Rinaldi.

A INSTITUIÇÃO DOS FILHOS DE MARIA

Coube ao inspetor Lasagna, implantar a obra salesiana no Brasil mediante diversas formas de atividade religiosa e educacional: escolas profissionais e agrícolas, colégios e missões.

Na medida em que se ampliavam as perspectivas de desenvolvimento da obra de Dom Bosco, o problema dos recursos humanos para levar avante os diversos projetos se tornou mais premente.

Desde o início são inúmeros os apelos dos primeiros salesianos aos superiores de Turim para que enviem reforço de pessoal. Mas a ampla e rápida expansão da Congregação em fins do século passado através de numerosos países da Europa, América e Oriente impedia que o reabastecimento de religiosos nas novas frentes de trabalho fosse feito de maneira regular.

Por essa razão o P. Carlos Peretto, que sucedera a Lasagna no governo da inspetoria brasileira em 1896, decidiu dar prioridade à obra dos Filhos de Maria, uma instituição fundada pelo próprio Dom Bosco para as chamadas vocações tardias.

Segundo Dom Bosco, a própria experiência justificava a necessidade da formação de vocações adultas:

“Pela experiência tem-se chegado a concluir que de dez meninos que começam os estudos com intenção de alistarem-se na milícia de Cristo, em média apenas um ou dois chegam ao sacerdócio, ao passo que entre os moços um pouco idosos, que tenham já ponderado e estudado a sua

vocação, oito sobre dez chegam a ordenar-se. Tem-se observado também que estes últimos terminam os estudos em um espaço de tempo muito breve (e por conseguinte com muito menor despesas), porque separados dos alunos mais pequenos e em cursos abreviados, podem por isso muito mais depressa chegar à meta”.

O projeto foi posteriormente, em data de 4 de março de 1876, apresentado ao papa Pio IX para que o abençoasse. O fundador da obra salesiana assim especificava então o escopo da nova instituição:

“Tem esta por fim recolher moços já adultos, que, dotados das qualidades necessárias e de aptidão para o estudo, por meio de cursos apropriados, possam mais facilmente percorrer os estudos literários. Terminados estes estudos, e depois de consolidados na vocação, os alunos ficam inteiramente livres de voltar para as respectivas dioceses; de abraçar o estado religioso, ou também de se dedicar às missões entre os gentios”¹.

Vinte anos depois, exatamente quando Peretto assumia a direção da inspetoria brasileira, o sucessor de Dom Bosco, P. Rua, voltava a enfatizar a importância da obra dos Filhos de Maria.

Fiel aos ensinamentos de Dom Bosco e do P. Rua, Peretto resolveu fazer um projeto concreto de promoção da obra dos Filhos de Maria.

Num amplo memorândum redigido em 1897, e apresentado aos superiores de Turim, o inspetor declarava:

“Desejo converter o Colégio São Joaquim, de Lorena, em colégio exclusivo de Filhos de Maria, para ter vocações.

Farei uma circular aos cooperadores salesianos expondo a finalidade da instituição; traduzirei quanto a tal respeito foi publicado nos Boletins Salesianos, sem afastar-me do opúsculo que trata dos Filhos de Maria. Em seguida enviarei a cada um dos bispos uma cópia da circular para ter palavras de encorajamento, que serão impressas nessa mesma circular, que será enviada aos cooperadores e aos párocos. Permitem?”.

¹ *Instituição dos Filhos de Maria Auxiliadora no Brasil*, Niterói, 1899, p. 11-16.

A margem o P. Paulo Álbera, também do capítulo superior, assim comentava:

“Não apenas permitiremos, mas abençoaremos com duas mãos o teu projeto”².

Além disso, Peretto contava também com a aprovação explícita do próprio bispo Cagliero, vigário geral da obra salesiana para os países do Atlântico Sul. Ao ser solicitado sobre seu parecer, Cagliero respondia a 25 de maio de 1898:

“A idéia de estabelecer no Brasil a obra dos Filhos de Maria, que aspiram ao estado eclesiástico, e que o nosso Pai e Fundador P. João Bosco fundou na Europa e os seus têm propagado nas várias repúblicas da América do Sul, não só me agrada, mas a desejo e recomendo de todo o coração. Esta obra, que recorda os primeiros tempos da Igreja, a qual procurava entre os adultos as pessoas mais virtuosas e ricas de piedade e sabedoria e as inscrevia entre os seus levitas, foi uma inspiração divina!”³.

Peretto solicitou também a aprovação das autoridades eclesiásticas do Brasil, recebendo o apoio de diversos prelados.

A aprovação de D. Joaquim Arcoverde, arcebispo do Rio de Janeiro, estava assim redigida:

“A instituição dos Filhos de Maria Auxiliadora, criada pelo venerando e apostólico Dom Bosco, e eficazmente propagada pelos zelosos padres salesianos, a julgá-la pelos vantajosos resultados que têm dado na Europa, é de esperar que aqui, onde pela primeira vez vai ser ensaiada, produza abundantes e preciosos frutos; em um país como o nosso, em que a falta de clero nacional bem formado é quase total, recolher moços com vocação para o estado eclesiástico, cultivá-los nas letras e ciências eclesiásticas de modo a se tornarem aptos operários na vinha mística do Senhor, quer como missionários em congregações religiosas, quer como sacerdotes seculares no exercício do paróquiato, obra é da máxima utilidade e de remontado alcance; e como seja este o fim principal da Instituição dos Filhos de Maria Auxiliadora, nós aprovamos sua fundação, de coração abençoamos a obra e

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

³ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

recomendamo-la à proteção e generosidade de nossos queridos diocesanos”⁴.

O documento era datado de 14 de agosto de 1898.

Outra preocupação do inspetor salesiano foi ter também a aprovação do representante da Santa Sé, mediante um ofício enviado à internunciatura apostólica, com o programa da nova instituição.

O internúncio José Macchi respondia a 15 de julho de 1898 com as bênçãos para a nova obra.

O núncio apostólico tinha uma visão bastante restrita sobre o problema das vocações adultas. Segundo suas palavras, tratava-se de orientar para o estado eclesiástico especialmente pessoas que houvessem sofrido frustrações e desilusões na vida, e para as quais o sacerdócio poderia significar um lugar de refúgio.

Tal não era, porém, a visão de Dom Bosco nem dos salesianos. Segundo estes, os Filhos de Maria deviam ser de regra pessoas bem integradas na vida e na fé, e que livremente optavam pela vocação sacerdotal.

Em data de 6 de novembro de 1898 o P. Carlos Peretto espunha aos cooperadores salesianos do Brasil o projeto da instituição dos Filhos de Maria, com estas palavras:

“São inúmeros os pedidos que os corações benfazejos nos dirigem para a fundação de novas casas, e mui escasso o nosso pessoal. Tanta a necessidade espiritual em toda a parte deste imenso território e não há operários...

A falta de vocações é uma das maiores calamidades, mas esta terra há de ser fecunda nas vocações ao estado eclesiástico e ao estado religioso, porque o terreno é fertilíssimo e os corações são bem preparados”.

Era exatamente para solucionar o problema vocacional que os salesianos haviam decidido iniciar a obra dos Filhos de Maria. Por essa razão o inspetor acrescenta:

“Nada melhor, pois, do que a fundação de uma casa onde se estabeleça esta grande obra dos Filhos de Maria

⁴ *Instituição dos Filhos de Maria Auxiliadora no Brasil*, Niterói, 1899, p. 38-39.

Auxiliadora, que recebe moços já adultos até os trinta e tantos anos, desde que tenham vontade decidida de seguir a carreira eclesiástica.

Esta obra, confiada inteiramente à caridade pública, formará uma secção especial no Colégio São Joaquim, de Lorena”⁵.

Em 1899 os salesianos abriam em Guaratinguetá, cidade vizinha de Lorena, o Colégio São José. O projeto de Peretto era ir transferindo progressivamente os estudantes do Colégio São Joaquim para o novo instituto de Guaratinguetá, deixando o colégio de Lorena exclusivamente para os Filhos de Maria.

Em carta de abril de 1900 Peretto assim informava ao bispo Cagliari sobre os primeiros resultados do projeto:

“Aqui no Colégio São Joaquim temos 18 Filhos de Maria, além de 45 estudantes. São muito bons, graças a Deus”⁶.

O grande sonho dos salesianos era não apenas resolver o problema da falta de vocações para as obras de Dom Bosco, mas também contribuir para solucionar a escassez de clero no Brasil.

Todavia, a idéia de transformar o São Joaquim em casa de Filhos de Maria não chegou a se efetuar plenamente, pois os salesianos estiveram apenas por um decênio à frente do Colégio São José, na cidade vizinha.

Apesar de todo o esforço dispendido pelo inspetor Peretto, o projeto dos Filhos de Maria não vingou no Brasil. As vocações tardias foram sempre em número insuficiente para justificar uma prioridade ou um tratamento especial.

A razão desse insucesso não estava, a meu ver, na deficiência dos educadores salesianos, mas nas limitações próprias do modelo de Igreja tridentina que a partir de meados do século passado se implantava no país. De fato, o espírito antiliberal e ultramontano do novo clero, marginalizando a presença e a colaboração dos leigos; a ênfase no aspecto sacramental da fé — confissão e comunhão frequentes — a redução das antigas solenidades religiosas ao estrito

⁵ *Instituição dos Filhos de Maria Auxiliadora no Brasil*, Niterói, 1899, p. 7-9.

⁶ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

recinto das igrejas; a promoção de novas associações religiosas, como o Apostolado da Oração, de cunho marcadamente espiritual, tudo concorria para que a fé católica passasse a interessar mormente às mulheres e crianças. Esse aspecto, aliás, é ressaltado por Oscar Beozzo nestes termos:

“Passa-se de uma religião comprometida no debate político e social da nação para uma religião voltada cada vez mais para o espiritual e para um distanciamento das realidades terrenas. Não é de estranhar que os homens, confinados numa dimensão exclusivamente espiritual e numa posição subalterna, tenham desertado das igrejas, sendo as novas associações quase que exclusivamente de mulheres, se exce-tuarmos as conferências vicentinas”⁷.

Por outro lado, a partir do pontificado de Pio X, iniciado em 1903, a Igreja deslocaria todo o seu projeto catequético para o nível das crianças, e também entre os salesianos se adotou essa nova perspectiva eclesial. Em consequência, o recrutamento vocacional passou a ser feito prevalentemente nas faixas de idade da infância e da meninice, não obstante as sábias observações deixadas por Dom Bosco em época anterior sobre a merecida prioridade das vocações adultas.

⁷ Beozzo, José Oscar, “Irmandades, Santuários e Capelinhas de Beira de Estrada”, in *REB*, 1977, dezembro, p. 748.

VOCAÇÕES E FORMAÇÃO SACERDOTAL

Não tendo o projeto das vocações tardias, ou seja, dos chamados Filhos de Maria, trazido os resultados esperados, os salesianos passaram a fortalecer a idéia da formação sacerdotal a partir da meninice.

Nos primeiros anos, a preparação dos candidatos a ingressarem na Congregação Salesiana — designados como aspirantes — se fazia junto às próprias comunidades salesianas estabelecidas nos diversos colégios que se foram multiplicando pelo Brasil.

Em seguida, na medida em que o número de aspirantes aumentava, passaram a ser agregados em diversos lugares: no Ginásio São Joaquim e na Escola Agrícola C.^{el} José Vicente, em Lorena; no Colégio São José, de Guaratinguetá; e, finalmente, nas Escolas Dom Bosco, de Cachoeira do Campo.

Coube ao inspetor P. Rota, sucessor de Peretto, dar uma solução mais efetiva ao problema da formação salesiana e sacerdotal. Dois motivos, aliás, pressionavam o inspetor a resolver com urgência o problema: a dificuldade sempre maior em receber reforços da Itália, e da Europa em geral, e o número crescente de vocações brasileiras.

A primeira idéia do inspetor era construir um aspirantado em Lorena. A esse respeito, escreve Marcigaglia:

“O P. Rota havia projetado construir um grande edifício na Escola Agrícola de Lorena, para localizar de vez a casa de formação da inspetoria, com a vantagem de poderem os aspirantes freqüentar as aulas do Ginásio São Joaquim. Traçaram-se planos e desenhos, ajuntaram-se tijolos, rasga-

ram-se alicerces. Mas... de Turim não veio a aprovação, devido talvez ao vulto da despesa”.

E mais adiante, o mesmo autor acrescenta:

“O projeto, já bem encaminhado, de localizá-los em Jacareí, no Colégio São Miguel, na última hora fracassou”¹.

A idéia de transportar os aspirantes e estudantes de filosofia para Jacareí havia sido vinculada mediante uma proposta do bispo de Taubaté em meados de 1911. Mas já em fins desse mesmo ano o prelado voltou atrás em relação à sua oferta inicial.

Em vista disso, Rota decidiu enviar tanto os seminaristas alunos como os clérigos para o colégio de Cachoeira do Campo, lá permanecendo por dois anos.

A decisão de estabelecer em Lavrinhas a nova casa de formação salesiana foi tomada em fins do ano de 1913, mesmo antes de esperar a opinião favorável de Turim.

Assim, graças à firmeza e ao dinamismo do inspetor Rota, foi constituída em 1914 a nova casa de formação em Lavrinhas.

A finalidade da nova obra era ser utilizada especialmente como seminário menor, ou, segundo a linguagem salesiana, como casa para aspirantes ao sacerdócio.

Tendo vivido em Lavrinhas ainda na primeira década, José Stringari traça com pena de mestre um quadro bem sugestivo da vida de seus colegas aspirantes:

“Vejo-os na aula, a demonstrarem inteligência lúcida pelo brilho das tarefas e lições, e também a edificarem pela resignação humilde nos insucessos e estenderetes escolares.

Vejo-os suarentos nos recreios movimentados, onde exibem destrezas e habilidades esportivas, sobretudo nas corridas desabaladas, ao desafio, naquelas nossas animadas “barras”... até de quebrar clavículas!

Vejo-os na capela, devotos sem afetação, amadurecendo convictos numa espiritualidade simples, mas ativa; mais de vivência que de obrigação”.

¹ Marcigaglia, Luís, “Cinco Lustrros de Gloriosa Existência”, in *Jubileu de Prata do Colégio São Manoel, Lavrinhas, 1914-1939*, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1939, p. 2.

E mais adiante acrescenta:

“Vejo-os também, e por que não? Vejo-os no refeitório, à mesa, derrubando montanhas de feijão e arroz, abaulados em pratos fundos... sinal de saúde, de vigor, de juventude, crescendo...”².

O aspirantado de Lavrinhas teve início justamente durante o período da Primeira Guerra Mundial.

Durante o conflito bélico, os superiores das diversas congregações religiosas com sede na Europa se viram impossibilitados de enviar reforços para seus estabelecimentos instalados na América do Sul. Isto obrigou os diversos institutos religiosos aqui existentes a se preocuparem com o problema das vocações nativas.

Já desde o início os salesianos se haviam mostrado bastante receptivos com relação às vocações brasileiras. Mas o período de guerra serviu evidentemente de estímulo para uma vocação mais decisiva com relação às vocações do país.

Em modo análogo a outros institutos religiosos, os salesianos escolheram duas áreas prioritárias para o recrutamento vocacional: Santa Catarina e Espírito Santo, ambas regiões de colonização européia.

A obra em Santa Catarina data de 1916. Os salesianos se instalaram na paróquia de Luiz Alves e Ascurra, onde foi estabelecido um aspirantado salesiano. A partir de então a obra salesiana foi se estendendo por diversas localidades do Estado, passando a atender também a colonos de origem alemã e polonesa, além dos italianos, que constituíam a meta prioritária.

A primeira fundação salesiana no Espírito Santo foi em 1923. Virgínia foi o local preferido pelo bom clima, pela comunicação fácil e principalmente por ser uma região de colonização italiana. Lá fundou-se o Colégio Anchieta, que deveria funcionar também como aspirantado salesiano.

Numerosas foram as vocações vindas dessas regiões de colonização européia. Diversas razões podem ser indicadas para a explicação desse fato.

² Stringari, P. J., *Um Jubileu, Aspectos e Vultos*, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1964, p. 43.

Em primeiro lugar, nessas colônias católicas, tanto italianas, como alemães e polonesas, a prática do catolicismo nos moldes tridentinos era muito intensa, pois já era vivido desde séculos em seus países de origem. Assim sendo, os filhos dos colonos encontravam muita facilidade para imbuir-se dos ideais desse tipo de catolicismo clerical, sacramental e marcadamente romanizante.

Em segundo lugar, o sacerdote era altamente prestigiado nessas colônias. Ter um filho sacerdote constituía uma grande honra para essas famílias compenetradas da fé católica. Os próprios pais, portanto, criavam um ambiente propício para estimular o surgimento de vocações, e para incentivá-las, quando se manifestavam claramente.

Acresce também que ingressar nos seminários salesianos significava ter oportunidade de fazer os estudos acadêmicos, em geral uma meta difícil de ser atingida para quem vivia no ambiente das colônias. Os candidatos ao sacerdócio trocavam assim facilmente a enxada pelos livros, e o trabalho no campo pelo ambiente acolhedor das salas de aula e estudo.

Finalmente, para alguns desses jovens a Congregação Salesiana, cujas obras se estendiam por todo o Brasil, oferecia a oportunidade para uma integração mais efetiva na própria sociedade brasileira, deixando a marginalidade onde viviam geralmente nas colônias daquela época, com predominância dos dialetos de origem européia sobre a própria língua nacional.

Nem todos esses motivos, evidentemente, afluíam de modo explícito à consciência dos jovens aspirantes. Nem excluem outras razões mais profundamente religiosas e espirituais.

Um fato é inegável: foram essas numerosas vocações vindas das colônias de origem européia que permitiram nesse período histórico a consolidação da obra de Dom Bosco.

As vocações vindas do campo compensavam assim a escassez daquelas originadas do meio urbano. Nas classes médias em ascensão, de fato, o estímulo para as profissões liberais era muito forte, e o estado clerical ia perdendo progressivamente aquele enorme prestígio social mantido por todo o período colonial e imperial. Nos próprios meios de

comunicação ouvia-se também por vezes a tônica anticlerical de um liberalismo mais exacerbado. Mesmo assim, não faltaram também vocações provindas de seguimentos dos setores urbanos, sobretudo daquelas famílias mais atingidas pela influência da reforma católica. Foi, por conseguinte, também com a colaboração de clérigos provenientes das camadas médias urbanas da população que se consolidou a obra salesiana no Brasil, expandindo-se posteriormente cada vez mais.

A CONSOLIDAÇÃO DA OBRA SALESIANA

Coube ao P. Luís Lasagna, posteriormente elevado ao episcopado, a fundação da obra salesiana no Brasil. Na tarefa de implantação dessa obra de Dom Bosco foi ele coadjuvado em seguida pelo P. Antônio Malan, primeiro superior das Missões do Mato Grosso, e pelo P. Lourenço Giordano, primeiro diretor do Colégio Sagrado Coração, no Nordeste, na cidade do Recife. Com a morte de Lasagna, criou-se em 1896 a Inspetoria Brasileira, separada do Uruguai. À frente dela foi colocado Carlos Peretto, salesiano do primeiro grupo vindo para Niterói, e em seguida primeiro diretor do Colégio São Joaquim, de Lorena. Ao dinamismo cheio de vida de Lasagna, sucedeu a bondade serena de Peretto. Criou-se também nessa mesma data a Vice-Inspetoria de Mato Grosso, sendo Malan nomeado vice-inspetor. A obra do Nordeste continuou dependendo diretamente de Turim; na medida em que se estendeu de Pernambuco para Sergipe e Bahia, foi criada a Inspetoria do Norte do Brasil, tendo como primeiro inspetor Giordano.

Ao serem celebradas as Bodas de prata pela vinda dos salesianos ao Brasil, em 1908, a obra salesiana já estava definitivamente implantada no país.

Em 1909 foi nomeado visitador da obra salesiana no Brasil o P. Pedro Rota, que já atuara como segundo diretor do Colégio Santa Rosa, e que estava então como diretor do colégio de Bagé, pertencente então à Inspetoria do Uruguai.

Enquanto Rota visitava as comunidades salesianas do Sul do Brasil, um dos assuntos mais discutidos era a questão da sucessão do P. Carlos Peretto, cujo tempo de inspetorado chegava ao fim.

Em geral, temia-se na Inspetoria que o escolhido pelos superiores de Turim fosse o P. Luís Zanchetta, terceiro diretor do Colégio Santa Rosa, e naquela época à frente do Colégio São Joaquim. Por seu caráter autoritário, havia perdido em parte a estima de muitos salesianos. Assim sendo, Rota julgou bom prevenir ao P. Albera, membro do capítulo superior, a respeito dos possíveis inconvenientes dessa nomeação de Zanchetta:

“Falando de sua nomeação de inspetor tida como provável, alguém me disse que isto teria produzido uma verdadeira *revolução* na Inspetoria. Isto não aconteceria certamente. Mas dadas as teorias de alguns sobre a obediência... Outro me disse que nesse caso muitos fariam pedido para sair da Congregação. Também isto provavelmente não sucederia em tão grande escala; mas certamente o P. Zanchetta teria muito que sofrer”.

Rota, portanto, estava plenamente consciente de sua posição de visitador, procurando de modo responsável ajudar os superiores de Turim a compreenderem melhor a realidade da situação salesiana no Brasil, da qual estavam tão distantes.

Não obstante, o visitador faz questão também de ressaltar que a marca deixada por Zanchetta em Niterói era certamente de um superior zeloso pela observância religiosa. Por isso acrescenta mais adiante:

“Devo todavia terminar com uma observação que certamente não é desfavorável ao P. Zanchetta. Não fiz ainda a visita ao Colégio Santa Rosa, mas pelo pouco que vi e ouvi, parece-me poder dizer que aquele colégio é o único da inspetoria onde reine o respeito e a observância da Santa Regra, e no qual se respire um clima religioso. Pelo menos a aparência é esta: espero que na minha visita não terei de retratar-me desta asserção”¹.

Ao fazer a visita ao Colégio Santa Rosa, em Niterói, Rota foi colhido por uma surpresa. Ao invés de poder seguir imediatamente para Montevideú, como havia programado, foi chamado pelo inspetor Peretto para Lorena, onde estava então a sede inspetorial. Veio então a saber que já havia sido

¹ Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

designado pelos superiores de Turim como inspetor do Sul do Brasil, devendo Peretto seguir para Mato Grosso como visitador extraordinário, em seu lugar.

Os superiores o chamavam também a Turim, antes de ser empossado do novo cargo. Rota comunicava ao secretário do Capítulo que seguiria imediatamente para Montevideu a fim de encontrar-se com o inspetor José Gamba, e de lá viajaria para a Itália, sem mesmo voltar a Bagé. Entrementes, havia suplicado ao P. Peretto que mantivesse a sua nomeação ainda em sigilo, na esperança de obter a suspirada exoneração do novo cargo.

Ao chegar a Turim, provavelmente em princípios de novembro desse ano de 1908, Rota encontrou os superiores da Congregação inabaláveis com relação à sua nomeação para inspetor das casas do Sul do Brasil.

A primeira atuação de Rota, ao assumir o novo cargo, foi estabelecer a sede da inspetoria no Liceu Coração de Jesus.

A possibilidade de transferir a sede da inspetoria para São Paulo já fora ventilada anteriormente, por situar-se o Liceu na capital do Estado, bem como pela ampliação da obra salesiana em São Paulo. Com o inspetor Rota, a idéia se transformava em realidade.

A partir de 1912 a responsabilidade do inspetor aumentou, com a união entre a Inspetoria do Norte e do Sul, e a integração das casas do Rio Grande do Sul, até então dependentes do Uruguai, nessa Inspetoria brasileira.

Ao que tudo indica, a decisão de unir as duas inspetorias partiu do próprio capítulo superior da Congregação Salesiana, à frente da qual estava então o P. Paulo Álbera, como forma de solução de alguns problemas prementes.

Apesar da insistência em ficar livre do cargo, os superiores julgaram que Rota era a pessoa mais indicada para assumir o governo da grande Inspetoria brasileira, da qual apenas se excluía agora a Inspetoria missionária do Mato Grosso.

Em carta de 25 de março de 1912 ao P. Gusmano, Rota alude a esse assunto nestes termos:

“Com relação à união das duas inspetorias em uma só, aumentada pelas duas casas do Rio Grande do Sul, nada tenho a dizer por agora. Fiz, a seu tempo, minhas observações: veio a obediência, vieram as comunicações oficiais, e... assim seja! Escrevi também ao P. Giordano que ao menos por algum tempo atue efetivamente como *delegado* com todos os poderes, pois não era o caso de fazer agora nenhuma modificação”².

Já desde muito a obra salesiana fora implantada no Rio Grande do Sul, mas durante quase todo o período anterior estivera na dependência da Inspeção uruguaia.

Ao assumir agora a direção das duas casas do Rio Grande do Sul, nas cidades de Bagé e Rio Grande, Rota preocupa-se desde o início com a melhor forma de desempenhar o seu ofício. Resolve portanto enviar para o Rio Grande do Sul o P. Peretto, como uma espécie de delegado inspetorial.

É nesse sentido que ele escrevia do Rio Grande ao superior geral P. Albera, em carta de 23 de março de 1912:

“Estando essas duas casas muito distantes de São Paulo, e incômodas para serem visitadas (tanto é assim que para ganhar tempo convém vir antes a Montevideú), é necessário um homem de prudência e experiência na qual eu possa confiar também para alguma coisa que ocorra nessa casa do Rio Grande. Dificilmente poderei vir aqui mais de uma vez ao ano. Além disso, eles deverão fazer por conta própria os Exercícios Espirituais, e nisto o P. Peretto será de grande auxílio”.

Alegando esses motivos, já havia nomeado Peretto diretor do colégio de Bagé.

Dois aspectos ficam bem evidentes nas atitudes do inspetor Rota. Em primeiro lugar, um grande desejo de não centralizar e monopolizar o poder, sabendo, sempre que necessário, dividir responsabilmente a função da autoridade, considerada por ele como um verdadeiro serviço comunitário. Em segundo lugar, a consciência de que o cargo de superior impunha-lhe assumir decisões, antecipando mesmo ordens superiores em casos urgentes. Assim como sabia redistribuir a sua autoridade, sabia também sentir-se res-

² Arquivo Central da Sociedade Salesiana, Roma.

ponsável pela mesma, evitando manter-se numa atitude de dependência servil dos superiores de Turim, cuja distância impedia de poder acompanhar de perto, e por conseguinte, fazer também uma avaliação exata dos problemas brasileiros.

Quando a Inspetoria do Norte foi anexada à do Sul, possuía seis obras salesianas: o Colégio de Artes e Ofícios do Sagrado Coração de Jesus, em Recife, primeira obra fundada na região Nordeste, em 1894; o Liceu Salesiano de Salvador, aberto em 1900; a Colônia Agrícola São Sebastião, fundada nesse mesmo ano em Jaboatão, Pernambuco; o Instituto Orfanotrófico São Joaquim, no Recife, cuja direção fora confiada aos salesianos em 1902; a Escola Agrícola São José em Tebaida, Aracaju, onde funcionou por algum tempo o noviciado da Inspetoria, transferido em seguida para Jaboatão; em 1910, finalmente, foi fundado o Colégio N. S.^a Auxiliadora, em Aracaju.

Desde o início a Inspetoria estivera sob a direção do P. Lourenço Giordano.

O motivo principal que levou à decisão superior de unir essa Inspetoria à do Sul foi a debilidade apresentada então pela obra salesiana naquela região do país.

A esse respeito, assinala Marcigaglia:

“É certo que, naqueles anos, a Inspetoria do Norte não ia bem. Pouco pessoal e cansado. Os salesianos das casas do Norte não passavam de 60, quando no Sul eram 118.

O sintoma mais grave era a crise de autoridade, talvez em consequência da escassez de pessoal. O inspetor não podia dispor livremente de pessoal. Cada diretor guardava ciosamente os seus elementos, nem permitia que algum saísse de sua casa antes da chegada do substituto...”.

E o cronista salesiano conclui:

“Pode-se afirmar que, com a união das inspetorias, esta falha ficou sanada. O P. Rota era homem de grande prestígio e autoridade. Sabia usá-la com parcimônia e prudência”.

Na opinião de Marcigaglia, o grande benefício que a Inspetoria do Norte recebeu através da união das inspetorias foi a melhor formação do pessoal salesiano. Escreve ele:

“Mas, foi sem dúvida, na importantíssima questão da formação do pessoal salesiano que a Inspetoria do Norte mais se beneficiou. Os aspirantes, os noviços e os estudantes de filosofia e teologia tiveram seus ambientes apropriados e pessoal docente adequado, tiveram cursos regulares e bem feitos em Lorena, Lavrinhas e na Itália”³.

Sem dúvida, entre os grandes méritos da atuação do inspetor Rota, como já foi ressaltado anteriormente, está a preocupação com a formação do pessoal salesiano, mediante a organização de institutos especializados nesse sentido.

Mas durante o seu longo governo merece ser destacado outro aspecto importante, a saber, a reavaliação das obras salesianas. Depois de vinte e cinco anos de presença no Brasil, nem todas as obras fundadas atendiam às necessidades prioritárias, seja na área de educação da juventude, seja na atuação pastoral. Por essa razão algumas obras foram fortalecidas e outras, com pouco significado histórico, foram fechadas.

Outro ponto já assinalado anteriormente foi o cuidado do inspetor na organização das associações de ex-alunos e cooperadores salesianos.

A atuação de Rota foi tão eficiente que, apesar de seus repetidos esforços por deixar o cargo após o primeiro sexênio de governo, foi mantido pelos superiores de Turim à frente da grande inspetoria brasileira até o ano de 1925.

O cronista Marcigaglia sintetiza as grandes linhas do governo inspetorial de Rota neste tópico significativo:

“Na Inspetoria do Sul, em 1909, foi nomeado superior o P. Pedro Rota, que teve uma atuação realmente notável. De 1912 a 1925 governou também a Inspetoria do Norte, que foi unida à do Sul. Apesar das dificuldades (falta de pessoal, crise econômica e a guerra européia de 1914 a 1918), pode-se afirmar que consolidou as obras salesianas no Norte e Sul do país, imprimindo um forte desenvolvimento aos colégios e às missões”.

³ Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1958, v. II, p. 117-118.

E em seguida acrescenta:

“No início de sua gestão, foi forçado a fechar alguns colégios, que não davam garantia de futuro, como os colégios de Guaratinguetá, Batatais e Tebaida. Resolveu a questão dos noviços e aspirantes, abrindo para eles as casas de Lavrinhas, Ascurra e Virgínia. E a outra delicada questão dos estudantes de teologia, enviando-os para estudar na Itália e, durante a guerra, no Uruguai. Fundou a segunda obra salesiana na cidade de São Paulo (a paróquia de N. S.^a Auxiliadora em 1914 e o Instituto Dom Bosco em 1919). Garantiu o afluxo de vocações salesianas, fundando nossa obra em lugares estratégicos (Santa Catarina e Espírito Santo). Incorporou à nossa Inspeção as duas casas do Rio Grande do Sul, já existentes (Rio Grande e Bagé). Fundou o colégio de Manaus, e as sedes missionárias de São Gabriel e de Taraquá. Tomou a seu cargo a obra heróica da Missão do Rio Negro, que nos seus difíceis inícios custou um elevado preço de vidas, saúde e dinheiro”⁴.

Se a Lasagna foi atribuído o título de fundador da obra salesiana, ao P. Pedro Rota compete sem dúvida alguma o de consolidador da obra salesiana no Brasil.

Como expressão do valor dessa consolidação pode-se indicar a expansão sucessiva da obra salesiana, hoje dividida em seis inspeções.

⁴ Marcigaglia, Luís, *ob.cit.*, v. II, p. 343.

CONCLUSÃO

A finalidade precípua desta obra, conforme foi ressaltado na introdução, era tentar compreender o significado histórico da presença dos salesianos no Brasil a partir do último quartel do século XIX.

Para isso, foram escolhidas duas óticas específicas: em primeiro lugar, uma análise da participação da Congregação Salesiana na vida da Igreja nesse período, em que se implantou no país o modelo de Igreja como sociedade hierárquica, dentro dos moldes tridentinos; em segundo lugar, um estudo sobre a colaboração oferecida pelos salesianos à sociedade brasileira, numa época em que a burguesia urbana emergente iniciava a realização do seu projeto de industrialização do país, numa perspectiva capitalista.

O modelo tridentino de Igreja, implantado pelos bispos reformadores desde o Segundo Reinado, entrou em fase decisiva de consolidação com o início da era republicana, e a subsequente separação entre Igreja e Estado. As principais características da Igreja nesse período são elencadas com bastante penetração por João Alfredo Montenegro. Eis suas palavras:

“Consolidada a organização republicana, acomoda-se a Igreja ao novo regime político, começando a plantar as bases de um trabalho pastoral duradouro e marcante, o qual é orientado pela concepção religiosa da vida, num conservadorismo recebido das fontes católicas européias com o pontificado de Pio IX.

Persiste, portanto, o sobrenaturalismo, com as manifestações do moralismo e legalismo. O tom apologético dos pronunciamentos eclesiais caracteriza o acentuado exclusivismo

católico, sobrepassando às outras posições doutrinárias e aos autônomos movimentos temporais.

É neste período de intenso alargamento das estruturas de organização da Igreja do Brasil que se notabilizam a criação de quase todas as dioceses existentes (até 1889 só havia doze dioceses), o desenvolvimento de obras de caridade, o aparecimento de novas associações religiosas”.

E em seguida, o mesmo autor acrescenta:

“Tudo colabora para o enclausuramento da Igreja na missão sacramental, inclinada para novas formas devocionais, onerada pela complicada liturgia, pouco espontânea pelo legalismo minudente”.

Mais adiante, João Alfredo enfatiza ainda este aspecto importante:

“Não entende o catolicismo ortodoxo as elaborações religiosas espontâneas, desviantes do figurino europeu ou do legalismo romano, taxando-as de heresias”¹.

Não obstante essas limitações, é evidente que a atuação da Igreja teve uma repercussão muito grande sobre a sociedade brasileira nesse período, sobretudo na educação católica dos setores urbanos em ascensão. A reforma católica tem importância fundamental na formação cristã das populações urbanas de classe média, que passam a constituir a partir de então as bases de sustentação sócio-econômica da Igreja institucional.

Dentro desse contexto, a atuação salesiana se desenvolve basicamente num esforço de fidelidade aos padrões eclesiais vigentes.

De modo geral pode-se afirmar que o trabalho salesiano se orienta na perspectiva global da reforma católica. Essa preocupação de entrosamento entre a obra de Dom Bosco e a atividade pastoral da Igreja aparece bem nítida em Lagna, mas se enfraquece em períodos posteriores. Tal fato deve ser atribuído não apenas a um enclausuramento progressivo dos salesianos dentro dos muros de seus estabelecimentos, mas também porque falta um projeto conjunto do

¹ Montenegro, João Alfredo, *Evolução do Catolicismo no Brasil*, Petrópolis, Vozes, 1972, p. 154-155; 161.

episcopado para mobilização da Igreja, pelo menos na fase anterior à presença marcante de D. Leme como arcebispo e cardeal do Rio de Janeiro.

Existe, sem dúvida, uma afinidade entre os salesianos e o episcopado na luta por uma ordem conservadora, e numa firme recusa das novas conquistas liberais. Convém ressaltar, porém, que os salesianos, na prática, têm mais facilidade de amoldar-se à realidade histórica brasileira do que outros religiosos vindos da Europa nesse período.

Em modo análogo à hierarquia eclesiástica, também os salesianos privilegiam o ensino da doutrina cristã, como um dos pontos-chaves da formação religiosa. E não falta também aqui, evidentemente, uma forte tônica apologética.

A ótica sobrenaturalista e moralista, sobretudo com relação à educação sexual, constitui também uma característica dos salesianos.

A prática sacramental apresenta-se como um dos pontos altos da formação cristã orientada pelos salesianos. Para isso convergem também a promoção de devoções e a organização de associações religiosas entre alunos, cooperadores e amigos da obra de Dom Bosco.

Por outro lado, a espontaneidade típica do povo italiano, ao qual pertencem em sua maioria os salesianos vindos ao Brasil nas primeiras levas, bem como a própria abertura popular com que Dom Bosco quis assinalar a sua obra, impedem que os salesianos se transformem em rígidos defensores da ortodoxia eclesiástica. Isso explica em parte a grande aceitação da obra salesiana no Brasil, e sua rápida expansão pelas diversas regiões do país.

Não faltou também, durante o correr dos anos, um esforço progressivo de adaptação da obra de Dom Bosco à sociedade brasileira, não obstante as tensões eventuais provocadas por essa atitude com o governo central de Turim.

Em síntese, poder-se-ia dizer que os salesianos se mantêm nesse período fiéis às diretrizes do episcopado, participando assim tanto dos méritos do movimento reformador como de seus condicionamentos e limitações. O fato de que a partir da segunda década do século XX diversos membros da Congregação Salesiana tenham sido elevados ao episcopado pode representar a confiança da Santa Sé nesse Instituto religioso.

Existe ainda outro aspecto que deve ser tomado em consideração, e é o seguinte: a pouca preocupação dos discípulos de Dom Bosco em enfatizar os princípios básicos das orientações romanas, impediu que a Congregação se transformasse num bastião do ultramontanismo antiliberal, como foram outros institutos religiosos.

Mesmo atuando dentro de um modelo de Igreja bastante enclausurado, a atividade educativa obrigava os salesianos a um contato mais direto com a realidade brasileira.

Sem dúvida nesse período coube às Igrejas protestantes a primazia no sentido de criar condições para a afirmação das idéias liberais, base do Estado moderno brasileiro.

Rubem Alves enfoca com propriedade esse aspecto nestes termos:

“Ao nível externo, há indícios de que o Protestantismo, no momento de seu estabelecimento no Brasil, se apresentava como uma força renovadora. Não pretendia um simples ajustamento às condições político-sociais dominantes. A organização democrática de suas Igrejas, seu esforço educacional liberal, sua vocação secularizante de separação entre Igreja e Estado, sua denúncia das conseqüências economicamente retrógradas e politicamente totalitárias do domínio católico no Brasil, são evidências de que, naquele momento, o Protestantismo desejava profundas transformações políticas, sociais e econômicas no país”².

Em estudo bastante incisivo, Jether Ramalho evidencia a importância da prática educativa protestante no Brasil, com estas palavras:

“O pioneirismo pedagógico e as inovações didáticas que são introduzidas no Brasil pelos colégios protestantes — o que, de certa forma, é reconhecido pelos estudiosos da matéria — são melhor interpretados quando vistos na perspectiva de representações antecipadas de um estágio mais moderno do sistema capitalista ainda não atingido, na época, pelo Brasil.

O êxito alcançado pelos colégios protestantes deve ser explicado não somente em termos de comparação com a

² Alves, Rubem, *Protestantismo e Repressão*, São Paulo, Atica, 1979, p. 11.

prática educativa existente, mas principalmente pela nova visão de mundo que apresentam, e de forma mais específica, pela configuração da sociedade que representam, e que é tida como o modelo a ser alcançado — a sociedade norte-americana. Daí a sua aceitação, não pelas famílias oriundas da nobreza e da burguesia tradicional, mas da classe média ascendente urbana e da pequena burguesia progressista, cheia de ambições e sedenta de poder”³.

Dentro dessa ótica protestante, o princípio da liberdade deve fundamentar toda a educação, e como decorrência do sentido que se dá à liberdade, essa educação se centra no indivíduo. A preocupação pela eficiência do ensino constitui um elemento permanente, e o sucesso pessoal dos alunos permite medir o seu aproveitamento. A educação deve estar então voltada para a vida, para atividades úteis e práticas.

Em síntese, a educação é o instrumento mais eficaz para se alcançar o considerado tipo de governo ideal — a democracia.

Na área da Igreja Católica, as restrições ao liberalismo continuavam fortes, pois, conforme as orientações de Pio IX, um católico não poderia nunca ser um liberal.

Enquanto os colégios protestantes se tornavam importantes veículos da ideologia liberal, interpretada sob uma ótica cristã, os colégios católicos continuavam geralmente a manter-se numa linha conservadora e autoritária.

Dentro do contexto católico, a educação salesiana se apresenta com um caráter bastante renovador. A rigidez da disciplina é substituída por um clima familiar, onde a autoridade procura apresentar-se numa perspectiva de paternidade amiga e orientadora. A convivência dos superiores com os alunos transforma por vezes esses vigilantes da ordem colegial em verdadeiros irmãos mais velhos.

A alegria e a espontaneidade apregoadas por Dom Bosco, exortando a que se desse aos alunos horas de lazer onde pudessem brincar, correr e gritar à vontade, criavam com frequência, dentro da monotonia da vida escolar, tempos e espaços de liberdade e criatividade, que serviam de contra-

³ Ramalho, Jether Pereira, *Prática Educativa e Sociedade*, Rio, Zahar, 1976, p. 161-162.

ponto à extrema rigidez mantida em matéria de educação sexual.

Pode-se mesmo dizer que os colégios salesianos se apresentam em alguns aspectos numa posição de vanguarda dentro da área da educação católica, onde, salvo raras exceções, os conceitos de ordem, disciplina e autoridade mantinham a supremacia incontestável.

Ao analisar os primórdios da obra de Dom Bosco na América Latina, Morand Wirth acena aos vínculos das instituições salesianas com as classes dominantes, e às conseqüências dessa dependência, afirmando:

“Para facilitar seu estabelecimento, procuraram apoio das autoridades religiosas, mas também dos governantes e da classe dirigente, o que não estava isento de perigos”⁴.

A bem da verdade, deve-se notar que o apoio recebido pelos salesianos por parte do poder político durante o período imperial e republicano proveio também do caráter mais aberto apresentado pela instituição de Dom Bosco.

Embora os institutos salesianos tenham sido patrocinados em sua fundação e seus primórdios pela aristocracia e pela burguesia agrária tradicional, a clientela atingida era principalmente de famílias de classe média ou remediada, cujos filhos eram assim preparados para a sociedade urbana, em crescente afirmação no país.

No Brasil, a pequena burguesia emergente foi marcada por duas ideologias principais: o liberalismo e o positivismo. Enquanto a educação protestante oferecia elementos éticos para a valorização da ideologia liberal, a educação católica mostrava afinidades bem maiores com a ética positivista do dever, da ordem e da autoridade. Ainda que estruturalmente vinculados a esse pensamento conservador, os educadores salesianos não foram muito rígidos na manutenção ortodoxa desses princípios. Daí a simpatia que gozaram mesmo por parte de líderes liberais durante o período republicano.

É necessário assinalar, por fim, que os salesianos, ao se estabelecerem no Brasil, não criaram nenhum projeto novo

⁴ Wirth, Morand, *Dom Bosco e os Salesianos*, São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1971, p. 225.

adaptado à nova realidade com a qual se defrontavam. Não houve, aliás, sequer um estudo das condições sociais e econômicas vigentes no país. Simplesmente transplantaram para cá instituições e métodos que já haviam dado pleno resultado na Itália. É ainda Morand Wirth que ressalta esse aspecto, afirmando:

“Animados por Dom Bosco, consagraram a maior parte de suas forças em obras que já haviam sido experimentadas: colégios, oratórios, paróquias...”⁵.

Por essa razão, um dos problemas sociais cruciantes do Brasil nesse período, a saber, a marginalização dos filhos libertos de escravos ou ex-escravos, não recebeu atenção adequada nem da Congregação Salesiana, nem de qualquer outro instituto vindo da Europa.

Na transposição do que já havia resultado em êxito na Itália, os salesianos privilegiaram os colégios para estudantes, com as escolas de artes e ofícios.

As escolas profissionais e agrícolas, valorizadas principalmente nas primeiras décadas, representaram uma contribuição importante dos salesianos para a sociedade brasileira, assim ressaltada pelo renomado sociólogo Gilberto Freyre:

“Em nenhum dos colégios da época se iniciavam os meninos em qualquer arte e ofício, deixando-se esse ensino exclusivamente para os liceus de artes e ofícios, para os patronatos, para os aprendizados de artífices. Aqui se deve destacar notável contribuição católica para o desenvolvimento da educação dos brasileiros: a representada pelos colégios salesianos, que foram estabelecidos no país nos fins do século XIX. Colégios do tipo de Santa Rosa, de Niterói, e onde aos estudos secundários se acrescentavam os de artes e ofícios, segundo as mais modernas técnicas em vigor nessas artes e nesses ofícios”.

Em seguida, o mesmo autor conclui:

“Antecipando-se esse progresso católico — o do ensino técnico, o das artes e ofícios, o do aprendizado mecânico — ao progresso intelectual que se vinha esboçando em subáreas brasileiras como a paulista, nessa antecipação a Igreja re-

⁵ Wirth, Morand, ob.cit., p. 225.

velou-se atenta aos novos rumos e tendências do desenvolvimento brasileiro”⁶.

Também Júlio Maria, um dos intelectuais mais representativos do catolicismo nos primórdios da República fazia a seguinte referência à implantação da obra salesiana no Brasil:

“Foi muito depois dos lazaristas e dos jesuítas, as duas importantes congregações que com máxima solicitude se dedicaram ao ensino da juventude, tendendo uma especialmente à preparação de moços para a carreira sacerdotal, e outra para as diferentes carreiras da atividade humana, que vieram para o Brasil os salesianos que se estabeleceram no país em 14 de julho de 1883”.

E prossegue neste tom enfático:

“Este dia é memorável para todo o brasileiro que ame a sua pátria, e conheça a origem, o plano, os intuítos dos institutos salesianos, cuja concepção é a mais bela solução do problema social em nossa época”⁷.

Com todas as suas limitações, não resta dúvida de que a contribuição dada pelos salesianos durante o período de implantação e consolidação da obra de Dom Bosco no país foi bastante significativa para a Igreja e para a sociedade brasileira.

Ao debruçar-se, porém, sobre o passado, o historiador tem os olhos voltados para o futuro, pois, segundo o adágio antigo, “A história é a mestra da vida”. As lições do passado devem orientar as ações do presente e os projetos do futuro. O estudo crítico do passado deve oferecer elementos para orientar os rumos do futuro. Como os acontecimentos históricos não se repetem, a utilização dos ensinamentos do passado supõe evidentemente grande capacidade de discernimento na analogia das situações e das fases da evolução social.

A meu ver, a realidade brasileira apresenta atualmente analogias marcantes com a época em que os salesianos se

⁶ Freyre, Gilberto, *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1974, 3.ª ed., v. II, p. 581; 587-588.

⁷ Maria, Júlio, *O Catolicismo no Brasil (Memória Histórica)*, Rio, Agir, 1950, p. 166-167; 171-172.

implantaram no país. De fato, tanto a Igreja como a sociedade mostram sintomas claros de estarem passando por uma fase de transição.

Quando os salesianos se estabeleceram no país, operava-se a transição da Igreja — Crisandade para o modelo Igreja — hierárquica. A partir dos anos 60, estamos vivendo a instituição desse último modelo, inspirado nos princípios tridentinos, pela concepção de Igreja-Povo de Deus, referendada pelos padres conciliares no Vaticano II.

Ao estabelecer a diferença entre esses dois modelos implantados no Brasil, Thomas Bruneau ressalta que no século passado a Igreja “passou a orientar a sua abordagem de influência segundo a linha da Europa ocidental, que era totalmente inadequada para o Brasil rural e subdesenvolvido. Dentre os aspectos dessa abordagem se destacam o fechamento da instituição para o mundo externo, uma estratégia pastoral orientada para as classes média e alta, e uma geral falta de interesse e atenção para com o contexto particular brasileiro”.

Agora, porém, estamos diante de novos rumos. “A Igreja no Brasil está preparando o povo para ser capaz de ajudar, pela primeira vez, a determinar a direção de uma sociedade que ainda está por emergir”.

E o mesmo autor conclui:

“Mesmo que falte poder à Igreja, e que sua influência geral continue frágil, ela está definindo um papel e uma posição na sociedade inteiramente coerentes com as raízes radicais do Evangelho, tantas vezes proclamadas e tão raramente postas em prática”⁸.

Desse modo, ao invés de continuar atrelada aos grupos conservadores, a Igreja abre caminho para atuar junto às novas forças emergentes no país.

Como observa com acuidade Francisco Rolim, esta opção da Igreja por uma atividade pastoral em favor das camadas populares foi também provocada pela própria pressão e

⁸ Bruneau, Thomas C., *Religião e Politização no Brasil. A Igreja e o Regime Autoritário*, São Paulo, Edições Loyola, 1979, p. 185; 191.

influência sempre maior das forças proletárias no cenário brasileiro⁹.

De fato, não é somente a Igreja que está em fase de transição, mas toda a sociedade brasileira. E a característica mais expressiva dessa mudança é sem dúvida a emergência das classes populares como uma nova força ao lado da burguesia que, consolidada no poder, se tornara cada vez mais conservadora.

Ao ressaltar o dinamismo atual de nossa vida social, os autores da *História da Sociedade Brasileira* enfocam os seguintes aspectos:

“O Brasil vive hoje nas lutas dos trabalhadores... que se reorganizaram em novos moldes... os autênticos interesses da classe”.

“O Brasil vive hoje nas Associações de Bairros, especialmente os mais carentes, que procuram reivindicar aos Poderes Públicos os direitos mais comuns de qualquer cidadão, como luz, água ou esgoto, ou realizar através de conta própria, através de *mutirões*, o que as autoridades esquecem de fazer.

A sociedade brasileira é fermentada também pela ação das *comunidades eclesiais de base*, onde predomina a preocupação de não se dissociar a fé religiosa das questões concretas que o cotidiano coloca, e de defender a libertação do homem por seu próprio esforço, sem paternalismos ou imposições...

A sociedade volta a sentir a presença dos estudantes, que realizaram vários atos públicos após quase 10 anos de silêncio. Querendo participar nas decisões que atingem o conjunto do povo brasileiro... eles negam a solução escapista a que muitos se entregaram, provocando em boa parcela da juventude indiferença com relação ao social”¹⁰.

É dentro desse novo contexto histórico que os salesianos do Brasil celebram o seu primeiro centenário, e se dispõem

⁹ Rolim, Francisco Cartaxo, *Religião e Classes Populares*, Petrópolis, Vozes, 1980, p. 13-28.

¹⁰ Alencar, Francisco; Carpi, Luda; Ribeiro, Marcus Venício, *História da Sociedade Brasileira*, Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1980, p. 335-336.

a prosseguir em sua atuação religiosa e educativa. Para que essa presença futura se torne também significativa em termos históricos, é necessário muito discernimento e coragem: discernimento na análise da evolução atual da sociedade; coragem na criação de novas estratégias, e no estabelecimento de condições adequadas para a ação.

É este o grande desafio apresentado hoje pela realidade brasileira, e que espera uma resposta decidida dos filhos e discípulos de Dom Bosco.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- Albera, Paolo, *Mons. Luis Lasagna*, Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1945.
- Alencar, Francisco e outros, *História da Sociedade Brasileira*, Rio de Janeiro, Livro Técnico, 1980.
- Alves, Rubem, *Protestantismo e Repressão*, São Paulo, Ática, 1979.
- Azzi, Riolando, *Os Salesianos no Rio de Janeiro*. São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco: v. I *Os Primórdios da Obra Salesiana (1875-1884)*, 1982; v. II *A Implantação da Obra Salesiana (1884-1894)*, 1983; v. III *A Organização da Obra Salesiana (1894-1908)*, 1983.
- Azzi, Riolando, *Uma Presença entre os Pobres*. Padre Rodolfo Komorek, São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1981.
- Belza, Juan E., *Lasagna, el Obispo Misionero*, Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1970.
- Bosco, Giovanni, *Opere Edite*, Roma, LAS, 1977.
- Bruneau, Thomas, *O Catolicismo Brasileiro em Época de Transição*, São Paulo, Loyola, 1974.
- Bruneau, Thomas, *Religião e Politização no Brasil. A Igreja e o Regime Autoritário*, São Paulo, Edições Loyola, 1979.
- Carta do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Bispo do Rio de Janeiro em favor de um estabelecimento de Ofícios, Artes e Letras em Niterói*, Rio, 1883.
- Ceria, Eugênio, *Annali della Società Salesiana*, Turim, SEI, 1941.
- Ceria, Eugênio, *Memorie Biografiche del beato Giovanni Bosco*, Turim, SEI, 1929, v. XIIss.
- Costa, Emília Viotti da, *Da Monarquia à República, Momentos Decisivos*, São Paulo, Grijalbo, 1977.
- Duroure, João Baptista, *Dom Bosco em Mato Grosso, Campo Grande, Missão Salesiana de Mato Grosso*, 1977.
- Freyre, Gilberto, *Ordem e Progresso*, Rio de Janeiro, José Olímpio, 1974, 3.^a ed.
- Hugo, Vítor, *Desbravadores*, Edição da Missão Salesiana de Humaitá (Amazcnas), 1959, 2 v.

- Lira, Heitor, *História de D. Pedro II*, Belo Horizonte, Itatiaia, 1977, 3 v.
- Marcigaglia, Luís, *Os Salesianos no Brasil*, São Paulo, Livraria Editora Salesiana, 1955, 3 v.
- Maria, Júlio, *O Catolicismo no Brasil (Memória Histórica)*, Rio, Agir, 1970.
- Pimenta, Silvério Gomes, *Vida de D. Antônio F. Viçoso*, 2.ª ed., Mariana, 1920.
- Ramalho, Jether Pereira, *Prática Educativa e Sociedade*, Rio, Zahar, 1976.
- Rolim, Francisco Cartaxo, *Religião e Classes Populares*, Petrópolis, Vozes, 1980.
- Scaramussa, Tarcísio, *O Sistema Preventivo de Dom Bosco, um Estilo de Educação*, São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1977.
- Silva, Carlos Leôncio da, *Sete Lustros da Inspeção Salesiana do Norte do Brasil (1895-1930)*, Lorena, 1966.
- Stella, Pietro, *Gli Scritti a Stampa di San Giovanni Bosco*, Roma, LAS, 1977.
- Wirth, Morand, *Dom Bosco e os Salesianos*, São Paulo, Editorial Dom Bosco, 1971.

OBRAS DO AUTOR

- Presença ou Ausência da Igreja?* São Paulo, Edameris, 1962.
- Educación Sexual, Un Nuevo Enfoque.* La Paz, Editorial Juventud, 1974.
- O Episcopado Brasileiro Frente ao Catolicismo Popular.* Petrópolis, Editora Vozes, 1977.
- O Catolicismo Popular no Brasil.* Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- A Concepção da Ordem Social Segundo o Positivismo Ortodoxo Brasileiro.* São Paulo, Edições Loyola, 1980.
- P. Rodolfo Komorek, Uma Presença Entre os Pobres.* São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco, 1981.
- Presença da Igreja na Sociedade Brasileira.* Rio de Janeiro, ISER, 1982.
- Os Salesianos no Rio de Janeiro.* São Paulo, Editora Salesiana Dom Bosco: v. I *Os Primórdios da Obra Salesiana (1875-1884)*, 1982; v. II *A Implantação da Obra Salesiana (1884-1894)*, 1983; v. III *A Organização da Obra Salesiana (1894-1908)*, 1983.

Endereço do Autor:

Av. Rui Barbosa, 170, ap. 1.406
22.250 — Rio de Janeiro — RJ

LIVRARIAS SALESIANAS

- | | | | |
|-------|---|-------|--|
| 01001 | São Paulo, SP (Centro)
Praça de Sé, 17
C.P. 30.439
Tel. (011) 32-0916 | 49000 | Aracaju, SE
Rua N. S.ª das Dores, 718
Tel. (079) 224-5385 |
| 03104 | São Paulo, SP (Mooca)
Rua da Mooca, 766
C.P. 30.439
Tel. (011) 279-1211 (PABX)
Telex (011) 32431 ESPS BR | 50000 | Recife, PE
Rua Dom Bosco, 551
C.P. 1727
Tel. (081) 222-5058 |
| 01215 | São Paulo, SP (Campos Elíseos)
Largo Coração de Jesus, 140
Tel. (011) 220-0730 | 30000 | Belo Horizonte, MG
Rua São Paulo, 656 - lj. 17B
Tel. (031) 201-9462 |
| 13100 | Campinas, SP
Rua Baronesa G. de Resende, 330
C.P. 210
Tel. (0192) 41-6599 | 21540 | Rio de Janeiro, RJ
Rua dos Topázios, 471
Rocha Miranda
Tel. (021) 390-1730 |
| 69000 | Manaus, AM
Rua da Instalação, 127
Tel. (092) 234-6139 | 24220 | Niterói, RJ
Rua Santa Rosa, 216
Tel. (021) 711-0970 |
| 70330 | Brasília, DF
Av. W 3, Quadra 702 A, Sul
C.P. 07-0962
Tel. (061) 223-0916 | 79100 | Campo Grande, MS
Rua 14 de Julho, 2818
Tel. (067) 624-9929 |
| 69800 | Humaitá, AM
Praça da Matriz, s/n.
Tel. (092) 273-1356 | 90000 | Porto Alegre, RS
Centro Gaúcho de Audiovisuais
Rua Dona Laura, 1020
Tel. (0512) 31-9355 (PABX) |

CENTROS DE DISTRIBUIÇÃO

- | | |
|--|---|
| <p>49000 Aracaju, SE
 GERMAX COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES Lt.da
 Rua João Pessoa, 320 - s. 311 e 704
 Tel. (079) 222-1152</p> | <p>78000 Cuiabá, MT
 DOMINGOS DIAS DA SILVA
 Rua Ataíde de Lima Bastos, 620
 Tel. (065) 321-2875</p> |
| <p>17100 Bauru, SP
 RUI CARVALLIO REPRES. S/C Lt.da
 Rua Luiz Aleixo, 6-48
 Tel. (0142) 23-2427</p> | <p>80000 Curitiba, PR
 BUECHNER & FREITAS Lt.da
 Rua Desembargador Westphalen, 15 - 4.º, s. 2
 Tel. (041) 22-5812</p> |
| <p>66000 Belém, PA
 DBP COM. REPRES. Lt.da
 Rua Silva Santos, 112 (Campina)
 Tel. (091) 222-6758</p> | <p>60000 Fortaleza, CE
 ORVIL — ORGANIZAÇÃO VILELA MIRANDA Lt.da
 Rua 25 de Março, 957
 Tel. (085) 226-4886</p> |
| <p>30000 Belo Horizonte, MG
 IVOLMAR JOSÉ CRUZ
 Rua São Paulo, 824 - s. 1002
 Tel. (031) 226-2540</p> | <p>74000 Goiânia, GO
 JOSÉ BORRAJO VILLARINO
 Av. Goiás, 606 — s. 1003
 Tel. (062) 223-6154</p> |
| <p>30000 Belo Horizonte, MG
 PEDRO RICCO
 Rua Dr. Alberto Cavalcante, 196
 Tel. (031) 462-0148</p> | <p>89200 Joinville, SC
 OSNY SCHUMACHER
 Rua Gen. Valga Neves, 242
 Tel. (0474) 22-2226</p> |
| <p>70300 Brasília, DF
 JOSÉ BORRAJO VILLARINO
 SCS - Ed. Serra Dourada - s. 105
 Tel. (061) 223-5383</p> | <p>86100 Londrina, PR
 CÉLIO MONTE S/C Lt.da
 Rua Sen. Souza Navis, 275 - 2.º, s. 206
 Tel. (0432) 27-1206</p> |
| <p>13100 Campinas, SP
 REPRES. LÍDER (SOKRATIS G. KRITIKOS)
 Rua Frei Antônio de Pádua, 755
 Tel. (0192) 41-5367</p> | <p>69000 Manaus, AM
 ORGANIZAÇÕES REUNIDAS REPRES. Lt.da
 Rua Lauro Cavalcante, 281
 Tel. (092) 234-6883</p> |
| <p>79100 Campo Grande, MS
 CLÁUDIO UEHARA
 Rua 14 de Julho, 2818
 Tel. (067) 624-9929</p> | <p>37700 Poços de Caldas, MG
 GENÉSIO MENDES DA SILVA
 Rua Minas Gerais, 488 - ap. 104 C.P. 821
 Tel. (035) 721-1436</p> |

- 90000 **Porto Alegre, RS**
REPRESENTAÇÕES ROLIMAR Lt.da
 Rua Voluntários da Pátria, 595
 - s. 201
 Tel. (0512) 33-7533
- 90000 **Porto Alegre, RS**
REPRESENTAÇÕES TOLEDO Lt.da
 Rua dos Andradas, 1629 - 1.º
 Tel. (0512) 21-9311
- 50000 **Recife, PE**
NORDIS NORDESTE DIST.
 EDITORAS
 Rua da Conceição, 106
 Tel. (081) 221-4306
 Rua Pereira Simões, 655 (res.)
 Tel. (081) 429-2885
- 21351 **Rio de Janeiro, RJ**
ABRADIVAL REPRES. Lt.da
 Rua Carolina Machado, 380
 - s. 608
 Tel. (021) 390-8050
- 40000 **Salvador, BA**
SCHLEU & FILHOS
 Rua Miguel Calmon, 17 - s. 101/3
 Tel. (071) 242-0758
- 40000 **Salvador, BA**
EVERSON CORREA DA SILVA
 Rua Rui Barbosa, 15 - cj. 208
 Tel. (071) 242-9184
- 11100 **Santos, SP**
CARLOS F. REIS REPRESENTAÇÕES
 Rua Joaquim Távora, 162
 Tel. (0132) 34-1498
- 65000 **São Luís, MA**
W. BARBOSA REPRESENTAÇÕES
 Rua da Paz, 633
 Tel. (098) 222-3442
- 03123 **São Paulo, SP**
WILSON LOPES
 Rua Carlos Venturi, 215
 Tel. (0132) 273-4696
- 01012 **São Paulo, SP**
CADERPEL S/C Lt.da
 Largo da Misericórdia, 23 - s. 1004
 Tel. (011) 35-2944
- 01027 **São Paulo, SP**
IPANEMA NORDESTE REPRES. Lt.da
 Rua Paula Souza, 471 - 1.º, cj. 1/A
 Tel. (011) 227-4988
- 02036 **São Paulo, SP**
JOSÉ G. PINHEIRO
 Rua Jovita, 155 - ap. 71-A
 Tel. (011) 290-4011
- 01228 **São Paulo (ABCD), SP**
GIUSEPPE FALCO
 Av. Angélica, 1280 - ap. 102
 Tel. (011) 66-6605
- 38400 **Uberlândia, MG**
ANTÔNIO MAURO C. SAVASTANO
 Rua Olegário Maciel, 542 - s. 7
 Tel. (034) 234-6957
- 37100 **Varginha, MG**
IVALDO FERREIRA ALVES
 Rua Maria Nazareth, 271
 Tel. (035) 221-2675

Os salesianos completam em 1983 cem anos de presença no Brasil.

Sendo a Congregação de Dom Bosco uma instituição fundada especificamente como expressão de serviço dentro da Igreja Católica, uma das melhores formas de estudar a contribuição histórica dos salesianos é analisar a atuação desses religiosos no contexto da Igreja do Brasil, no qual eles se inseriram a partir de 1883.

Por outro lado, tendo a Congregação Salesiana como finalidade primordial a educação da juventude, outra possibilidade de avaliação consiste em verificar qual a influência e o impacto dessa atuação educativa sobre a própria sociedade brasileira.

São essas as opções de abordagem histórica do autor. Seu enfoque básico, portanto, não é tanto a obra salesiana em si, mas sim a articulação da presença salesiana com a vida da Igreja e da sociedade.

Para realizar essa tarefa o autor privilegiou o estudo dos documentos dos primeiros cinquenta anos de atuação da Congregação Salesiana no Brasil, ou seja, as duas últimas décadas do século passado e as três primeiras deste século.

O autor é conhecido por suas publicações anteriores na área de História da Igreja do Brasil, e por seus recentes estudos sobre os salesianos no Rio de Janeiro.



**Editora Salesiana
DOM BOSCO**